EDITORA AZUL
Nº 33
Abril 1988
Cz$ 230,00

BIZZ

IRA!
A HORA DA MATURIDADE

GEORGE HARRISON
A VOLTA DO EX-BE[illegible]

CHICO BUARQUE
"EU NÃO SOU CONTRA O ROCK!"

EURYTHMICS

OS SELOS INDEPENDENTES NO BRASIL

CINEMA: OS FILMES MUSICAIS DE 88

PAULA TOLLER
A MUSA POP

Santarém (Via Aérea) Cz$ 300,00 - 5561

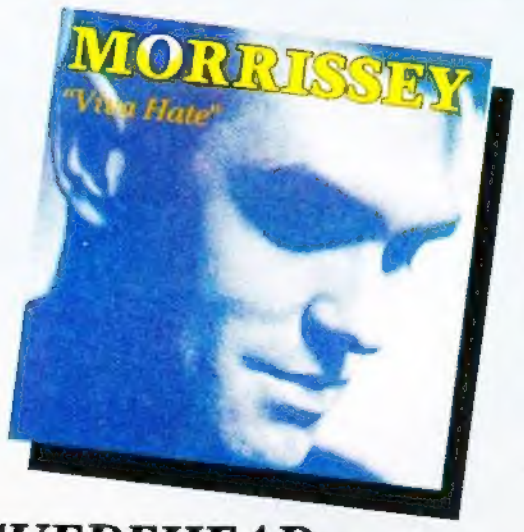
O disco mais esperado do ano

"VIVA HATE"

Do artista mais comentado do ano

MORRISSEY

O vocalista dos SMITHS lança o seu primeiro álbum solo



em discos e fitas EMI

incluindo ***SUEDEHEAD***

BIZZ

3 ÍNDICE
Você está aqui...

4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria

11 AIR MAIL
Direto dos Estados Unidos

14 PARADA
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno

28 VÍDEO
Alfred Hitchcock e os principais lançamentos

30 PAULA TOLLER
A abelha rainha, em grande forma

36 GEORGE HARRISON
O sucesso começa na meia-idade

40 IRA!
Vivendo e mudando

45 ENTREVISTÃO
As lições de novidade do velho Chico Buarque

56 ANNIE LENNOX
A porção mulher dos Eurythmics

60 GRAVADORAS INDEPENDENTES
O dossiê completo

66 ROBBIE ROBERTSON
Um veterano de volta (e não é armação)

68 GAYE BYKERS ON ACID
Grebo? A linha involutiva do rock'n'roll

72 CINEMA
Os "rockumentários" mais quentes

77 EM CARTAZ
Nadine — Um Amor à Prova de Balas, *A Voz do Silêncio* e *Romance*

80 LETRAS
"April Skies", do Jesus & Mary Chain

82 MEU INSTRUMENTO
Bocato trouxe o trombone

85 AO VIVO
Gilberto Gil & Caetano Veloso, Plebe Rude & Cólera, Lobão, Faith No More, Engenheiros do Hawaii, Biquini Cavadão, That Petrol Emotion

92 DISCOTECA BÁSICA
Revolver, de Walter Franco

90 CARTAS & SERVIÇOS

o pop brasileiro está em sua melhor forma. Desde 82, o Kid Abelha, com **Paula Toller** à frente, vem fazendo pop com sucesso e sem qualquer pudor ou restrição. No ano passado, jogaram uma cartada decisiva: mixaram um LP em Londres e montaram um espetáculo. É, isso mesmo, a palavra só pode ser espetáculo para os shows que arrebataram o Brasil de ponta a ponta. Um encantado **Thomas Pappon** foi o eleito para a doce missão. Por razões diferentes, Thomas também voltou animadíssimo da entrevista que fez com **Chico Buarque**. Além de uma aula de música cubana — que Hermano Vianna complementou com um painel sobre música latino americana — o cantor dos olhos verdes tem uma mensagem especial para os roqueiros...

Se as grandes gravadoras estão se virando para driblar a crise, imaginem como estão se arrumando as **Gravadoras Independentes** que, de resto, sempre se equilibraram na corda bamba... E o mais intrigante é que são elas muitas vezes as responsáveis pelos melhores lançamentos — vide a votação do Fellini pela crítica. Por essas e por outras, elas mereceram um dossiê completo sobre o assunto, com uma discografia selecionada de brinde. E outro desses casos que fazem supor que há mais coisas entre as bandas e o público do que a mídia: o **Ira!** passou o ano de 87 em brancas nuvens, digo, sem nenhum LP, e ainda assim, foi escolhido como quarto melhor grupo — sem falar no Edgard, o melhor instrumentista de crítica e públibo. **Marcel Plasse** foi no estúdio Nas Nuvens, conferir o disco que vem aí para arrebentar.

Se vocês estão se perguntando se só dá Brasil, aí vai: **George Harrison** — lembram de uma banda chamada Beatles? Pois é, ele era o guitarrista — fala de sua volta triunfal. No setor veteranos, **José Emilio Rondeau** esteve frente a frente com **Robbie Robertson**. E **Annie Lennox**, dos **Eurythmics**, dá o seu recado para **Stefano Mannucci**. Querem mais? Em Cinema, **U2, Prince, Chuck Berry, Cure**... É isso mesmo, um apanhado dos filmes musicais que vêm por aí. Agora é rezar para as distribuidoras de cinema e/ou vídeo sintonizarem nesse canal...

Bia Abramo

Robert Matheu/Reina

O velho George tira a guitarra do baú e, bem acompanhado, volta num LP carregado de energia

Foto da capa: Ciciano/Azul

LOBÃO SEM FRONTEIRAS

Se o juiz autorizou a viagem, **Lobão** está passando o mês de abril na Europa, a passeio. Deve estar conversando com radialistas, produtores e músicos, como Eric Clapton. Ao mesmo tempo, está acompanhando o lançamento do seu LP *Vida Bandida* na Europa e EUA pelo selo Brasiloid, pertencente à Celluloid, de Nova York (ver nota Brasil Exportação, nesta seção). Quando voltar da Europa, Lobão entra no estúdio para gravar seu quinto LP *Bobagens no Submundo do Purgatório*. E na seqüência, em julho, ele deverá excursionar pelos EUA, acompanhado pela banda Marajás Apedrejados — Roberto Lee(baixo), Renato Ladeira (teclados), Júlio Maia (guitarra), Fred Maciel (bateria) e João Luiz Segnerei (sax).

Ronaldo Salgado/Abril

Lobão: novo disco e viagens à civilização moderna...

OBRAS ILUSTRES

Never Stop: The **Echo & the Bunnymen** *Story* conta a história do famoso quarteto de Liverpool (Não! Não são os Beatles!). O autor é **Tony Fletcher** e a editora e a Omnibus Press (inglesa).

O **Cure** também teve sua vez. *10 Imaginary Years* é a biografia do grupo, lançada há poucos meses pela Zomba Books. Os autores são **Robert Smith** e os jornalistas **Barbarian** e **Steve Sutherland** (editor assistente da *Melody Maker*).

E quem quiser conhecer a fundo a música e a trajetória de **Mozart** pelas cortes européias do século XVIII, tem sua grande oportunidade com *Mozart*, escrito por **Stanley Sadie**, lançado aqui pela L&PM. A obra é extraída do *New Grove Dictionary of Music and Musicians*, considerada a enciclopédia mais precisa e atualizada da atualidade. O livro inclui uma lista completa de todas as peças escritas por Mozart.

FRANKIE NÃO FOI AO ESTÚDIO

Rapport/LFI

Aaah, os bons tempos em que o FGTH (Johnson é o 2º da esq.) dublava "Relax"

De janeiro a março aconteceram uma série de audiências que decidirão os rumos de um complicado caso que envolve a gravadora **ZTT** e o grupo **Frankie Goes to Hollywood** (mais especificamente o ex-cantor **Holly Johnson**) nos tribunais londrinos. A gravadora quer impedir Johnson de rescindir contrato, já que este saiu do Frankie Goes to Hollywood para lançar-se em carreira solo. Por outro lado, o cantor afirma que a ZTT lhe deve dinheiro referente às primeiras gravações do FGTH. Uma série de fatos curiosos veio à tona nessas audiências: 1) Foi revelado que os integrantes do grupo *não tocam* a maioria das músicas do LP *Welcome to the Pleasure Dome*, inclusive "Relax", um tremendo sucesso em paradas do mundo todo. Boa parte dos instrumentos ficou a cargo do produtor **Stephen Lipson** e de músicos de estúdio (vários integrantes dos Blockheads de Ian Dury estão no meio). 2) O produtor e *bigboss* **Trevor Horn**, o "mago de estúdio" da ZTT, entre outros recursos, utilizou um Sinclavier para encorpar e "afinar" a voz de Holly Johnson. 3) Em meio às gravações do segundo LP, *Liverpool*, Johnson quebrou o pau com os outros integrantes (houve distribuição de socos), o que provocou alterações nos horários de gravação (Johnson gravava de dia, e o resto de noite). Moral da história: até no pop inglês tem gente que "arma"...

CURTAS E GROSSAS I

Gamma/Sigla

Richie: rico às custas do suor alheio?

Lionel Richie está sendo julgado pela Suprema Corte dos EUA por uma acusação de plágio. Seu grande sucesso de 84, "Stuck on You" é chupado da canção "Somebody's Got to Love Her". É o que afirma o autor desta, um tal de Gene Thompson. É a segunda vez que Richie enfrenta esse tipo de problema. ● **Grace Slick** saiu do Starship (que era o Jefferson Starship, que era o Jefferson Airplane) por "razões pessoais". A cantora, hoje com 48 anos de idade, esteve no grupo durante 22 anos. ● **The Sound**, outro quarteto de Liverpool que surgiu em 80, lançou vários LPs e ultimamente pertencia ao cast do selo belga Play It Again Sam *(ver matéria sobre pop belga na BIZZ 28)*, acabou. O guitarrista/cantor/líder **Adrian Borland** vai seguir carreira solo.

OUÇA ESSA

"O rock'n'roll foi criado pelos Beatles, que introduziram o pop no rock" **André Singer**, secretário de redação da *Folha de S. Paulo*, numa matéria sobre o LP *Cloud Nine*, de George Harrison, publicada em fevereiro.

STING, FOCA DA *ACTUEL*

Sting e Raoni: o pop chega à selva...

A passagem de Sting pela Amazônia foi matéria de capa da *Actuel* de fevereiro. Tem dez páginas com texto escrito pelo cantor e fotos do cineasta Jean-Pierre Dutilleux *(Raoni, The Rhythmatist)*. Na matéria, intitulada "Passez-moi mon arc et mes flèches!" ("Passe-me meu arco e minhas flechas!"), Sting relata o seu contato com o cacique Raoni (chefe dos caiapós), os índios e a natureza do Alto Xingu e fala do seu encontro com uma perigosa cobra de mais de 10 metros, no meio do mato).

BAKRA BATÁ NO BRASIL

Bakra Batá; na Praça da República, São Paulo: Steel drums *à moda americana*

Quem esteve passeando e tocando pelo Brasil entre fevereiro e março foi o curioso grupo americano **Bakra Batá.** A banda foi formada há três anos em Seattle, no extremo noroeste dos EUA, por **Michael Shantz** e **Charles Carew**, que tinham aprendido a tocar *steel-drums* (também conhecidos como *pans*) — enormes panelões de aço, cuidadosamente afinados com chapas internas — na costa leste, com músicos vindos das Ilhas Virgens. A banda tem oito integrantes (alguns são de Trinidad e Tobago, outros do Canadá), que se revezam nos instrumentos — todos de percussão — a cada música. Evidentemente, os ritmos mais trabalhados vêm do Caribe (calipso, soca, reggae) e da África. Eles vieram ao Brasil a convite da Fundação Gregório de Mattos. Passaram o Carnaval em Salvador, depois estiveram no Rio, em São Paulo e no sul do país. Por todos os lugares onde passaram, fizeram apresentações em logradouros públicos e venderam suas duas fitas cassete independentes.

BRASILEIRA NO SHEARING TRIO

Ela tocava na banda do 150 Night Club, quando o famoso pianista inglês George Shearing (autor do clássico "Lullaby of Birdland") a ouviu e imediatamente a convidou para integrar seu trio. Foi assim que **Lilian Carmona** (que também tinha sido baterista do quinteto do saxofonista Hector Costita) chegou a Nova York para uma temporada no Café Carlyle (uma das mais tradicionais casas de jazz da cidade) e outra série de compromissos com o trio. Críticos locais têm tecido loas à sua "imaginação e sensibilidade" *(New York Times)*.

Carmona: lugar de mulher é na "cozinha"...

Brian Setzer ou Eddie Cochran?

NOVIDADES NO VINIL I

Saiu o novo LP de **Brian Setzer** (ex-guitarrista dos Stray Cats). Chama-se **Live Nude Guitars,** e tem coisas produzidas por **Dave Stewart** (Eurythmics) e **Chris Thomas** (antigo produtor dos Pretenders) ● Que piada! **Peter Waterman** (do trio de produtores/compositores Stock, Aitken & Waterman, os papas do brega chic inglês, responsáveis pelo sucesso de gente como Rick Astley, Samantha Fox e Mel & Kim) produziu o novo LP do **Judas Priest,** gravado em Paris. ● Sensacional é a trilha sonora do filme *Good Morning, Vietnam,* de Barry Levinson *(O Enigma da Pirâmide)*, com Robin "Popeye" Williams. Tem originais — remasterizados — preciosos dos anos 60. Coisas dos **Beach Boys, Wayne Fontana & the Mindbenders, Martha & the Vandellas, Them** (primeiro grupo de Van Morrison), **The Searchers, James Brown, The Marvelletes** e outras relíquias.

Gene Vincent e os (verdadeiros) Blue Caps

NOVIDADES NO VINIL II

Tem outro selo independente inglês semelhante ao Strange Fruit (que lança as Peel Sessions), especializado em lançar sessões de rádios. É o **Night Tracks,** que começou lançando a última gravação de **Gene Vincent** ("Be-Bop-A-Lula"), feita alguns meses antes de sua morte, em 71. O segundo lançamento é da cantora inglesa **Shandie Shaw,** gravada em 80 para o programa de Janice Long na BBC ● Enfim, está nas lojas o terceiro LP de **Thomas Dolby** (há quatro anos que ele não grava). Chama-se *Aliens Ate My Buick* ● **Peter Murphy** (cantor do extinto Bauhaus) lançou *Love Hysteria,* seu segundo LP solo. Foi produzido pelo ex-tecladista do Fall, Simon Rogers ● **Morris Day,** ex-integrante do Time que contracenou com Prince em *Purple Rain,* também está na praça de novo com o LP *Daydreaming* ● Matusalém manda avisar que **Leslie West** (guitarra) e **Jack Bruce** (baixo), ambos do finado power trio West, Bruce & Laing, estão juntos no LP solo de West, *Theme.* A bateria ficou por conta de **Joe Franco** (do Twisted Sisters).

CURTAS E GROSSAS II

Roger Taylor, que segura as baquetas no Queen (e compõe coisas como "Radio Ga Ga") formou o grupo **The Cross.** Lançaram um LP e parece que um single, "Shove It", andou lá pela septuagésima posição nos *Top 100* da Inglaterra. ● **David Lee Roth** foi às alturas na promoção do seu novo LP, *Skysraper.* Em janeiro ele escalou as paredes da Tower Records (conhecida cadeia de lojas de discos) em Los Angeles. E no clip de "Just Like Paradise" ele aparece subindo uma perigosa escarpa. ● **Madonna** fez sua estréia como atriz teatral no dia 29 de março, no Lincoln Center, Nova York. Ela fez o papel de uma secretária na peça *Speed-the-Plow,* de **David Mamet.** ● **John Sykes,** ex-guitarrista do Whitesnake e Thin Lizzy formaram uma nova banda com o veterano **Carmine Appice** (bateria) e o ex-Firm **Tony Franklin** (baixo). Chama-se **Blue Murder** e o primeiro LP vem aí.

Dave Lee Roth, chegando ao topo da Tower Records de L.A.

SET E REVISTA POSTER

Às bancas! Saiu a SET de abril! Tudo sobre o Festival de Cinema de Berlim. Os novos filmes de Mastroianni e Fellini! Todas as musas do cinema nacional (Sônia Braga, Leila Diniz, Claudia Ohana)! Zé do Caixão. Klaus Maria Brandauer e La Ohana em sensacionais entrevistas! E tem mais! Finalmente, mais uma revista poster do cacete: Titãs! Nãããõoooo percam!

A MORTE DE CONNY PLANK

Com certeza, todos já ouviram alguma coisa produzida ou gravada pelo alemão **Conrad Plank.** Como técnico, ele gravou de jazz e música erudita a Scorpions e Triumvirat. Como produtor, insistia em servir de elo entre a técnica e a fantasia do artista, passava o tempo experimentando sons na busca da autêntica cor e expressão de grupos como Kraftwerk, Can, Eurythmics e Ultravox. Conny faleceu aos 48 anos no final de 87 em Bonn, de uma overdose dos analgésicos que tomava para amenizar as dores provocadas por um câncer. Numa conversa pelo telefone com BIZZ, o cantor/guitarrista/operador de samplers e parceiro de Conny, **Arno Stephen,** recapitulou os momentos mais importantes da carreira do produtor. "Ele começou trabalhando como técnico de som em rádio, onde gravava de tudo. Depois montou uma mesa de som e construiu seu próprio estúdio em Köln, que começou a ferver de grupos alemães. Conny dava uma força pra tudo que era maluco ou experimental, por isso não era muito querido pelas gravadoras, embora fosse respeitado. Ninguém queria lançar o Kraftwerk, só Conny insistiu nisso...Gravou o *Autobahn,* coisas do Can, Neu, dezenas de bandas eletrônicas e de vanguarda...Cluster, Moebius...Era de uma enorme competência. Adorava música negra e jazz, era fã de Lee Perry e, a exemplo dos produtores de reggae, enxergava a mesa de som como um instrumento..."

Fora da Alemanha, seu prestígio cresceu com suas produções de discos do Kraftwerk, Eurythmics *(In the Garden),* Killing Joke *(Revelations),* Ultravox *(Vienna, Sistems of Romance, Rage in Eden),* D.A.F., Eno, e Holger Czukay. Ultimamente esteve mixando o LP gravado ao vivo pelo Eurythmics (ainda inédito) e se dedicava com entusiasmo a um "misterioso projeto com Dave Stewart, que envolvia música e animação", segundo Stephen.

Plank, protetor dos malucos e experimentalistas...

EMPRESÁRIO TRAFICANTE

Doc McGhee, empresário do Bon Jovi e Mötley Crüe — duas das mais bem-sucedidas bandas americanas do momento — confessou-se culpado da acusação de tráfico de maconha, em janeiro passado. A promotoria federal tinha provas de que em 82 ele fazia parte de uma conexão internacional — a mesma que envolve o general Noriega, o homem forte do Panamá — e que ele, pessoalmente, foi o responsável pelo tráfico de vinte toneladas da droga para o Estado da Carolina do Norte (dizem que faturou de 9 a 10 milhões de dólares na jogada). McGhee só começou a empresariar bandas a partir de 83. Agora ele corre o risco de ficar cinco anos na cadeia. A sentença saiu no início de abril.

ROCK'N'CINE

Buster Poindexter, Sister Carol (que canta "Wild Thing" no final de *Totalmente Selvagem)* e o cantor americano **Chris Isaak** estão no elenco do novo filme de **Jonathan Demme** *(Totalmente Selvagem, Stop Making Sense), Married to the Mob.* Os papéis centrais são de **Michelle Pfeiffer***(As Bruxas de Eastwick)* e **Matthew Modine** *(Nascido para Matar).*

Bob Geldof faz sua estréia como diretor e produtor no filme *Cowboy,* totalmente rodado em Dublin. Ele também é co-autor do roteiro.

Cait O'Riordan, ex-baixista dos Pogues e atual esposa de **Elvis Costello,** é a estrela do filme *The Courier,* dos diretores irlandeses **Frank Deasy** e **Joe Lee.** A trilha sonora inclui faixas instrumentais de Costello e uma música — inédita em LPs — do **U2.**

Geldof, em cena de The Wall: *estreando como diretor*

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

A programação de abril é eclética. **Plebe Rude** começa a gravar seu terceiro disco pela Odeon. A CBS apronta o segundo LP da **Nau** e os novos discos de **João Bosco** e **Ney Matogrosso.** A RCA contempla todas as tendências: **Lobão, Bezerra da Silva, Renato Borghetti, Sandra Sá** e **Sérgio Reis.** A Baratos Afins ataca de hard rock: **Chequee** (basicamente a mesma formação da extinta banda Platina, com exceção do guitarrista) e o segundo LP do **Golpe de Estado.** Em Belo Horizonte, a Cogumelo faz desfilar vários grupos mineiros numa coletânea de hardcore: *BH Core.* E, em Porto Alegre, a Vortex, que lançou recentemente os K7s das bandas Graforréia Xilarmônica e Verbruss, grava as bandas **Prise, Apartheid** e a novíssima **D-Flitz.**

Art Diesendruck

Vange Leonel, do Nau: novo LP à vista

NOVIDADES NO VINIL III

Eric Clapton faz um retrospecto de sua carreira num box de seis LPs, chamado *Crossroads.* Tem coisas inéditas como *demotapes* dos **Yardbirds,** coisas ao vivo do **Cream** e sobras de estúdio do **Blind Faith** e **Derek & the Dominos** ● Já estão nas lojas (americanas) os primeiros discos da série de música instrumental *No Speak,* da gravadora I.R.S. **Stewart Copeland** abre o pacote com *The Equalizer and other Cliff Hangers.* Os outros lançamentos são: *Guitarand Son* do ex-Climax Blues Band **Peter Haycock** e o *Nouvean Calls* do grupo inglês **Wishbone Ash** ● **Bob Dylan** lançou *Down in the Groove.* Tem participação de Eric Clapton e do Grateful Dead ● **Wayne Kramer,** guitarrista do saudoso MC-5, fundou a banda The Broadcasters, que lançou o LP *13 Ghost,* pelo selo californiano Enigma.

Clapton, há quase duas décadas

Abril

O FIM DO HÜSKER DÜ

Tudo indica que o **Hüsker Dü** acabou. Eles cancelaram uma série de shows no meio de uma tumê americana. Boatos dizem que **Bob Mould** (vocais/guitarra) e **Greg Norton** (baixo) deram um ultimato ao baterista/cantor **Grant Hart** para que este resolvesse seu envolvimento com drogas pesadas. O grupo fechou o escritório em Minneapolis que cuidava de sua parte administrativa.

Claudia Thompson

Hüsker Dü: (da esq.) Grant, Greg e Bob

BRASIL EXPORTAÇÃO

Melodia e Brasiloid: entrando de sola nos EUA

Geraldo Luis Gomes

Com um pacote de 14 LPs, a gravadora americana Celluloid inaugurou o selo **Brasiloid,** que se ocupará exclusivamente de lançamentos de música brasileira no exterior. Os discos (que começaram a ser lançados há três meses e vão muito bem, segundo o representante da Celluloid no Brasil, Dominique Louit) são: *O Batuqueiro*, de **Martinho da Vila;** *Vida Bandida*, de **Lobão;** *Retratos e Canções*, de **Sandra Sá;** *Rubi*, de **Alceu Valença;** *Nós*, de **Nélson Gonçalves;** *Garoto Maroto*, de **Alcione;** *Vida*, de **Obina Shok;** *Civilização Urbana e Suburbana*, *Mistura e Manda* e *Gafieira Etc. e Tal*, esses três de **Paulo Moura;** *Claro*, de **Luiz Melodia;** *Dezembros*, de **Maria Bethânia;** e dois inéditos no Brasil de **Gilberto Gil,** *Soy Loco por Ti America* (gravado em 87 em Paris) e *Live in Tokio*, lançamento em CD, gravado ao vivo na última excursão japonesa do compositor baiano. Segundo Louit, o critério de escolha dos discos foi "qualidade". A Brasiloid não descartou o lançamento de discos independentes (dois de Paulo Moura, *Mistura e Manda* e *Gafieira Etc. e Tal* são da gravadora Kuarup) e muito menos de outros nomes do rock. Os discos e as capas estão sendo fabricados nos EUA e distribuídos (pelo menos por enquanto) nos EUA e Canadá. O slogan da campanha promocional dos primeiros lançamentos é bem oportuno: "Brasil Is Back"!

O FIM DOS CARS

The Cars foi uma das bandas de maior sucesso comercial da new wave americana. Seus dois LPs de estréia, *The Cars* (78) e *Candy-O* (79), venderam juntos mais de seis milhões de cópias, e os quatro posteriores — o último é o *Door to Door*, lançado em 86 — passaram da cifra de um milhão de cópias vendidas. Eles se separaram porque **Ric Ocasek** (líder/compositor/guitarrista) e **Ben Orr** (cantor/baixista) vão se dedicar às respectivas carreiras solo.

WEA

New wave de Boston: motores fundidos

NOVIDADES NO VINIL IV

Woodentops Foot Cops on the Highway é o título do terceiro LP dos Woodentops. Tem Bernie Worell nos teclados e a produção é de Rolo (líder do grupo) e Scott Litt (produtor do último LP do R.E.M., *Document*) ● Uma série de remixagens e versões alternativas dos Byrds estão na recém-lançada coletânea *Never Before* ● Está saindo mais um lançamento interessantíssimo pelo selo independente carioca Kuarup: é o primeiro LP do Quarteto Negro, formado por Zezé Motta, Paulo Moura, o percussionista Djalma Corrêa e o baixista Jorge Degas. Previsão de BIZZ: coisa fina!!!! ● Nas praças britânicas o novo LP do The Men They Couldn't Hang, chamado *Waiting for Bonaparte*.

The Byrds: a resposta de L.A. aos Beatles

CURTAS E GROSSAS III

Yoko Ono e **Elton John** planejam escrever uma peça musical sobre a vida de **John Lennon.** O papel principal — já confirmado — será de **Julian Lennon** ● Mudanças no **Skowa & a Máfia** (revelação de 87, segundo a crítica): saiu a baixista **Lelena** e entraram **Kiki** (ex-Kongo e ex-Conexão Japeri, baixo) e um naipe de metais formado por **Mônica e Liege** ● O guitarrista **Wander Taffo** (ex-Rádio Táxi) esteve recentemente em Los Angeles acertando seu primeiro compromisso solo. Em maio ele estará em L.A. gravando um LP para a WEA, sob produção de **Liminha.**

Simon no agogô: novas inspirações

TURISMO? NEGÓCIOS?

Em sua curta temporada de cinco dias em Salvador (ele esteve no Brasil do final de fevereiro ao início de março), **Paul Simon** agitou o meio cultural, ainda que preferisse o anonimato — coisa difícil para alguém que fez *Graceland*, ainda mais numa terra onde as origens africanas estão no sangue. O ex-parceiro de Garfunkel assistiu ao show de **Caetano** e **Gil** (ver Ao Vivo desta edição), adorou a percussão nas latas de **Carlinhos Brown** e visitou o Pelourinho, onde gravou, ao lado de Gil, um anúncio em defesa deste patrimônio cultural da humanidade. Também assistiu ao ensaio do **Bloco Olodum,** armou desajeitados passos do alto de seu 1,60 m de altura e tocou agogô com **Mestre Neguinho.** Finalmente, passou pelos estúdios da WR (o principal estúdio de música *made in* Bahia), onde gravou alguns sons locais. Mais uma surrupiada na surdina? Bom, a vantagem é que aqui não tem boicote cultural...

Hagammenon Brito, de Salvador

Fernando Vivas

Show-Room R. Groenlândia 1919 · tel. 2827875 · R. Haddock Lobo 1485 · tel. 8854142 · Ribeirão Shopping lj. 80 · tel. 6342250 · Rib. Preto

COUROS BRASITÂNIA

A NOITE DO GRAMMY

U2 (melhor grupo e álbum): "Sem as rádios universitárias, não estaríamos aqui"

Talvez não exista uma só premiação no mundo que não desperte surpresa em seu desfecho, por mais previsível que possa parecer. E assim foi com a trigésima edição do Grammy, prêmio oferecido pela Academia Nacional de Artes e Ciências Fonográficas dos Estados Unidos. Senão vejamos...

Por causa de um aspecto técnico do regulamento do Grammy, a música "Graceland", de **Paul Simon**, acabou sendo o compacto do ano, embora pertencesse a um album lançado em 86.

A revelação do ano, de acordo com os jurados, acabou sendo **Jody Watley**, recentemente içada a uma carreira solo, depois de uma década inteira trabalhando com o trio vocal Shalamar.

Michael Jackson, recordista do maior número de troféus Grammy em uma só noite — em 83 ele recebeu oito, por causa de *Thriller* —, voltou pra sua casa de mãos abanando. Só venceu em uma "solitária" — e humilhante — categoria: melhor engenharia de som. Nas demais, perdeu para **Sting** (melhor vocalista pop masculino, por *Bring on the Night*), **Smokey Robinson** (melhor vocalista masculino de rythm'n'blues, por *Just to See Her*), **Narada Michael Walden** (melhor produção — aqui Michael concorria junto com **Quincy Jones**) e **U2** (melhor álbum do ano, por *The Joshua Tree*).

Estrin/Sipa Press

Jody Watley ficou sendo a revelação do ano. **Terence Trent D'Arby**, que todos esperavam vencer nesta categoria, deu um show eletrizante (ainda que nervoso), mas ficou sem o troféu.

Detalhe curioso: pela primeira vez em sete anos, a festa do Grammy foi realizada em Nova York e, portanto, foi marcada pelo mais deslavado bairrismo. Houve uma homenagem musical a Nova York — com shows no mínimo engraçados de **Lou Reed**, **Billy Joel**, **Cab Calloway**, **Celia Cruz** e **Tito Puente** — e o número de encerramento ressuscitou um dos maiores astros do pop ítalo-americano de Manhattan nos anos 50, **Dion**.

Estrin/Sipa Press

Jody Watley: revelação, ainda que tardia

Estrin/Sipa Press

O maior frisson da noite: **Little Richard**, veterano roqueiro, subiu ao palco junto com **Buster Poindexter** (ex-David Johansen) para anunciar o prêmio de revelação do ano. Daí em diante, não deixou Buster abrir a boca para dizer um ai. Quando abriu o envelope, Richard anunciou veementemente o vencedor: "Eu!" Debaixo de uma salva de palmas, Richard iniciou então um discurso de desagravo, reclamando que nunca havia recebido um Grammy na vida: "Eu, o arquiteto do rock'n'roll, eu inventei esse negócio", enquanto a platéia urrava de prazer e aplaudia freneticamente.

Little Richard: "Eu criei isso tudo!"

As atenções da noite estavam na verdade voltadas para **Michael Jackson**. Era a primeira vez que concorria a um Grammy desde o supercampeão *Thriller* e a primeira vez que se apresentava na televisão desde que hipnotizou o mundo inteiro com "Billie Jean", no especial de 25 anos da Motown, em 83. Suado, descabelado, drenado de energia, Michael encerrou sua apresentação com o Radio City Music Hall inteiro aplaudindo de pé, ou seja, recebeu uma ovação de 99% dos pesos pesados da música pop norte-americana. A qualidade de sua apresentação só tornou mais notável ainda a sua exclusão da premiação final, e ficou claro para qualquer telespectador a profunda mágoa de Jackson.

Com algo perto de três mil quilômetros de freeways e quase 30 mil outros de ruas para serem navegadas diariamente, é natural que o angeleno medio gaste a maior parte de seu tempo sobre quatro rodas. Salvo raríssimas exceções, tarefas simples e corriqueiras, como comprar uma garrafa de refrigerante, podem ser transformadas em "viagens" de 10, 15 minutos. É um fato da vida: sem carro, você está ilhado em Los Angeles, está reduzido a menos de zero. Resta relaxar...e aumentar o som do rádio! E aí vem o melhor dessa história: sem medo de ser bombardeado com "listões" pasteurizados e repetitivos

Não é preciso caçar um toca-fitas para carro que burle a linha de montagem Top 40 das FMs, os programas religiosos das AMs, o mela-cueca mental das estações new age e a nostalgia crônica com que as emissoras de "classic rock" (leia-se flashback melhorado) nutrem a geração entrada em sua quarta década de vida. A variedade de programas originais, inteligentes

Imaginem ligar o rádio e não ouvir o brega vulgar — porque nem chique é — que toma conta das FMs...

Sinead O'Connor

James Blood Ulmer

e interessantes é suficiente para que se busque qualquer pretexto para embarcar num carro. A "experiência aural móvel" em L.A. é única, incomparável e enriquecedora. Quer uma pequena amostra? Vamos lá

Escolha um sábado qualquer, cace seu Rayban favorito e caia na 405 Freeway, um estirão de asfalto *state of-the-art* que cruza a Califórnia de norte a sul. Se for em torno das nove da matina, sintonize a KLON 88.1 FM: o disc-jóquei Bernie Pearl estara desfilando a mais variada gama de blues disponível nas freqüências moduladas de L.A., com um vasto repertorio que remexe até catalogos dos anos 20.

Ja realimentado de energias para o sabadão (não há ressaca ou dor de cotovelo que um blues não cure), avance até KXLU 88.9 FM e se prepare para um delicioso susto. Bem vindo ao mundo do *college radio* (rádios feitas por universitários): eclético, imprevisivel e permeável à novidade como nenhum outro tipo de programação. Financiada nove meses do ano pela católica Loyola Marymount University, a KXLU mais do que supera as expectativas dos fiéis ouvintes que a sustentam com o próprio bolso quando falta o subsidio oficial. Vale tudo aqui, do jazz experimental e elétrico de James Blood Ulmer a uma *demo* ao vivo do local Jane's Addiction; do hardcore rolo-compressor do Butthole Surfers as escalas estratosféricas de Sinead O'Connor.

Quando achar que está perto de sofrer uma *overdose* de democracia, fuja rapidinho para o prafrentismo meio de butique da KROQ 106.7 FM, direto para os braços aurais menos perturbadores e mais familiares de Depeche Mode, New Order, X e Flesh for Lulu Fique por aqui até a hora do almoço, pare num *24-Hour Fajitas* (o primo pobre mexicano do McDonald's e muito menos saudavel), peça um *taco* daqueles bem gordurentos e apimentados que só mesmo lavando com uma cerveja Corona e limão, e volte, reabastecido, para o carro. Aproveite o clima e retorne à KXLU a tempo de pegar o programa "Alma del Barrio", com tudo de salsa, jazz latino e norteñas clássicas que seu sangue quente possa desejar

Fique até o fim do programa, pois, logo depois, vem "Groove Time", so de musica caribenha. Ainda numas de malemolência, investigue tambem o que rola de reggae no "The Sounds of Jamaica", apresentado por Miss Wire Waist na KPFK 90.7 FM. Só não esqueça que no domingo, o dia seguinte, tem "The Reggae Beat" na KCRW 89.9 FM. É o melhor da classe. Mas isso e outro dia, você esta curtindo o sabadão, ainda, e sobra espaço para devorar "The African Beat", pela KCRW, um safari musical que faz bem à cabeça e aos pes. E, se dançar for um *must*, economize uns trocados, ache um drive-in abandonado e dê gás nas caixas sintonizando a KROQ a partir das 10 da noite: é so mix

O sabado pode ter terminado por ai, mas a variedade no rádio continua: do dominical "Rodney on the ROQ" (uma vasta panorâmica com lançamentos, entrevistas e exclusividades

Jane's Addiction

capitaneada por um verdadeiro *toun ding father* da cena de rock angelena Rodney Bingenheimer) ao despiroca do Dr. Demento (gozações, paródias e maluquices sonoras em geral, pela KLSX 97.1 FM), de música eletrônica ("Alien Air Music" é o nome do melhor programa) a música folk tradicional ("Happy Trails"). De tédio é difícil morrer por aqui...

LULU SANTOS

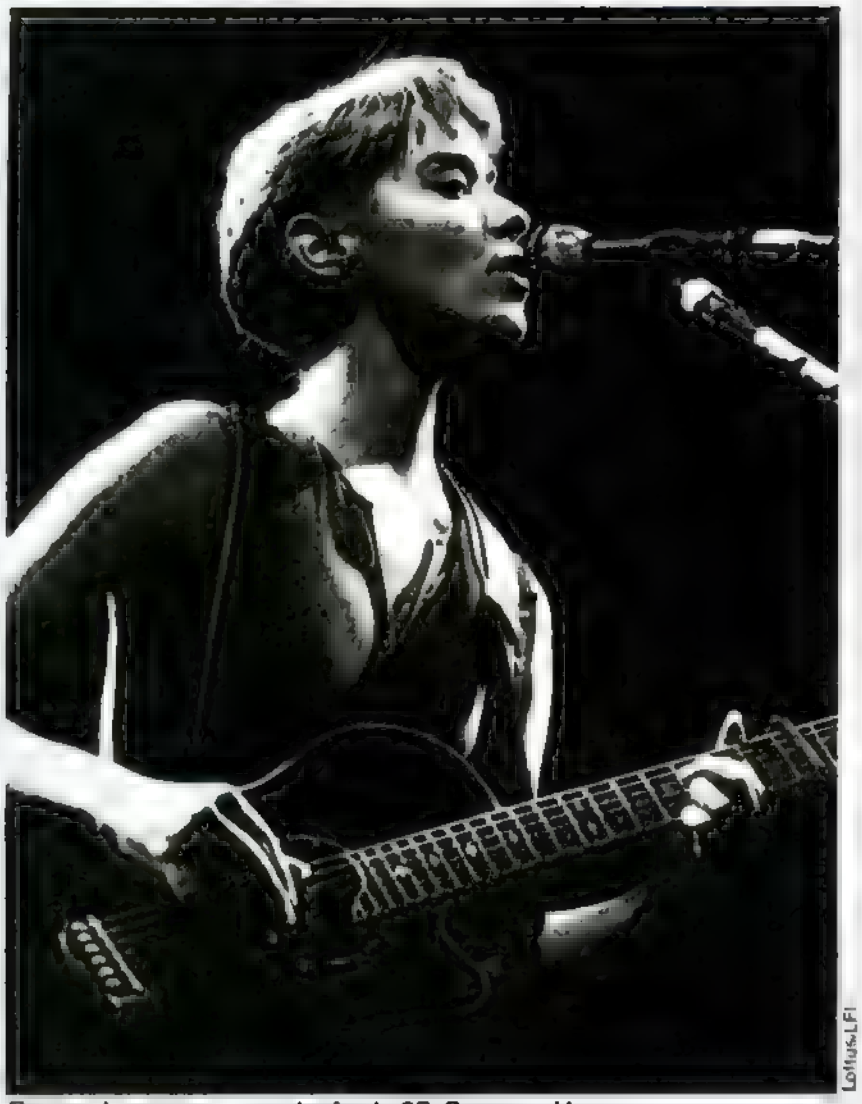
TODA FORMA DE AMOR

EM LP E K7

RCA

BMG

Projeto Gráfico: Ricardo Leite / Foto Flavio Colker



Decimo lugar para a revelação de 87: Suzanne Vega

Parada do Leitor (LPs)

1 (2) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* — **Titãs** (WEA)
2 (1) *Que País É Este — 1978 1987* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
3 (6) *Independência* — **Capital Inicial** (Polygram)
4 (3) *...Nothing Like the Sun* — **Sting** (Polygram)
5 (R) *Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
6 (4) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
7 (N) *Tomate* — **Kid Abelha & os Abóboras Selvagens** (WEA)
8 (5) *Kiss Me Kiss Me Kiss Me* — **Cure** (Polygram)
(10) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (CBS)
10 (N) *Solitude Standing* — **Suzanne Vega** (Polygram)
11 (12) *Who's That Girl?* — **Trilha Sonora — Vários** (WEA)
12 (6) *D* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
(8) *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii** (Plug)
14 (8) *Echo & the Bunnymen* — **Echo & the Bunnymen** (WEA)
(N) *Electric* - **Cult** (RCA)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno a parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consulta-lo

LPs (EUA)

1 (1) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
2 (2) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Varios** (RCA)
3 (3) *Tiffany* — **Tiffany** (MCA)
4 (8) *Kick* — **INXS** (Atlantic)
5 (4) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
6 (10) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
7 (5) *The Lonesome Jubilee* — **John Cougar Mellencamp** (Mercury)
8 (N) *Cloud Nine* — **George Harrison** (Dark Horse)
9 (N) *Out of the Blue* — **Debbie Gibson** (Atlantic)
10 (6) *Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)

Compactos (EUA)

1 (5) Could've Been — **Tiffany** (MCA)
2 (N) Seasons Change — **Expose** (Arista)
3 (N) What Have I Done — **Pet Shop Boys & Dusty Springfield**
4 (N) Hungry Eyes — **Eric Carmen**
5 (N) Say You Will — **Foreigner** (Atlantic)
6 (4) Need You Tonight — **INXS** (Atlantic)
7 (N) Father Figure — **George Michael** (Columbia)
8 (N) I Want to Be Your Man — **Roger** (Reprise)
9 (7) Hazy Shade of Winter — **Bangles** (Def Jam)
10 (N) She's Like the Wind — **Patrick Swayze Wendy Fraser** (RCA)

LPs (GB)

1 (9) *Introducing the Hardline* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
2 (N) *The Christians* — **Christians** (Island)
3 (N) *Turn Back the Clock* — **Johnny Hates Jazz** (Virgin)
4 (N) *If I Should Fall* — **Pogues** (Pogue Mahone)
5 (6) *Popped in Souled Out* — **Wet Wet Wet** (Precious)
6 (N) *Blow Up Your Video* — **AC DC** (Atlantic)
7 (N) *Come Into My Life* — **Joyce Sims** (London)
8 (N) *Heaven on Earth* — **Belinda Carlisle** (Virgin)
9 (N) *Kick* — **INXS** (Mercury)
10 (8) *Bridge of Spies* — **T'Pau** (Siren)

Compactos (GB)

1 (N) I Think We're Alone Now — **Tiffany** (MCA)
2 (N) When Will I Be Famous? — **Bros** (CBS)
3 (N) Tell It to My Heart — **Taylor Dayne** (Arista)
4 (N) Shake Your Love — **Debbie Gibson** (Atlantic)
5 (N) Candle in the Wind — **Elton John** (Rocket)
6 (N) Get Out of My Dreams — **Billy Ocean** (Jive)
7 (N) Sign Your Name — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
8 (N) The Jack That House Built — **Jack'n'Chill** (10)
9 (2) Heaven Is a Place on Earth — **Belinda Carlisle** (Virgin)
10 (N) Say It Again — **Jermaine Stewart** (10)

LPs Independentes (GB)

1 (4) *George Best* — **Wedding Present** (Reception)
2 (1) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (Rough Trade)
3 (N) *Smashed Hits* — **Red Lorry Yellow Lorry** (Red Rhino)
4 (7) *Substance* — **New Order** (Factory)
5 (N) *The Storyteller* — **Razorcuts** (Creation)
6 (N) *The Two Ring Circus* — **Erasure** (Mute)
7 (N) *Road to Roundhay Pier* — **Rhythm Sisters** (Red Rhino)
8 (2) *Palace of Swords Reversed* — **Fall** (Cog Sinister)
9 (N) *History of the Time to Come* — **Sabbat** (Noise)
10 (N) *Box Frenzy* — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) Cold Sweat — **Sugarcubes** (One Little Indian)
2 (7) Rock da House — **Beatmasters Cookie Crew** (Rhythm King)
3 (N) You Make Me Feel — **Woodentops** (Rough Trade)
4 (N) There Is No Love — **Pop Will Eat Itself** (Chapter 22)
5 (N) Master Dik" — **Sonic Youth** (Blast First)
6 (N) Cocaine Sex — **Renegade Soundwave** (Rhythm King)
7 (N) Beat Dis" — **Bomb the Bass** (Rhythm King)
8 (N) I Should Be so Lucky — **Kylie Minogue** (PWL)
9 (2) Birthday — **Sugarcubes** (One Little Indian)
10 (N) Doctor in the House" — **Cold Cut** (Ahead of Our Time)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB) de 6 a 27 02 88. Para a Parada do Leitor foram considera-das as cartas recebidas até 29 02 88

Você levaria estes garotos prá conhecer sua mãe?

NÃO?

... eles também não foram convidados para o Grammy!

JÁ À VENDA EM TODO O BRASIL

Stiletto

ESTÚDIO ELDORADO

GOD SAVE THE KING — Robert Fripp/The League of Gentlemen (E.G. RCA)

Entre 1979 e 81, Fripp apresentava ao mundo seu duplo projeto *Frippertronics Discotronics*: dois tipos de musica de "qualidade diferente, porém de igual natureza". Trocando em miúdos, tratava-se de um som circular, construído pela repetição e continua adição de frases e acordes de guitarra em um sistema de *loop*, ou anel de fita gravada. A variante frippertrônica (ou "pura") resultava numa *ambient music* à la Brian Eno — aliás, criador do sistema usado por Fripp —, só que num contexto mais maníaco (Fripp pensou em chamar o disco em que a apresentaria de *Music for Sports*, uma alusão a *Music for Airports*). A variante discotrônica acrescentava baixo e bateria tunkeados e era destinada à dança...

Impedido pela gravadora E.G. de lançar dois LPs simultâneos, explorando ambas as vertentes, Fripp lançou em 80 um único disco... com dois títulos, um para cada lado! *God Save the Queen* (ou *Under Heavy Manners* apresentava musica frippertrônica gravada ao vivo (Fripp andou fazendo concertos-surpresa em locais públicos) retrabalhada em estúdio. O lado dançante, além da cozinha balançada (Busta Jones, baixo; Paul Duskin, bateria), ganhou vocais de David Byrne (em uma performance hilariante) para uma das raras — e cínicas — letras do próprio Fripp. Dando seguimento à experiência, ele registraria em 81 o LP da *League of Gentlemen*, uma banda com a qual excursionou durante um ano, apresentando-se em pequenos clubes da Europa e EUA. A esquizofrênica formação contrastava a complexidade das estruturas melódicas e harmônicas (com os malabarismos pontilhistas de Fripp e do ex-organista do XTC, Barry Andrews) e a crueza da cozinha roqueira (Sara Lee no baixo e o baterista punk Johnny Toobad, substituído no disco por Kevin Wilkinson). Era não só um dos discos mais inteligentes da new wave, mas um descontraído exercício em torno das teses obsessivas de Fripp sobre musica e sexo ("Rock'n'roll is about fucking", resume uma das falas que interferem nas faixas, entre os depoimentos, ruídos e discursos que pontuam todo o album). Os solenes fãs do Fripp progressivo, dos velhos tempos do King Crimson, ficaram de cabelos em pé.

Em 85, Fripp decretou o fim de uma era e seu documento de balanço foi o LP agora lançado aqui: uma remontagem, incluindo o lado dançante daquele primeiro disco e três quartos do álbum da League. Tudo remixado, com um som mais encorpado de bateria (uma melhora) e sem as interferências vocais do disco original (uma pena, principalmente na faixa "H.G. Wells", que perdeu os gemidos gravados até um orgasmo — de Sara Lee?). De bônus, Fripp acrescentou um longo solo à faixa "God Save the King" — o mais passional desde os que fez para *Scary Monsters*, de Bowie, ainda em 80. O resultado é um resumo brilhante daquela fase, ainda que deixe os frippmaníacos fissurados por conhecer o album original da League. *Alex Antunes*.

CLÍNICA (WEA)

Seguindo os passos de Charles Gavin, mais um Titã vem produzir uma banda emergente. Sob os auspícios de Paulo Miklos, a Clínica é administrada a quatro mãos por Fernando Salém e Tuba (ex-Aguilar e Banda Performática), que dominam com razoável desenvoltura as especialidades do pop, hip hop, reggae e assemelhados. O resultado, no entanto, não é muito animador. De imediato, percebe-se que o tratamento proposto pela dupla produziu efeitos colaterais indesejáveis, sendo o mais grave de todos eles a chamada "síndrome titânica"... Faixas como "Perturbação Mental" e "Cadeia" foram muito afetadas; a última, inclusive, traz o ilustrativo refrão "cadeia para mim não, não", em contraponto ao da já célebre "Polícia". Estaria a gravadora estimulando a competição interna ou disposta a criar uma linhagem de clones? *A.G.C.D.*

ATLANTIC JAZZ (PIANO, BEBOP, WEST COAST E MAINSTREAM) — Vários (Atlantic/WEA)

Eis o pacote de jazz mais didático entre os que apareceram desde o ano passado. Os quatro álbuns dão uma visão geral dos estilos instrumentais que marcaram a música negra americana de 1930 a 1960. Cada álbum possui contracapas esmeradamente escritas por especialistas: a compilação de John Snyder procurou imprimir uma ordem cronológica em cada disco, sem contudo torná-las muscológicas.

Mainstream aborda a chamada "corrente principal", que não concede excessos comerciais nem experimentais. O LP tem dez faixas onde comparecem Duke Ellington, Woody Herman, Coleman Hawkins, The Modern Jazz Quartet entre outros, em momentos memoráveis.

Bebop — o mais revolucionário laboratório já perpetrado pela música improvisada, a partir dos anos 40 — reúne, por exemplo, o saxofonista John Coltrane e o vibrafonista Milt Jackson em "Bebop", a célebre convulsão melódica que deu nome ao movimento. Há também Dizzy Gillespie, Thelonius Monk, Sonny Stitt, Art Blakey e Max Roach.

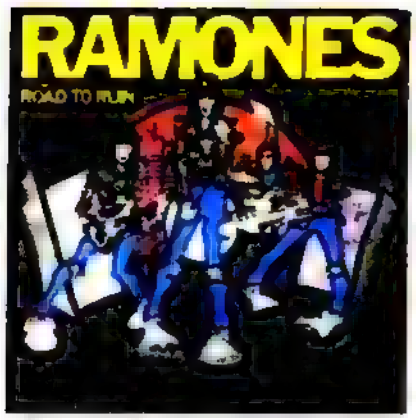
Já *West Coast* exibe o estilo frio e branco da Costa Oeste, executado por uma legião de desconhecidos de certo talento: nada mais. O álbum duplo *Piano* é o melhor do pacote. Em 21 aventuras de invenção, o ouvinte é levado a transitar por todos os estilos e técnicas, dos anos 50 até hoje. O maior mérito do pacote está em não só fornecer dados ao ouvinte, mas fazê-lo crescer esteticamente. Cada faixa traz uma essência.

L.A.G.

KICK — INXS (Polygram)

Até seu terceiro LP *Shabooh Shoobah* (82), a banda australiana INXS era um respeitável mix entre o hard-rock e o power-pop. Entretanto, a partir da aparição do quarto disco, *The Swing*, adquiriram uma roupagem acentuadamente mais comercial. Já com o LP seguinte, o aclamado *Listen Like Thieves*, tornaram-se uma espécie de cruzamento entre Duran Duran e U2. Agora com *Kick*, tanto a faceta pop como a mencionada mesclagem foram levadas a extremos, o que descaracterizou a imagem do sexteto. *Kick* é uma baba ilimitada, desprovida de estilo próprio e imersa nos mais gastos clichês do que há de pior no rock americano, seja no âmbito da produção, exagerada e pasteurizada, seja na fragilidade das letras e dos arranjos. Com boa vontade, apenas duas faixas escapam da mesmice: "The Loved One" e "Mistify", duas aspirações a rhythm'n'blues travestidas, respectivamente, pelas convenções do hard-rock e da balada pop.

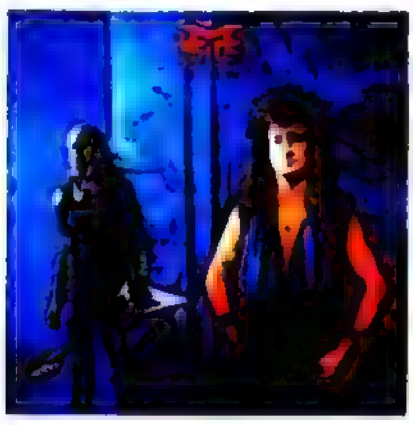
F.N.



ROAD TO RUIN — Ramones (WEA)

Um gozo de tirar o atraso. *Road to Ruin* chega dez anos depois dos Ramones amaciarem a porrada sonora, ainda resfolegante, do minimalismo animal de seus três LPs anteriores. Foi o primeiro disco do grupo a conter canções com mais de três minutos de duração, violões e solos de guitarra definidos. *Road to Ruin* também marca a entrada de Marc Bell (Marky Ramone), ex-Voyoids, na bateria. E, como sempre, registra standards de rebeldia *antiestablishment*, como "I Wanna Be Sedated", "I'm Against It", "Go Mental", "Bad Brain" etc. De quebra, um cover de "Needles and Pins", hit dos Searchers em 1964.

Apesar de relativamente "levinho", comparado aos LPs da primeira fase do grupo, é impossível resistir a seu apelo rockante. Sintoma de que o *old* rock'n'roll está vivaço. E bastam quatro acordes para os pés começarem a pensar! *M.P.*

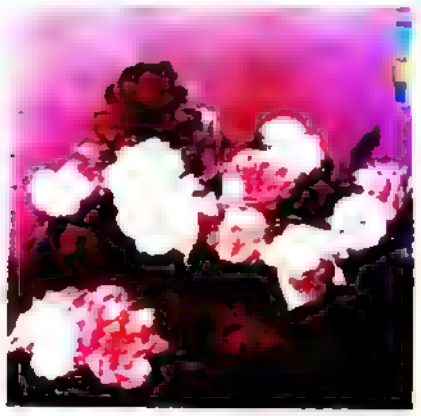


PERFECT TIMING — McCauley Schenker Group (EMI-Odeon)

Esperava mais de *herr* Schenker nesse seu retorno. A gente começa a ouvir pensando em guitarradas imensas, porém nada de mais acontece. Seria McCauley (ex-Grand Prix) um vocalista tão importante para colocar seu nome na sigla e deixar Schenker tão sumido num LP pouco criativo? Ainda mais com aquele visual de galo japonês? Não sei... Só sei que tudo entra por aqui e sai por ali. Não mexe, não provoca, não agride. Uma pena. Preferiria que lançassem (ou relançassem) os primeiros MSG e os UFO com a presença do alemão. *L.R.*

HEAVEN ON EARTH — Belinda Carlisle (Virgin/RCA)

Nos idos de 77, Belinda integrava o grupo punk californiano Germs, mas tornou-se mais conhecida como *lead singer* da banda feminina Go-Go's, fiel seguidora da cartilha do pop. Agora — aos 29 anos — em seu segundo álbum solo, continua a trilhar as sendas do rock dançante e baladas românticas. E o faz com competência neste LP, que traz como atrações extras a versão de "I Feel Free", velho hit do Cream, e as presenças de Brian Setzer e Thomas Dolby. *C.P.*



POWER, CORRUPTION AND LIES — New Order (WEA)

O segundo LP do New Order, de 83, marca o final da transição de "herdeiros do Joy Division" à "banda independente mais bem-sucedida da Inglaterra". *Movement*, de 81, seu primeiro LP — que, por sinal, poderiam se lembrar de lançar, no mínimo para completar a coleção —, é um lindo e doloroso disco, sobretudo pra fãs do Joy, impregnado que está da presença fantasmagórica de Ian Curtis. Em *Power....* esta sombra ainda se projeta. Mas está sendo substituída pelas luzes fortes e frenéticas de uma pista de dança. A influência do Kraftwerk — que de resto já se fazia notar no Joy — aparece como suporte tecnológico-conceitual nessa mudança de direção, expressa na equação economia + refinamento. É dentro dessa característica de composição — que o New Order achou com tanta precisão — que temos as chacoalhantes "Age of Consent", "The Village", e "586", ao lado das climáticas "Your Silent", "Ultraviolence" e "Faces". As deficiências técnicas, que são bem evidentes em alguns trechos, não atrapalham nem um pouco. Para os rastreadores de erros, um conselho: ponha o vinil no prato do toca-discos e preste atenção nas músicas, não só nas performances. Se nem os pés começarem a marcar o ritmo, é porque o caso é grave. *B.A.*

MUSIC FOR THE MASSES — Depeche Mode (Mute/WEA)

Incrível como o som do Depeche Mode parece familiar desde a primeira audição. Gruda intimamente a qualquer paisagem urbana, incorporando a banalidade, o distanciamento, a melancolia do anonimato, o sofrimento-conforto da solidão, como objeto estético. E os alto-falantes que difundem essa "música para as massas" apontam para três direções: 1) Um pop eficiente, fluente, reprodutor de *hit singles* remixáveis ("Never Let Me Down Again", "Strangelove"); 2) Um pop barroco pomposo ("Pimpf", réquiem para samplers, e "Sacred", tecnocanto gregoriano); 3) Um pop tecnodesesperado de tecnoamor ("I Want You Now", onde é encenado o desejo ofegante de dois robôs. O curto-circuito em pleno orgasmo foi flagrado pelos samplers). O que mais perturba na música do Depeche Mode é que a tecnologia foi incorporada de tal forma que ela parece natural e até visceral. Ainda bem que esses alto-falantes não derramam discursos demagógicos. *J.Y.N.*

OCTOBER — U2 (WEA)

Agora todos os LPs do U2 já foram lançados no Brasil. O que faltava era este segundo, que foi gravado há sete anos (81) em Dublin quando eles tinha [illegible] que não [illegible] Foram justamente os dois primeiros LPs que [illegible] estão [illegible] suas principais características — e há quem afirme que pouca coisa tem mudado no grupo depois disso. A exemplo do primeiro (*Boy*), este disco foi produzido por Steve Lillywite, um expert que teve formação clássica (guitarra, voz, baixo e percussão), o que se nota principalmente na bateria (pesada, encorpada em locações especiais como salas de concreto ou azulejo) e guitarras (suculentas, distorcidas "ao ponto").

A principal característica foi lapidada. São os harmônicos com delays (repetições) curtos da guitarra de The Edge (pela sua sensibilidade melódica, um dos maiores guitarristas da década). Bono evoluiu pacas de *Boy* para *October*: está mais seguro, cantando em planos diferentes (comparem "Scarlet", com a voz no fundo, com "Gloria", por exemplo). A cozinha (Adam e Larry) é da eficiência e bom gosto de sempre, e, no mais, só resta falar das composições. São todas ótimas, emocionantes (não no contexto messiânico), mas [illegible] grupo [illegible] mica e *feeling*. *Thomas Pappon*

HELLO YOUNG LOVERS — Frank Sinatra (CBS)

Um velho ditado afirma que os homens vão à guerra porque as mulheres ficam em casa assistindo. . Isso valeu até o surgimento de Frank Sinatra. Por causa dele, os homens foram à guerra sem público — todo ele uivando para "The Voice"

Hoje ele é identificado com uma geração nutrida no romantismo barato e no sexo às ocultas, uma geração que está beirando a casa dos 70. Mas, nos anos 40, o barítono romântico fazia o papel de ídolo da juventude, tornando-se assim o primeiro fenômeno da cultura de massa para jovens

Este álbum duplo, lançado pela CBS, apresenta 26 faixas do período de explosão e afirmação do fenômeno Sinatra, que corresponde justamente à opção do cantor pela carreira solo. Até 1942, ele engrossava o público da *big band* do trombonista Tommy Dorsey. A partir de então, decidiu engrossar sua propria conta bancária. O lançamento exibe gravações que ele fez para a Columbia, de 1943 a 1952. São canções determinadas e românticas, de terno e gravata-borboleta. "I Dream of You", um de seus primeiros êxitos comerciais, de 1944, aparece comovida por sobre violinos [illegible]. "Hello Young Lovers", de Rodgers e Hammerstein II, já demonstra o início da decadência vocal de Sinatra, em 1952. Cercadas num tempo determinado, as interpretações de Sinatra ainda provocam emoção. E ainda que não provoquem, podem servir como objeto de estudo do fenômeno da cultura massificada

Luís Antônio Giron

HEAVEN UP HERE — Echo & the Bunnymen (WEA)

Na era clássica, não eram poucos os que atribuiam a melancolia inglesa à ação do clima marinho: a umidade, o frio, o tempo instável imiscuindo-se de forma deletéria nos meandros da alma... A belíssima capa de *Heaven Up Here* parece atestar a veracidade do dito popular — é sob o signo da água que desliza a música dos Bunnymen nesta obra magistral. Em 81, data do lançamento original do disco, bandas como Teardrop Explodes, Modern Eon, Television Personalities etc., avizinharam-se da estética lisérgica dos *sixties* em vários pontos da Inglaterra. De todas elas, foi Echo & the Bunnymen quem melhor consumou esse idílio ressacado e é em *Heaven Up Here* que tal fase encontra sua melhor definição.

Como que respondendo a um impulso atávico, Ian McCulloch nos incita a içar velas. A atravessar noites púrpura e dias turquesa rumo ao avesso do mundo num cruzeiro psicodélico. Nesse ensejo de passagem, de iluminação, os instrumentos conjuram visões do céu e inferno: "All My Colours", "Over the Wall", "A Promise", "The Disease"... Perscrutando a madrugada, angústias, tentações; todas as imagens são repassadas. No fim do horizonte, faz-se a luz. O paraíso é aqui.

A.G.C.D.

REPÚBLICA DA MÚSICA — Moraes Moreira (CBS)

O som "da lata" do 12.º LP de Moraes Moreira, co-produzido por ele e gravado em seu próprio estúdio, chega aos nossos ouvidos um tanto "malhado". A usual energia que Moraes imprime aos seus sambas, xotes e marchinhas — e que freqüentemente se dilui quando ele se envereda pelas baladas — mostra-se aqui um tanto desgastada nas novas composições (à exceção da salsa "Do Caribe"). Os arranjos são por demais convencionais (apesar da saudável mistura de bateria eletrônica e percussão que compõem a cozinha). No mais, a celebração nostálgica dos velhos tempos dos Novos Baianos nos arroubos metaleiros de "Fogueira Nova" (com guitarras de Pepeu) e nas regravações de "Ferro na Boneca" (com vozes de Baby, Pepeu e Paulinho) e "Preta Pretinha", que só conseguem nos deixar com saudade das versões originais.

C.P.

RED — The Communards (Polygram)

A distância que separa a baba descartável do pop *ipisis litteris* é ínfima, invisível aos radicais. Só é detectável se ouvida a partir de imparciais critérios de composição e produto final. É nessa estreita linha divisória que se instala este duo inglês que, neste segundo LP, reafirma com menos convicção as propostas de sua estréia, (re)visitando as saunas sonoras da *disco-gay* e seus pequenos cubículos a vapor, donde escorrem torturadas *bitter-ballads*. Divididos entre o cor-de-rosa paradisíaco e o lilás maltratado pelas desilusões e ladeados pelo *high-tecno-chic*, apresentam também variações ecléticas de como regravar um hit de Gloria Gaynor ou até mesmo musicar um poema de W.H. Auden.

F.N.

DRUMMER MAN — Gene Krupa Big Band (Polygram)

Leonard Feather, no seu *History of Jazz*, afirma que ele só se sobressaiu por ser branco e *band-leader*, um equívoco que fica evidente ao ouvirmos essa gravação de 56 (antes de Gene afundar-se nas drogas). Mesmo tendo Anita O'Day (voz), Roy Eldridge (trompete), Quincy Jones (arranjos) e uma grande orquestra, Krupa *é* o show, sabe tudo de baquetas, *swing*, solos e condução ("Drum Boogie" é um bom exemplo). Com sua técnica e peso, Krupa influenciou de Bill Bruford a Topper Headon.

T.P.

DREAM EVIL — Dio (Polygram)

Pelas trevas e seus afins continua trilhando Ronaldinho de Deus e suas máximas como "...portas nunca se abriram para a criança sem um sinal de pecado". Sua banda é eficiente e mantém climas de acordo com suas interpretações. Acho Dio (assim como Ozzy) meio passado para brincar com essas coisas. No entanto, sua horda de seguidores quer isso mesmo dele. Temas como "All the Fools Sailed Away", "Dream Evil" e "I Could Have Been a Dreamer" traduzem melhor o que lhes digo. E a garganta dele continua em forma.

L.R.

KAYA — Bob Marley & the Wailers (WEA)

Lançado originalmente em 1978, este disco representa um dos grandes momentos da carreira deste que hoje é considerado o símbolo máximo do reggae. É aqui que está um de seus maiores sucessos, "Is This Love" (também gravada em português, em versão pouco brilhante, por Baby Consuelo).

Nas letras — que na época foram criticadas por mostrarem um Marley menos engajado (só aparentemente, pois sua ideologia está toda lá) — a presença constante de Jah, o Deus dos rastafáris, citado em várias das dez faixas do disco, e a celebração da *Kaya* (a *cannabis sativa*, popularmente conhecida como maconha), a erva mágica dos rastas. Por causa dela, a contracapa original foi proibida no Brasil na época, pois traz uma ilustração de um enorme "charo" rodeado de folhas da erva, que agora aparece na íntegra com este relançamento.

E, como diz o título da faixa que encerra o álbum, "o tempo dirá" que Marley e suas canções continuarão para sempre nas mentes daqueles que procuram a paz e a integração pela música. *T.L.*

FULL METAL JACKET — Vários (WEA)

De um lado, Abigail Mead, com samplers e tediosos clichês "climáticos" de última geração — salva-se a faixa-título, um rap com imprecações sampleadas do filme de Kubrick. Do outro, a alegria de traças e cultores de velharias fora de catálogo, um painel do pop e do punk dos *mid-sixties*. Destaques: "Wooly Bully", faixa-título do primeiro LP (1965) do esdrúxulo Sam the Sham and the Pharaohs (e não Pharoahs como consta na contracapa e selo do disco), "These Boots Are Made for Walking", a canção de protesto que vendeu um milhão de cópias e projetou Nancy (filha de Frank) Sinatra em 1966, e "Surfin' Bird", o "papa-hum-mau-mau" dos Trashmen, surf punk insuperável. *M.P.*

AMERICAN SOUL MAN — Wilson Pickett (RCA)

As produções mais recentes dos vultosos expoentes que edificaram o império negro da Motown nos anos 60 — sejam daqueles que reapareceram ou dos que permaneceram ativos — estão, invariavelmente, aquém da época em que uma sílaba a mais tinha um significado a mais. Hoje, tentando seguir os avanços tecnológicos inseridos no rock, descascaram o soul e foram lançados pelos mais convencionais arranjos do pop americano. A garganta de Pickett é apenas mais uma vítima. Triste. *F.N.*

CHRONICLES — Steve Winwood (WEA)

A antiga banda Traffic, inglesa, não era lá essas coisas. Mas fez escola na passagem dos anos 60 para os 70. Winwood, naqueles idos, tinha uma voz cálida, nem brilhante nem cretina. Sabia cantar. Em sua carreira solo, utilizou seus recursos como intérprete para criar produtos fáceis de ouvir e mais fáceis ainda de serem esquecidos. Este novo LP faz sucesso nos EUA, mas pouco tem a modificar na imagem de Winwood. Sua voz aguda percorre dez popices tolas, de baladas a funks brancos. Futilidade nas letras, mediocridade no canto e indiferenciação melódica — o que sobra dessa bobagem? Só uma lembrança vaga depositada no cemitério do vinil... *L.A.G.*

L.A. WOMAN — The Doors (WEA)

Este disco — gravado no começo de 71 — é na realidade o epitáfio dos Doors. Em 3 de julho deste mesmo ano, Jim Morrison teria um ataque cardíaco fatal dentro de uma banheira, em algum lugar de Paris, e os dois LPs cometidos posteriormente pelo trio remanescente soam pífios, marcados pela ausência de um cantor e letrista insubstituível. De fato, Jim era o coração e a alma dos Doors, que neste LP tornavam mais acentuadas as tendências já prenunciadas no álbum de estúdio que o antecedeu (*Morrison Hotel*, de 70). O som da banda ia, pouco a pouco, tornando-se mais cru e pesado, ao mesmo tempo que eles mergulhavam fundo no blues ("Been Down So Long", "Cars Hiss by My Window" e "Crawling King Snake") e no hard-rock ("The Changeling", "L'America", e a faixa-título, em versão de quase oito minutos). Toda esta rispidez musical, no entanto, foi filtrada por uma produção exemplar que conseguiu lapidar o som da banda, porém mantendo intacta toda a sua energia. O resultado foi um LP que, mesmo hoje em dia, ainda soa inquietante. Para se constatar isso, basta ouvir a faixa que encerra o álbum, "Riders on the Storm", soturna canção embalada por rajadas de chuva e trovoadas. *C.P.*

RAFAEL RABELLO INTERPRETA RADAMES GNATTALI — Rafael Rabello MUXIMA — Jorge Degas & Marcelo Salazar (Visom)

A importância do compositor e pianista carioca Radames Gnattali para o desenvolvimento da música instrumental brasileira parece já estar reconhecida, mas falta o principal: boas gravações de sua vasta produção. Em mais de 50 anos de atividades intensas, Radames ajudou a estabelecer um tipo de orquestração que não imitava as *big bands* americanas, no auge do rádio nos anos 40 e 50; e compôs inúmeros concertos que ainda reclamam novas gravações. Este disco do jovem violonista Rafael Rabello é preciso e precioso. A música urbana de Radamés reclama uma sonoridade mais extrovertida que aquela bem-comportada *Criado concerto*. Ela precisa ser contundente e rigorosa. E isso Rafael Rabello transmite com a naturalidade de quem domina a concepção do compositor.

Outro lançamento da gravadora Visom do Rio de Janeiro é *Muxima*, com o contrabaixista Jorge Degas e o percussionista Marcelo Salazar. O disco apresenta uma qualidade de gravação muito boa (sistema digital) e as melhores faixas são aquelas criadas a partir de um duo instrumental, onde Degas explora todo o swing funk, estabelecendo um perfeito diálogo com a percussão rítmica de Salazar. *Lívio Tragtenberg*

TIME VAULTS — Van der Graaf Generator (Brasidisc)

O grupo inglês Van der Graaf Generator (desaparecido há dez anos) é daqueles que nos ajudam a provar que o melhor do rock progressista nem sempre esteve a cargo de sintetizadores. Surgido em Manchester, em 1967, teve seu período inicial de atividades até 71, quando sedimentou o clássico quarteto que tinha os teclados, a guitarra e o vocal esotérico do genial Peter Hammill, os sopros de David Jackson, a percussão de Guy Evans, e o órgão de Hugh Banton. No mesmo ano de 1971, o grupo lançou *Pawn Hearts*, não somente sua obra-prima, mas um dos trabalhos mais complexos do rock de vanguarda. Aquele monumental LP levou a banda a um colapso nervoso e também à sua primeira dissolução.

Entre 1971 e 75, os músicos mantiveram-se unidos, mas o Van der Graaf, oficialmente, não existia (somente discos solos de Hammill e um do resto da banda foram vistos). Todavia, algumas gravações caseiras foram realizadas pelo quarteto, e Hammill os editou em 1981, em cassete, por conta própria e com tiragem limitada. Em 1984, a Charly Records interessou-se pela fita e a editou em disco. Apesar da qualidade precária do som, este lançamento da Brasidisc vale a pena, pois o material é quase que totalmente inédito. A propósito: a edição nacional saiu com os lados trocados, ou seja, o que está com selo de lado A é o B, e vice-versa. Não perca a oportunidade, pois outro LP do Van der Graaf não deve vir tão cedo.

Valdir Montanari

BLUE VELVET, A NIGHTMARE ON ELM STREET 3 — Angelo Badalamenti/NO WAY OUT, WITNESS — Maurice Jarre/THE FLY — Howard Shore/ROBOCOP — Basil Poledouris/ALIENS — James Horner/HOPE AND GLORY — Peter Martin (Varèse Sarabande/SBK Songs)

Com o lançamento deste pacote, composto de oito títulos, a SBK Songs começa a distribuir no Brasil o catálogo da gravadora americana Varèse Sarabande, especializada em trilhas sonoras cinematográficas.

O grande destaque fica por conta de *Blue Velvet (Veludo Azul)*, a trilha do *cult movie* de David Lynch, concebido a partir de uma canção homônima (um hit de Bobby Vinton, nos idos de 51). Outros sucessos dos anos 50, em versão original ou orquestrados por Badalamenti, além de suas próprias composições, tornam esta trilha uma peça-chave para as atmosferas concebidas por Lynch. Também de Badalamenti é a música de *A Nightmare... (A Hora do Pesadelo III)*, que desta feita optou apenas por sons de sintetizadores e samplers para criar o clima aterrorizante que o filme de Wes Craven exigia. Na mesma linha dos instrumentos eletrônicos, temos também os dois trabalhos do veterano Maurice Jarre que elaborou um fundo musical poderoso para enriquecer dois grandes filmes de ação: *No Way Out (Sem Saída)*, de Roger Donaldson, e *Witness (A Testemunha)*, do australiano Peter Weir.

Voltando às orquestras, temos a trilha com arranjos sóbrios, porém extremamente tensos, que Howard Shore compôs para *The Fly (A Mosca)*, de David Cronenberg. Em tom mais grandiloqüente, as criações de Basil Poledouris para *Robocop (Robocop — O Policial do Futuro)*, do diretor holandês Paul Verhoeven, e a trilha de James Horner para *Aliens (Aliens — O Resgate)*, de James Cameron. E ainda as composições de Peter Martin — aliadas a suas adaptações de Wagner, Chopin, Mozart e Purcell — para o filme *Hope and Glory (Esperança e Glória)*, do inglês John Boorman.

Além de continuar a lançar trilhas de produções recentes e clássicos do passado, a SBK Songs também promete para breve lançamentos na área da new age, do heavy e do rock independente americano e europeu. É esperar para ver.

C.P.

SINFONIAS N.ºs 7 E 9 DE GUSTAV MAHLER — Orquestra Filarmônica de Nova York e Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, sob regência de Leonard Bernstein (Deutsche Grammophon/Polygram)

As nove sinfonias do compositor austríaco não pertencem somente ao universo da música. São cosmogonias poéticas, para onde Mahler transportou suas crenças, anseios e mitos. Daí serem também mundos paralelos autônomos, cada um dono de leis e traços próprios. A *Sétima*, composta em 1905, pretende alcançar a alegria em seus cinco movimentos. Faz pinturas sonoras, evoca a natureza entre convulsões e relaxamentos. A *Nona*, de 1908/1909, assombra tanto que Alban Berg chegou a atribuir-lhe uma "consciência da morte". São quatro movimentos densos de complexidade e grandeza. As visões de Mahler se tornam muito nítidas e modernas nas versões de Bernstein. Como se ele filtrasse só música daquilo que também é não-música. Vale como guia através de um mundo movediço.

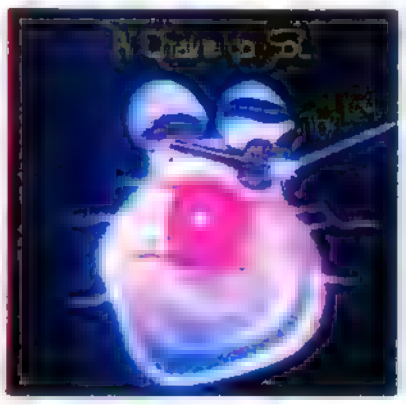
L.A.G.

HOW YA LIKE ME NOW — Kool Moe Dee (RCA)

O rapper americano, que recentemente apresentou-se em São Paulo, volta com novo LP. E aparentemente com nova condição financeira, como está implícito no título e na capa. Melhorou tecnicamente, mas mantém a imensa lupa escura nos olhos, tão grande quanto sua egolatria, expressa no encarte onde ele avalia por quesitos outros rappers, reservando para si próprio a nota máxima.

Independentemente disso, ele apresenta uma boa seleção de raps e hip hops, só que com letras repletas de mensagens moralistas. Entre as músicas "roubadas" via sampler, "Sex Machine", de James Brown, está quase na íntegra em "I'm a Player", o que a torna muito melhor...

T.L.



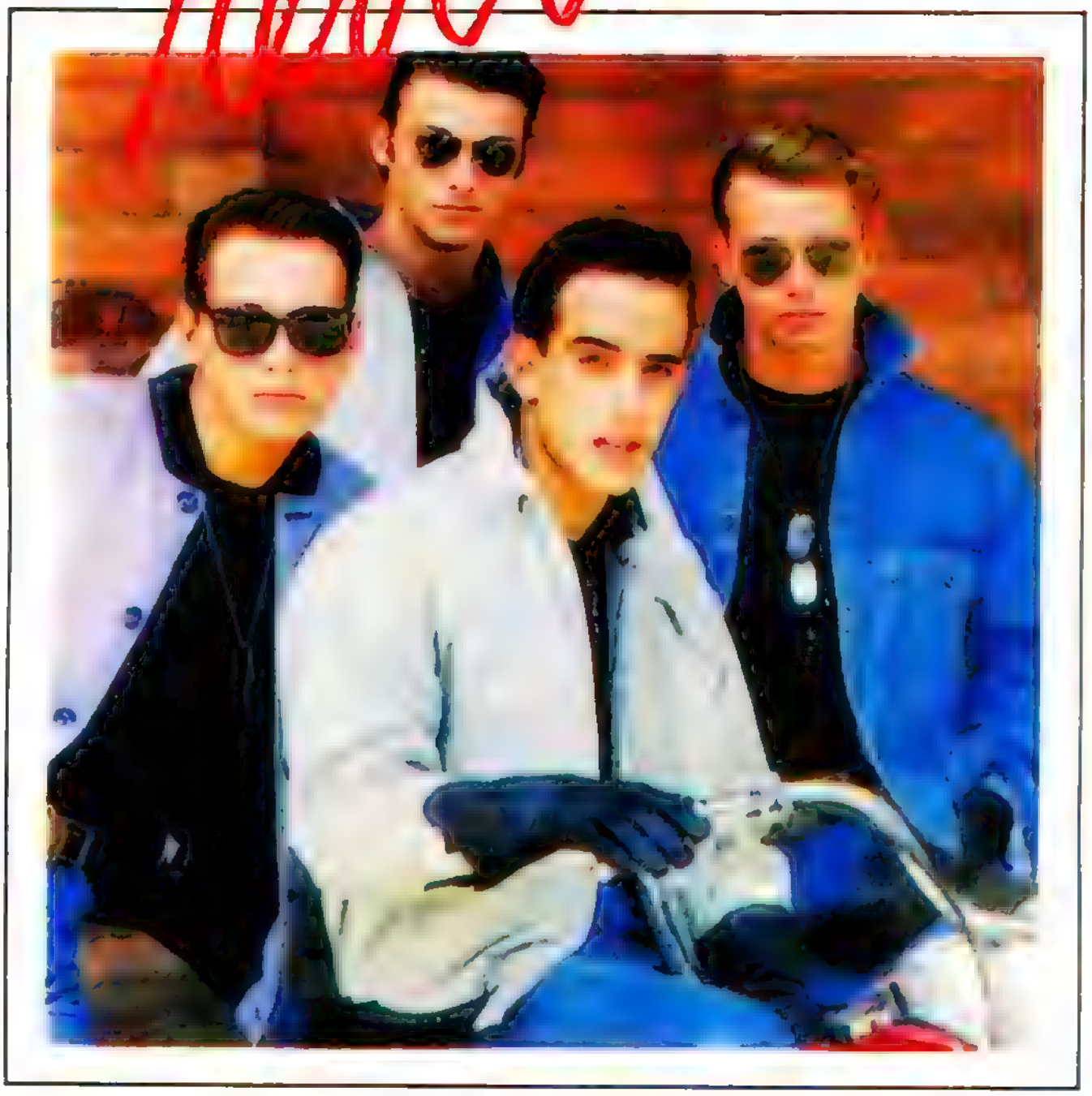
THE KEY — A Chave do Sol (Rock Brigade)

Depois de um compacto simples e um míni-LP, totalmente instrumentais, a Chave passou a ser um quarteto e vem com um LP com letras e vocais. Sua linha é hard, com influências de bandas inglesas do gênero, como o Deep Purple. O lado A é pesado, porém romântico (a velha tentativa de conquistar outros mercados). No B, cantado em português, os destaques são o rock antiapartheid "Sun City" e a boa balada "Lírio de um Pantanal".

L.R.

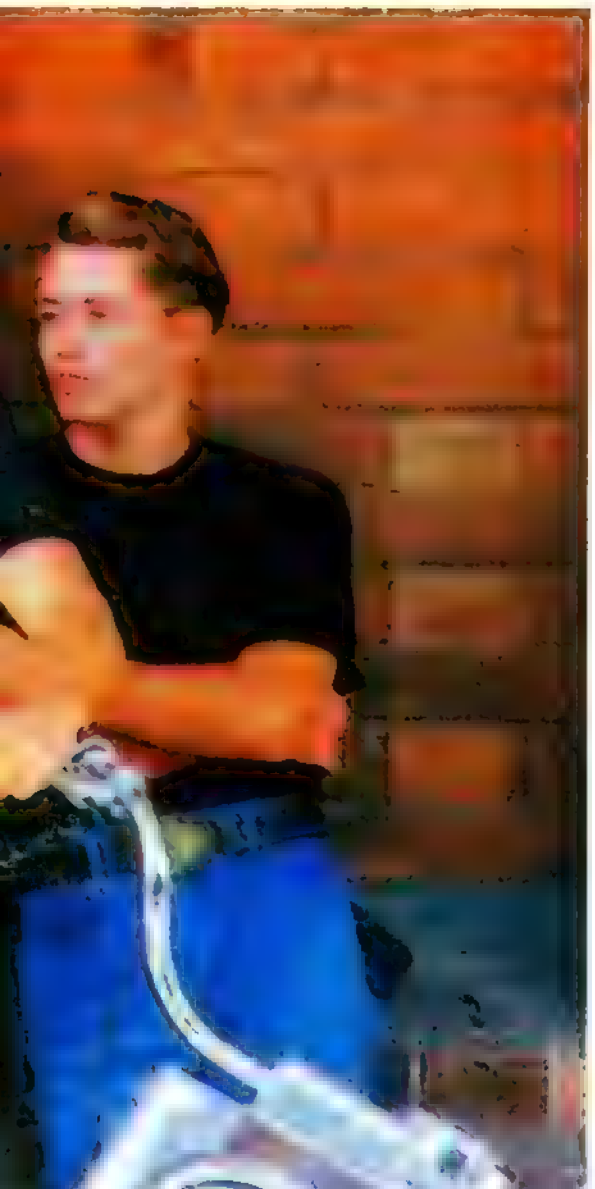
ROCK

musical



Jeaneration

DENIM
Snow White
FIT



ROCK revival

SO DARK,
SO WILD,
BRIGHT
AT NIGHT
SO...
JENERATION

ROCK *revival*

Jeneration não veste. Toca. É pulsante. Adrenalina pura. Rock de verdade. Jaqueta jeans, motocicleta roncando, o olhar do broto. É esse o espírito da coisa. Bons tempos esses. Quebre o silêncio. Sintonize Jeneration. E aumente o volume.

Coordenação
BETO CAVALCANTI
Edição de arte
MIRIAN BERTOLDI
Fotos
ARMANDO PRADO
Texto
WILLIANS BARROS
Cabelos e Make Up
LUIS CAMARGO

Superposter TITÃS

Os leitores de BIZZ elegeram: o melhor grupo e o melhor LP de 87.

BIZZ ESPECIAL

Poster gigante, fotos incríveis, história completa do grupo, perfis e discografia. Tudo sobre os Titãs.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Jeaneration

ONDE ENCONTRAR

ALAGOAS
ARAPIRACA - Liberato Modas • MACEIÓ - Lojas Maxhu's - Mister's • PENEDO - Toca do Bolinha

AMAPÁ
MACAPÁ - Lolly Pop

AMAZONAS
MANAUS - Marcy - Play Boy

BAHIA
CAMAÇARI - Di Kara • EUNAPOLIS - Star Jeans • FEIRA DE SANTANA H2A - Linu's Modas - Micheloom Boutique - Offan Center • JUAZEIRO - Casa das Meias • SALVADOR - Correct Star - Ernesto Correia Ferramenta do Corpo - Gian - Washi • VALENÇA - Kaisa a Bessa • VITÓRIA DA CONQUISTA - Jaqueline Boutique - Portão 65

CEARÁ
FORTALEZA - Di Roma - Homem - Stilo

ESPÍRITO SANTO
CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM - Marchine • VILA VELHA - K.G.B. • VITÓRIA - Master - Mister - Vila Jeans

MINAS GERAIS
ARAGUARI - Donlut Modas - Newman • BELO HORIZONTE - Avenida Homem e Mulher - Jeans Center - Lee Importadora - Rolla Sports - Yankee Importadora - Iaia Ioia • CORINTO - Jeans Center • IPATINGA - Danni Jeans • JUIZ DE FORA - Creavest - Delmonte São João Drops • MONTES CLAROS - Etiqueta Sport - Raio X • PATROCÍNIO - Stock Jeans - Stock Modas • POÇOS DE CALDAS - Escala Modas - Gardem Modas - Tuffi Modas • SÃO JOÃO DEL REI - Marco Vale Special • UBERABA - Minerva Sport - Tremendão - Ximbica Modas • UBERLÂNDIA - Casa Blanca - Don Fernando

PARÁ
BELÉM - Le Barrau - Lojas Visão • SANTARÉM - Stylo's Boutique

PARAÍBA
CAMPINA GRANDE - Alisson Modas - Brasil Modas • JOÃO PESSOA San Diego - Jeansurf - Cogumelo

PARANÁ
ANDIRA - Piso I Quarenta Graus • APUCARANA - Cartola • ARAPONGAS - Cartola • CAMPO MOURÃO - Loja Renascença • CIANORTE Toni Center • CORNÉLIO PROCÓPIO - Cartola • CURITIBA - Jeanstock - Surf Lançamentos • LONDRINA - Biboca • MARINGÁ - A Brasileira Loja Genka • PARANAVAÍ - Chad Modas • ROLÂNDIA - Cartola • UMUARAMA - Nivaldo's Magazine

PERNAMBUCO
CARPINA - Roupa Nova • MARABÁ - Marabá Novidades • CARUARU Village Modas • RECIFE - Hombre - Má Fama - Spelunka - Veloso

PIAUÍ
TERESINA - Ditador da Moda

RIO DE JANEIRO
BARRA DO PIRAÍ - Agito e Usa • BARRA MANSA - Carlos Modas - Xicu's • CAMPOS - A P Roupas - Cipó - Free Wave - New Face • MACAÉ - Pantaleon • NOVA FRIBURGO - Amil - Renner - Sensual Fashion • NOVA IGUAÇU - Camisaria Flor de Maio - Rosalem Roupas • PETRÓPOLIS - A Predileta Casa Ideal - Fiore - Fiorentex - La Mouslashi • RESENDE - Jeans 47 • RIO DE JANEIRO - Adonis - Anderson Roupas Augustus - Batty - Casa Tavares - Casas José Silva - Delmon - Elite Jeans Sport - Esplanada Roupas - Fidel Modas - Lojas Alex Lui Luciano - Mademoiselle Modas - Marado Confecções - Mountain - Posato - Quinta Avenida - Rei & CO - Silcon Modas - Stop Light - Sued Boutique - Temper Roupas - Varese Ind Com. - Zepellin • SAQUAREMA - Chante • TERESÓPOLIS - Carvas- Yellow • TRÊS RIOS - Akiaub • VASSOURAS - Dani • VOLTA REDONDA - Span

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ - Goreth Modas - Mania de Vestir • NATAL - Camisaria União - Rio Center

RIO GRANDE DO SUL
BAGÉ - Tempo • CAMAQUÃ - Ferrão Confecções • CANOAS - Branson Fashion • CAXIAS DO SUL - Comercial Prataviera - Fedrizzi • CRUZ ALTA - Treku's Moda Jovem • ERECHIM - Casas Alegretti • IJUI - Buraku's • JULIO DE CASTILHOS - Moda Um • LAJEADO - Lojas Huffner • NOVO HAMBURGO - Casa Floriano • PASSO FUNDO - Eccos - Maré Alta - Via Moron • PELOTAS - Timpana Modas • PORTO ALEGRE - Casa Dulce - Casa Lu Huff Renner • SANTA MARIA - Vento Norte • SANTANA DO LIVRAMENTO - Caggiani Modas - Sayon • SÃO BORJA Tchan Moda Jovem • SÃO LOURENÇO - R.C. Wetzel

SANTA CATARINA
BLUMENAU - Lojas Hering - Status Rio - Taco Jeans • BRUSQUE - Casa Avenida • CHAPECÓ - Casas Lorenci - Casas Vitória • CONCÓRDIA Casas Lorenci - Casas Vitória • CRISCIUMA - Lojão H.B. • FLORIANÓPOLIS - Beco - Vida Livre • JOAÇABA - Lorenci Modas • JOINVILLE Apolo - Casa Pieper • RIO SUL - Status Rio • TUBARÃO - A Preferida

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ - Unijeans - Kajuvi • SANTOS - Pant's Jeans • SÃO BERNARDO DO CAMPO - Apriori - Dudu Modas - Hat Sport - Jeans Etc • SÃO CAETANO DO SUL - Jeans Compeer - Danny Fashion • SÃO PAULO - Bacara Modas - Bacco's - Cotton Store - Dafer Modas - Daks Modas - Dampa Sportswear - Ferramenta do Corpo - J. Gondin - Jeans Store - Jeans Tarka - Kalkan Modas - Keep's - L. Gondin - Loock Jeans - Tunnel - San Pablo - Kamarinus - Dada Modas - Estação 2000 Tina - Bettavite - Joal Modas - Nina Bela - Balunha - Modas Kathleen Bright Modas • SÃO VICENTE - Pop Jeans - Gudstore

INTERIOR DE SÃO PAULO
ARAÇATUBA - Too Much • ARARAQUARA - Bonnie à Clyde • ASSIS Free Jeans • BARRETOS - Maçã Vermelha - Tecidos Joia • BRAGANÇA PAULISTA - Firenze Magazine • CAMPINAS - Jeans Junction - Victory Modas - La Marca • GUARATINGUETÁ - Jeans Valley • ILHA SOLTEIRA - Loja Nova • ITAPETININGA - Center Mafarazzo • ITU - Hobby Sports • JACAREÍ - Rosvaldo Modas • JAÚ - Fredy Jeans • JUNDIAÍ Leopardi Jeans • LIMEIRA - Cuki Modas • MAUÁ - Palladium Jeans Cartel Jeans • MATÃO - Pub Jeans • PAULO DE FARIA - Ana Rosa Boutique • PINDAMONHANGABA - Cozzi Presentes • PORTO FERREIRA Vila Rica • PRESIDENTE PRUDENTE - By Brasil - Jeans e Afins Star Jeans Rodeio • SÃO JOÃO DA BOA VISTA - Chiquita Bacana • SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - Sercel Modas • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - B.B.C. • TAUBATÉ - Ponto Quatro - Levi Jeans • VINHEDO - Desce Escada

SERGIPE
ARACAJU - A Suprema Lord Poliana Modas

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Ambos Dallas Importadora Universal - Livre Importadora

GOIÁS
GOIÂNIA - Green House Boutique • JATAÍ Cintra Boutique

DRAMA

O ULTIMO MAGNATA (The Last Tycoon, EUA, 1976)

Direção: Elia Kazan. Com Robert De Niro, Tony Curtis, Robert Mitchum, Jack Nicholson, Ingrid Boulting e Jeanne Moreau Look

E o último filme do grande Elia Kazan (*Sindicato dos Ladrões, Vidas Amargas* e *Clamor do Sexo*). Kazan soube, como nenhum outro cineasta, registrar, com certeiros tons de amargura e laivos ferinos, o american way of life. Além disso, foi o "descobridor" de talentos como James Dean, Marlon Brando e Warren Beatty. A crítica considerou uma frustrante, aborrecida e infeliz adaptação do romance homônimo inacabado de F. Scott Fitzgerald. A história do chefe de produção de um grande estúdio (De Niro), baseada na vida de Irving Thalberg, o chefão da Metro Goldwyn Mayer, resulta num painel algo irregular dos anos de ouro de Hollywood. Mas a particular habilidade de Kazan em dirigir atores e a mão segura que realizou os grandes dramas da América devem ser contemplados. *B.A.*

A BANDA DO PARAÍSO (The Gig, EUA, 1984)

Direção: Frank D. Gilroy. Com Wayne Rogers, Cleavon Little e Warren Vache. Hipervídeo

Barata, porém muito simpática, comédia dramática musical. Um grupo amador de jazz, formado por profissionais liberais brancos — um dentista, um vendedor de carros usados etc. —, consegue um contrato para uma curta temporada em um clube de campo. A partir daí, o roteiro colocará, com sutileza, os confrontos entre diletantes e profissionais, brancos e negros. Feito por quem e para quem ama a música. *A.A.*

SUSPENSE

UM CORPO QUE CAI (Vertigo, EUA, 1958)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart e Kim Novak. Cor

John (Stewart) é um detetive aposentado que tem fobia de altura e presta favor a um amigo seguindo sua esposa (Novak), que faz passeios estranhos sem se lembrar. Ele acaba se apaixonando por ela, que num instante de tormento se joga da torre de uma igreja e morre. Arrasado, John se depara com uma outra mulher — idêntica à morta — e envolve-se com ela num clima obsessivo de paixão. Sua fantasia e desespero levam-no a reconstituir a queda para testar a si próprio e buscar pistas. A vertigem física de John se confunde com a paixão que lhe escapou das mãos impotentes. No fim do filme estão a solução e a dissolução do caso — nada elementar, caro leitor.

R.S.

PSICOSE II (Psycho II, 1983)

Direção: Richard Franklin. Com Anthony Perkins, Vera Miles, Meg Tilly. Cor

Baseado num bom argumento de Tom Holland (diretor de *A Hora do Espanto*), esta "continuação" da obra-prima de Hitch é dirigida por Franklin sob um clima misto de homenagem e paródia, e, ao contrário da original — rodada em PB, para tornar sutis as cenas sanguinolentas —, enfatiza a violência explícita. Tudo recomeça quando o psicótico Norman Bates (Perkins) é declarado são e liberado do asilo onde esteve internado nos últimos 22 anos, e volta a tomar conta de seu velho motel e a morar naquela mesma mansão vitoriana. E ainda quer mamãe... *C.P.*

JANELA INDISCRETA (Rear Window, EUA, 1954)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Grace Kelly, Raymond Burr. Cor

A história (tirada de um excelente conto de Cornell Woolrich) é perfeita para uma trama hitchcockiana. Um fotógrafo acidentado (Stewart) está com a perna engessada e passa os dias observando os vizinhos pela janela dos fundos, e acaba descobrindo um crime. O ritmo é lento, falta suspense e os personagens não convencem muito. Mesmo assim, pelo aproveitamento do belo cenário, graças aos movimentos de câmera (que permitiram ao diretor sincronizar várias ações ocorrendo em apartamentos diferentes), o filme é um clássico. O *voyeurismo* do personagem central transcende, contagiando o espectador. *T.P.*

FESTIM DIABÓLICO (Rope, EUA, 1948)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, John Dall, Farley Granger. Cor

Festim é um Hitchcock especial sob vários aspectos: além de ser a primeira fita que rodou em cores, marca também sua estréia como produtor. Mas o motivo principal é que se trata de um filme realizado "em um único plano, sem cortes". Durante seus oitenta minutos — filmados em oito planos de dez minutos (a duração de um carretel de película) — os cortes são feitos de forma imperceptível. A ação se passa em um único ambiente — um apartamento em Nova York, especialmente criado em estúdio —, onde dois estudantes (Dall e Granger) estrangulam um colega e ocultam seu cadáver pouco antes de um jantar para o qual haviam convidado os pais e a noiva da vítima, além de um ex-professor (Stewart). Perante eles, os antitriões colocarão à prova o seu "crime perfeito". *C.P.*

TOPÁZIO (Topaz, EUA, 1969)

Direção: Alfred Hitchcock. Com Frederick Stafford, Dany Robin, John Vernon, Michel Piccoli, Philippe Noiret. Cor

O 51.º filme de Hitchcock (e não "Hitchock", como está vergonhosamente estampado na feia capa desse vídeo) é uma colcha de retalhos. Começa com a fuga de um alto funcionário russo para os EUA e termina com o suicídio de um agente russo infiltrado no governo francês. No meio disso, um pouco de espionagem em Cuba, atores franceses clássicos, romances, traições, altos e baixos. Até seus imitadores foram mais incisivos no mesmo período. Na verdade, *Topázio* parece uma versão maior, devagar e caricatural dos thrillers de espionagem que Hitchcock fez nos anos 30. Um filme médio de um diretor acima da média. Baseado no best seller homônimo, maniqueísta, de Leon Uris. *M.P.*

O HOMEM QUE SABIA DEMAIS (The Man Who Knew Too Much, EUA, 1956)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Doris Day, Carolyn Jones. Cor

Ao socorrer numa rua de Marrakesh um homem apunhalado, o dr. McKena (Stewart), um médico americano em férias, é informado dos planos para um assassinato político em Londres. Querendo silenciá-lo, os conspiradores sequestram seu filho, para histeria da sra. McKena (Doris Day). Esse *remake* de um filme feito em 1934 pelo próprio Hitchcock é talvez sua obra mais "família", mas não deixa de ter um suspense eletrizante, conduzido pela música de Bernard Herrmann. A melhor sequência é justamente um concerto no Albert Hall, em que um atentado será cometido no momento em que soar a única batida de pratos da música. E é uma canção ("Que Será, Será"), cantada por Doris Day, que ajudará o filme a atingir seu *happy end*. *J.G.C.*

ALFRED HITCHCOCK

Christophe L.

A inconfundível silhueta de Hitch foi fundamental para a história do cinema. Não só porque ele — ao longo dos 53 longa-metragens que dirigiu — manipulou as imagens de forma magistral na criação de inúmeras seqüências antológicas, mas também por ter conseguido transpor para as telas os medos, culpas, obsessões e ansiedades escondidos nos recônditos mais fundos de nossas almas, em uma obra que transcende o estreito rótulo de "filmes de suspense".

Alfred Joseph Hitchcock nasceu em Londres, no último 13 de agosto do século passado (quem sabe, uma sexta-feira). Filho de família católica e extremamente severa, educado em um colégio de jesuítas, o gorducho e introvertido Alfred aos poucos foi tomando pavor a qualquer espécie de autoridade constituída e destilando seu ódio às hipocrisias sociais, sentimentos que trespassavam sua inata timidez, expressando-se através de uma inteligência brilhante e um senso de humor peculiar. Sua vida privada, pacata e reservada — ao lado de Alma (com quem esteve casado durante 54 anos, até morrer em 29/04/80), Patrícia (sua única filha, nascida meses antes do advento do cinema falado) e seus netos e bisnetos — era diametralmente oposta ao universo de tramas e conflitos que apresentava às platéias, cujos aplausos foram seguidos pelos da crítica.

Uma genial carreira que começou no cinema mudo, adquiriu personalidade ainda na "fase inglesa" e se consolidou com a ida de Hitch para Hollywood, em 39. Uma influência incisiva exercida sobre os grandes artífices da linguagem cinematográfica: para Orson Welles, "um diretor extraordinário"; para Godard, ele era "o mais alemão dos cineastas ocidentais"; para Truffaut, aquele diretor em cujas obras "todas as cenas de amor eram filmadas como cenas de assassinato e todas as cenas de assassinato como cenas de amor". Se consultado, Brian De Palma provavelmente diria: "Faltam-me as palavras..."

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA (todos os filmes com * são disponíveis em vídeo): doze filmes mudos (de 20 a 22), como criador e desenhista de intertítulos, *Number Thirteen* ou *Mrs. Peabody* (22, inacabado, sua estréia na direção), *Always Tell Your Wife* (22, apenas concluindo o trabalho de direção), *Woman to Woman* (22, como co-roteirista), *The White Shadow* ou *White Shadows* (23, como co-roteirista e produtor de cenários), *The Passionate Adventure* (24), *The Prude's Fall* (25), *The Blackguard* ou *Die Prinzessin und der Geiger* (25) — nos três como roteirista, assistente de direção e produtor de cenários —, *The Pleasure Garden* ou *Irrgarten der Leidenschaft* (25), *The Mountain Eagle* ou *Fear O'God* ou *Der Bergadler* (26), *The Lodger: a Story of the London Fog* ou *The Case of Jonathan Drew* (26) também como co-roteirista e em duas pontas: um dos presentes em uma redação de jornal e como um dos curiosos que assistem a uma detenção), *Downhill* ou *When Boys Leave Home* (27), *Easy Virtue* (27), *The Ring* (27), *The Farmer's Wife* (28) — nos dois últimos também como roteirista —, *Champagne* (28, também responsável pela adaptação do roteiro para a versão alemã), *Harmony Heaven* (29, apenas colaborando na direção), *The Manxman* (29), *Blackmail* (29, seu primeiro filme sonoro, também em versão muda, onde é responsável inclusive pela adaptação da história, co-roteirista e aparece em uma ponta como um passageiro no metrô), *Elstree Calling* (30, como colaborador na direção), *Juno and the Paycock* ou *The Shame of Mary Boyle* (30, também como co-roteirista), *Murder* ou *Mary-Sir John Greift Ein* ou, na versão curta-metragem, *An Elastic Affair* (30-31, também co-responsável pela adaptação e em uma ponta como um transeunte), *The Skin Game* (31, também como co-roteirista), *Rich and Strange* ou *East of Shanghai* (32, também responsável pela adaptação), *Number Seventeen* (32, também como roteirista), *Lord Camber's Ladies* (32, como produtor), *Waltzes from Vienna* ou *Strauss' Great Waltz* ou *The Great Waltz* (33), *O Homem que Sabia Demais* *The Man Who Knew Too Much*, 34), *Os Trinta e Nove Degraus* *The Thirty Nine Steps*, 35, também em uma ponta como um transeunte), *O Agente Secreto* (*The Secret Agent*, 36), *O Marido Era o Culpado* (*Sabotage* ou *The Woman Alone*, 36), *Young and Innocent* ou *A Girl Was Young* (37, também em ponta como um fotógrafo na saída de um tribunal), *A Dama Oculta* (*The Lady Vanishes*, 38, também em ponta na plataforma de uma estação ferroviária), *A Estalagem Maldita* (*Jamaica Inn*, 39), *Rebeca, A Mulher Inesquecível* (*Rebecca*, 40, o primeiro filme americano do diretor, que também aparece do lado de fora de uma cabine telefônica), *Correspondente Estrangeiro* (*Foreign Correspondent*, 40, também em uma ponta onde aparece lendo jornal), *The House Across the Bay* (40, apenas concluindo o trabalho de direção), *Men of the Lightship* (40, curta, em que só colaborou na reedição da versão americana), *Um Casal do Barulho* (*Mr. e Mrs. Smith*, 41, também em uma ponta como um transeunte), *Suspeita* (*Suspicion*, 41), *Target for Tonight* (41, como colaborador apenas na reedição da versão americana), *Sabotador* (*Saboteur*, 42, também em aparição junto a uma banca de jornais), *A Sombra de Uma Dúvida* (*Shadow of a Doubt*, 43, também em ponta a bordo de um trem, jogando bridge), *Um Barco e Nove Destinos* (*Lifeboat*, 43, onde também faz uma aparição em uma foto de anúncio de produto dietético num jornal), *Bon Voyage* (44, curta), *Aventure Malgache* ou *The Malgache Adventure* (44, curta), *Quando Fala o Coração* (*Spellbound*, 45, também em uma ponta, onde sai de um elevador), *Interlúdio* (*Notorious*, 46, onde também aparece bebendo champanhe), *Agonia de Amor* (*The Paradine Case*, 47, também em uma ponta, onde passa carregando um violoncelo), *Festim Diabólico* * (*Rope*, 48, onde também aparece no início atravessando uma rua) — filme a partir do qual ele começa a se autoproduzir —, *Sob o Signo de Capricórnio* (*Under Capricorn*, 49, também em uma ponta, onde aparece ouvindo um discurso), *Pavor nos Bastidores* (*Stage Fright*, 50, também em aparição como um transeunte), *Pacto Sinistro* (*Strangers on a Train*, 51, também em uma ponta como um passageiro que embarca num trem com um contrabaixo), *A Tortura do Silêncio* (*I Confess*, 52, onde também aparece cruzando a tela, no alto de uma escada), *Disque M para Matar* (*Dial M for Murder*, 54, também como roteirista e em aparição numa antiga foto de reunião de colegio), *Janela Indiscreta* * (*Rear Window*, 54, também em uma ponta, onde aparece dando corda em um relógio), *Ladrão de Casaca* * (*To Catch a Thief*, 55, também em uma ponta, sentado num ônibus ao lado de Cary Grant), *Suspicion*, depois *Alfred Hitchcock Presents* — série para a TV, produzida e apresentada por ele de 55 a 62, da qual dirigiu dezoito episódios —, *O Terceiro Tiro* (*The Trouble with Harry*, 56, também em uma ponta como um transeunte), *O Homem que Sabia Demais* * (*The Man Who Knew Too Much*, 56, onde também aparece de costas, assistindo uma exibição de acrobatas), *O Homem Errado* (*The Wrong Man*, 57, também em aparição introduzindo a história), *Um Corpo que Cai* * (*Vertigo*, 58, também em uma ponta como um transeunte), *Intriga Internacional* (*North by Northwest*, 59, também em aparição como um passageiro que perde o ônibus), *Psicose* (*Psyco*, 60, também em uma ponta, parado na calçada usando um chapéu texano), *Incident at a Corner* (60, episódio para a série de TV *Ford Star Time*), *The Gazebo* (60, apenas como uma voz ao telefone que diz a Glenn Ford como se livrar de um cadáver), *The Alfred Hitchcock Hour* — série de TV produzida por ele entre 62 e 65, na qual dirigiu o episódio *I Saw the Whole Thing* (62) —, *Os Pássaros* (*The Birds*, 63, onde também aparece passeando com dois terriers), *The Directors* (63, apenas em aparições dando depoimentos), *Marnie, Confissões de Uma Ladra* (*Marnie*, 64, também em uma ponta como um dos hóspedes no corredor de um hotel), *Cortina Rasgada* (*Torn Curtain*, 66, onde também aparece carregando um bebê no colo), *Topázio* * (*Topaz*, 69, também em uma ponta, numa cadeira de rodas empurrada por uma enfermeira), *Makin' It* (70, apenas com antigas aparições, do começo dos anos 30), *Frenesi* (*Frenzy*, 72, também em uma ponta, no meio de um grupo de pessoas que observa um cadáver no rio Tâmisa), *Trama Macabra* (*Family Plot*, 76, onde também aparece como uma silhueta atrás da vidraça de um escritório), *Once Upon a Time... Is Now* (produção para a TV, 77, onde aparece apenas sendo entrevistado).

- PAULA TOLLER -

UM DOCE DE ABÓ

Apesar do sucesso minguado do* Tomate *(apenas "Amanhã é 23" tocou bem nas rádios, e o LP não vendeu tanto quanto o* Educação Sentimental*), o Kid Abelha está mais em evidência do que nunca. A razão de tudo é a série de shows que o grupo vem dando pelo país, onde brilha esfuziante nossa musa pop, Paula Toller.

Trêmulo e tentando desesperadamente ficar calmo,* Thomas Pappon *foi entrevistá-la numa ensolarada tarde carioca. Ela é encantadora, meiga, serena. Quem diria que essa delicada* lady*, de porte natural e quase aristocrático, é a mesma que leva ginásios lotados ao delírio e faz a galera urrar em uníssono: "Paula, eu te amo!!!"...

BIZZ — *Você esteve viajando, não?*
Paula — Sim, mas totalmente de férias. Estive em Paris, depois fui à Suiça esquiar, Roma... Viajo sempre, ou para tocar, ou para passear. Adoro!
BIZZ — *Você fala outras línguas?*
Paula — Inglês e francês. Gostaria de aprender italiano. Fui para a Itália e adorei. Nunca tinha ido. Adorei, adorei! Veneza é uma obra de arte. Cheguei lá de noite, num frio, num frio! Não tinha ninguém na cidade. Estive na Piazza San Marco, sozinha! A cidade toda é construída em cima de estruturas de madeira. É uma palafita (*risos*)!
BIZZ — *No ano passado vocês estiveram em Londres mixando o* Tomate, *não? Como foi essa experiência? Todos participaram da mixagem?*
Paula — Todo mundo. Foi a maior zona. Na verdade a gente produziu esse disco junto com o Paulo Junqueira. Foi um dos nossos discos em que o Liminha menos participou. Então, foi um disco bem da gente. Uma vez eu falei que esse disco era o nosso pior disco, mas entenderam isso de uma maneira errada. Quis dizer pior em termos de qualidade, porque ele tem muitos defeitos. Em termos de arranjo, ele não é tão bem acabadinho como os outros. Tem muita coisa falha ali — muito erro, muito a cara do George (*Israel*). Ele é uma pessoa totalmente desprovida de preconceitos. Se o som está ruim mas está do jeito que ele quer, ele põe ruim mesmo. Acho isso totalmente positivo, porque conseguimos fazer uma coisa que é a nossa cara. É bem legal a sensação de que você produziu uma coisa sozinho e também incorporou o erro — ele faz parte do som. A própria mixagem em Londres foi uma coisa assim: "vamos ver qual é que é". E descobrimos que a mixagem teria sido mil vezes melhor se tivéssemos ficado aqui *(risos)*. Cada dia eu acho mais isso. Tanto que a melhor música do disco é a que foi mixada aqui: "Amanhã é 23". Por outro lado, se não fôssemos, não saberíamos. E foi legal ter ido para conhecer e ver que o problema é o lugar, entendeu? Aqui você está certo das pessoas que você conhece, com quem você trabalha. Aqui acontece muita coisa. Em Paris, por exemplo, eu ficava com a televisão ligada no quarto do hotel e... que quantidade de coisa ruim tem lá! A música francesa, o rock francês, são uma bosta! O rock italiano, então, nem se fala! Chega a ser engraçado... O Festival de San Remo é uma piada! Pô, a parada de sucessos em Paris, se comparada com a nossa, seria tipo Harmony Cats para baixo. Tudo bem produzido, altas roupas, Jean Paul Gaultier, altos clips, mas tudo uma merda *(repete três vezes)*. As únicas coisas boas eram as coisas inglesas, americanas — tipo Madonna, que tem em todos os lugares.
BIZZ — *Você chegou a ser convidada para trabalhar no cinema?*
Paula — Não, mas gostaria.
BIZZ — *Como atriz?*
Paula — É. É uma das coisas que eu gostaria de fazer, mas não sei se vou fazer. Na Europa, estive com um pessoal de cinema. Fui acompanhar uma filmagem. Fiz *still (fotos de cenas)* no filme... *(Suspense! Parece que ela vacila e que não vai falar mais nada sobre o misterioso filme nus, quando percebe que o repórter espera a informação com cara de bobo, ela desata numa risada)*. É que eu viajei com o pessoal que está fazendo o *Lili Carabina*, com a Betty Faria, Reginaldo Farias... Eles terminaram o filme lá.
BIZZ — *Voltando ao* Tomate. *O que você achou da recepção da crítica?*
Paula — Ah, é sempre igual, né? Sempre a mesma coisa *(risos)*. Não foi surpresa para mim não. Estamos acostumados. É engraçado falar com alguém da BIZZ sobre isso. Mas é uma coisa que a gente meio que espera, entendeu? Já sabemos o que vai sair, principalmente em São Paulo. Sabemos que uns vão esculhambar, outros vão levar as coisas mais pessoalmente e a gente fica mais puto.

Cristiano Arnt

ORA

BIZZ — *Esse assunto sobre a crítica é meio maçante para você?*
Paula — Não, talvez eu sempre tenha uma coisa nova a dizer sobre isso. Acho que tudo vem da minha incapacidade de jogar com essas pessoas, de bater uma bola. Fico um pouco na defesa, *bem* na defesa, aliás. Primeiro, porque eu não conheço muito essas pessoas todas que escrevem, e não tenho muita noção de como fazer Relações Públicas — ir a festas, conhecer fulano, etc. Sou um pouco reservada. Isso talvez soe como antipatia. E o trabalho que fazemos é totalmente sujeito a isso — é um trabalho comercial e que também dá certo. As pessoas já selecionam por aí. Acho isso uma bobagem! Mas esse disco teve seus prós, também. Foi até engraçado... No final do ano, o Herbert chegou um dia para mim e disse: "Tenho um negócio para te mostrar que você nem vai acreditar". Aí eu falei: "Como assim?". Ele respondeu: "É que saiu um negócio na BIZZ falando bem de vocês". Aí fui ler — era a tal da Retrospectiva do Ano. Respondi: "Beleza! Um presente de Natal" *(risos). (Pausa)* No mais, sei que isso prejudica em termos de prestigio, principalmente no meio. Mas talvez seja esse o preço que pagamos por uma série de vantagens em relação às outras bandas. Isso tudo não muda nada o que eu faço, como escrevo ou canto. Aliás, todo tipo de progresso ou evolução que eu tenha tido, foi totalmente lento... Realmente! Sou lenta para essas coisas. Demoro para mudar de opinião.
BIZZ — *No caso de vocês, o que fazem me parece sincero. Fazem o que gostam e nunca tiveram que fazer concessões...*
Paula — Nunca fizemos coisas que mandaram a gente fazer, entendeu? Nunca tivemos que mostrar metade de uma música para alguém da gravadora para ver se poderíamos gravar. Nunca tivemos que dar esse tipo de satisfação para ninguém. As únicas pessoas que ouvimos são o Liminha e o Paulo, pessoas que consideramos do Kid Abelha, entendeu? O Liminha, apesar de ser diretor artístico da WEA, está totalmente do lado de cá. É uma pessoa que sempre vai ajudar. Uma vez um cara de uma rádio me falou que poderíamos pelo menos gravar uma ou duas músicas — tipo da onda brega, aquela coisa meio Miguel Plopschi, Sullivan & Massadas... Não é uma coisa que a gente está precisando não. Neguinho está virando superstar nessas — Alcione, Gal Costa, etc. A gente nunca fez nenhum tipo de concessão.
BIZZ — *Vocês enfrentam muitos problemas internos quando pintam convites para você aparecer num comercial, ou para você dar uma entrevista, ou só você aparecer numa capa de revista?*
Paula — Às vezes tem. É claro, né? Se eu fosse um deles também ficaria puta. Mas com o tempo, aprendemos a conviver com isso. As coisas são assim, entendeu? Eu que canto, então sou eu que tenho de falar. A minha função é essa.
BIZZ — *Você encara isso como uma "função"?*
Paula — É minha função em termos de nós quatro. O meu papel é esse. O meu papel é o de estar ali, na frente do palco, dar o recado, falar.
BIZZ — *Quando você está no palco, está consciente de que mexe com a libido da rapaziada? Você acha que muita gente vai ver o show do Kid Abelha, menos pela música e muito mais para ver a Paula Toller ao vivo?*
Paula — Ah, claro! Tenho a maior consciência disso. Isso é uma coisa absolutamente divertida. Encaro isso numa boa. É uma coisa legal, porque não me tira nada. Mas não é porque eu tirei foto pelada na Playboy que nego está indo me ver. Não é isso. Não começou assim, entendeu? Mas tudo isso faz parte, assim como as garotinhas vão ver o Paulo Ricardo. Parece uma comemoração coletiva, uma festa.
BIZZ — *Você já foi agarrada em algum show?*
Paula — *(risos)* Já. De vez em quando sobe um torpedo... porque quando neguinho sobe tem que ser assim, bem rápido, porque o cara sabe que tem segurança no palco. Então já sobe enlouquecido. Há pouco tempo teve um cara, acho que foi em Belo Horizonte... Senti que ele ia subir. Aí afastei um pouco e quando ele chegou perto fiquei relax: ele só deu um beijinho. Mas às vezes a coisa é violenta. Têm lugares mais violentos que outros...
BIZZ — *Como assim?*
Paula — Bom, não sei se é sempre assim. Mas têm lugares onde pinta mais violência. Sai briga à beça, parece que a coisa pode explodir a qualquer momento. Às vezes é meio chato. Já tive que fugir algumas vezes... Não do palco, mas me afastar, sair da frente. Ultimamente a coisa tem aumentado de uma maneira impressionante, principalmente na rua. A gente fez uma turnê recente pelo Nordeste, agora em janeiro, e eu tive sérios problemas. Numa noite eu estava jantando junto com todo mundo num restaurante e tinha umas pessoas, tipo filho de fazendeiro, coronel, que andam armados e se acham donos do lugar. E meu cabelo agora chama muito a atenção — as pessoas olham e vêem que sou eu. E essas pessoas vieram tipo: "Vai *ter* que dar autógrafo, agora!". Depois de dar uns vinte, eu queria comer em paz e disse: "Pô, dá um tempinho, depois do jantar..." Mas os caras começaram a criar problemas. Queriam dar porrada e tal. Tivemos que chamar a polícia porque a qualquer momento os caras podiam puxar uma arma. Foi um problema sério. Todo mundo passou mal.
BIZZ — *Vocês sofisticaram bastante o show como espetáculo...*
Paula — É, nesse ano a gente resolveu fazer isso. Desde que gravamos o disco ao vivo, quando aumentamos a banda para oito pessoas nos shows, estávamos brincando mais no palco. E, também, depois de passar alguns anos tocando e tocando, estrada e estrada, você começa a tocar melhor, passa a ter mais confiança na performance musical... Aí resolvemos investir no outro lado — aproveitando essa certa se-

Ricardo Siqueira/Azul

O Kid Abelha a todo vapor em seu último show no Maracanãzinho. À esquerda de Paula, George Israel (sax), atualmente o principal compositor da banda

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. Com 5 minutos de cuidados diários, ganho liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Lentes de contato Bausch & Lomb. As únicas com Certificado de Qualidade

BAUSCH & LOMB

COB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

"Quando começamos, ninguém tocava rock brasileiro. Fomos a primeira banda sem medo de estourar. Na época, as pessoas achavam um absurdo, uma porcaria. Agora todo mundo é uma banda pop"

gurança que temos, musicalmente falando — para fazer um espetáculo mais visual. É legal, porque as pessoas vão aos shows para conhecer uma coisa diferente, que não é igual ao disco. Mas não se pode exagerar. Isso é perigoso no Brasil. Primeiro por causa das dificuldades em termos de infra-estrutura. É uma coisa que encarece muito — gastamos muito dinheiro. Às vezes você corre o risco de contar com uma mão-de-obra qualquer nota, não tem pessoas em número suficiente o tempo todo. Temos uma equipe de vinte e cinco pessoas para viajar. De resto, tem quebra-galho de um lado, você precisa de gente para agitar não-sei-o-quê em tal cidade, carregadores... Aqui é Brasil! Não dá para achar que tudo é Hollywood Rock ou Rock In Rio. Você tem que lutar contra a falta de competência, falta de infra-estrutura em geral. Para levarmos esse show para qualquer lugar, gastamos uma grana! É um problema! Acho que somos uma das bandas que deve ganhar menos com shows, por causa das despesas que temos. Mas se fosse só pelo dinheiro, não estaria interessada nisso tudo. Quero me divertir. Tudo isso foi legal porque deu certo. Demorou para ser feito, mas foi para não soar falso. Também não tivemos uma direção de show. Chamamos o Gringo para fazer a direção de arte, mas não teve marcação, que eu acho um saco.

BIZZ — *Vocês se inspiraram em algum show? No da Madonna, por exemplo?*

Paula — Não. Por acaso, nem vimos o show da Madonna. Foi mais uma coisa de fazer um espetáculo. E a única referência que eu me lembro foi o show da Blitz. O Gringo e o Luiz faziam toda a programação visual da Blitz, e a Patrícia dirigiu o show. E eu acho, particularmente um puta lance o que a Blitz fez. Foi a primeira banda que realmente fez um espetáculo, entendeu? Foi genial. Eles encararam o Canecão, a Praça da Apoteose. Achei chocante, do c*. A Rita Lee também tinha isso. Foi meio por aí. O resto que eu conheço de coisa marcada é muito outra praia — tipo Maria Bethânia, que não tem muito a ver com nosso espírito. Conversando, discutindo, tendo idéias, chegamos num ponto bem legal.

BIZZ — *Me parece que vocês estão mais em evidência agora, do que quando lançaram o último disco,* Tomate.

Paula — É. O pessoal fala muito quando rola um show. Fala como vai ser, como foi...

BIZZ — *Certa vez você disse que o Kid Abelha era uma das únicas bandas que fazia pop brasileiro...*

Paula — Sim, mas acho que agora isso é uma coisa que está se expandindo mais. Quando começamos, ninguém tocava rock brasileiro. Ninguém gostava — tinha muita gente contra. Acho que fomos a primeira banda sem medo de estourar, de fazer sucesso. Na época, as pessoas achavam um absurdo, achavam ruim, uma porcaria. Agora todo mundo é uma banda pop. Depois que você atinge um certo nível de mercado, público, quando vinte mil pessoas vão ver teu show... A Legião é pop e, embora eu ache que eles tenham mais essa coisa de religião — têm seguidores, uma coisa meio de garoto — acho genial o Renato ser tipo U2, meio messias. É a onda dele.

BIZZ — *"Pop" é popular?*

Paula — É. Só que a gente sempre foi assim, mesmo quando ninguém nos conhecia. E nunca tivemos vergonha disso. A diferença é essa: de não querer ser maldito.

BIZZ — *Você não acha que vocês tiveram sorte?*

Paula — Tivemos sorte por sermos os primeiros, por estarmos ali na hora certa e, também, tivemos sorte porque foi isso que procuramos. Essas coisas — sorte, oportunidade — sempre aparecem. Uns pegam, outros não. É difícil saber até que ponto é sorte, até que ponto é esforço... Nós temos um trabalho absolutamente honesto. Quando achamos que está enganando alguém, quando a coisa fica muito fácil, quando começamos a repetir muito, paramos e começamos a fazer outra coisa. Começo a ler... Passei o tempo todo, antes de viajar, lendo muito — li "oitocentos" livros. Acho isso necessário

BIZZ — *Você se inspira nessas coisas — os livros que lê — para fazer letras, por exemplo?*

Paula — Não como método. Eu leio muito, desde pequena. Passei minha infância e adolescência muito em casa e ha muito. Era o que eu podia fazer

BIZZ — *E o que você gostava de ler? O que você tem lido?*

Paula — Gosto de tudo — clássicos... Vou lendo tudo, um livro atrás do outro, sem a menor conseqüência. Gostei muito de ter lido bastante quando era pequena. Li coisas que hoje não leria e outras que vou ler sempre. Machado de Assis, que é um monstro, li quando pequena, depois novamente e quero ler de novo hoje. Eu estava lendo um livro bem legal. Chama-se *Interview with a Vampire*, de uma mulher chamada Anne Rice. É genial.

BIZZ — *Você lê em inglês e francês, também?*

Paula — Leio. É uma necessidade.

BIZZ — *O que você acha da candidatura de Gil para a prefeitura de Salvador?*

Paula — Acho ótimo. Ele é um cara que tem outra idéia da vida... Mas politicamente não entendo nada, e faço questão de não entender essa coisa operacional. O Gil é um cara que é um artista, tem um trabalho comprovado. E o que falta é justamente fazer as coisas com mais arte.

BIZZ — *E o próximo disco?*

Paula — Eu gostaria que lançássemos o próximo disco ainda este ano. Já temos algumas coisas gravadas em "portastudios". O George mora aqui, no mesmo prédio, e tem gravador — fica gravando, mostra as músicas. Raramente faço uma letra antes da música. Acho mais legal fazer a música primeiro — fica uma letra mais musical.

BIZZ — *E para que área caminha o som de vocês? Vocês estavam meio flertando com o funk.*

Paula — E, desde o começo tínhamos isso. Mas não sei, não faço a menor idéia de para onde estamos indo agora. Mas queria, realmente, lançar outro disco neste ano.

BIZZ — *O que vocês andam ouvindo agora?*

Paula — Bom, eu estou ouvindo muito soul, música dos anos 60. Só comprei discos dessa época — Sam Cooke, Smokey Robinson...

© Marcio Scavone

GEORGE HARRISON

Quase vinte anos depois da separação, os Beatles, de uma forma ou de outra, continuam sendo notícia. A carreira do Beatle mais sensual — e mais místico — andava numa espécie de limbo. Embora não estivesse inativo — além das atividades com música, George montou sua própria produtora de cinema, produzindo os sucessos Vida de Brian e O Sentido da Vida, do aloprado Monty Python —, a notoriedade só voltou agora, aos 45 anos, quando lançou o festejadíssimo Cloud Nine. Com vocês, George Harrison...

Entrevista cedida pela WEA com exclusividade para BIZZ

BIZZ — *Vamos falar de seu disco novo,* Cloud Nine (Nuvem Nove). *Por que esse título?*

Harrison — Vasculhei o meu cérebro durante semanas e meses para achar um título. Tínhamos vários títulos, centenas deles, mas nenhum parecia bom no dia seguinte. Por um tempo ia se chamar *Fab* — muita gente gostava desse título porque sacava a piada, mas para outras tinha más conotações... Aí, por causa da foto da capa, cheia de nuvens, escolhi esse título.

BIZZ — *Você já tinha, então, a foto da capa pronta?*

Harrison — Já. Olhando para aquela foto, também poderia ter sido algo como *Descubra o Lunático*, mas pensei... você sabe... não ta pegar... O fotógrafo tinha aqueles fundos pintados com o ceu — tínhamos um ceu azul, e outro mais nublado. Era só uma questão de ir até lá e levar algo para vestir. Ele me pediu para levar uma guitarra. Aí levei uma velha guitarra — a primeira guitarra americana boa que comprei na vida, quando tinha uns dezessete anos. Tinha dado de presente, mas consegui recuperá-la. Foi toda arrumada com suas especificações originais de volta. Tudo isso, com um sorriso meio biruta e aqueles óculos escuros... me pareceu legal, na epoca.

BIZZ — *É uma bela camisa!*

Harrison — Bem, obrigado. Minha mulher vai gostar disso, foi ela quem escolheu (*risos*).

BIZZ — *Você já disse que Jeff Lynne, o produtor, teve uma participação importante nos timbres dos instrumentos. Como vocês decidiram trabalhar juntos?*

Harrison — Eu já tinha decidido, antes de conhecê-lo pessoalmente, que queria trabalhar com Jeff. Uma pessoa por quem eu tinha respeito, não so como produtor, mas tambem como compositor à frente da Electric Light Orchestra. Aí pensei nele. Várias músicas suas soam um pouco como o pop de antigamente e até como algumas canções dos Beatles e, principalmente, ele é um grande artesão no estúdio. Através de um amigo comum, Dave Edmunds, passei um ano vendo-o constantemente, saindo juntos. Quando já estávamos ficando bem amigos, disse: "Bem, estou para gravar um disco". E ele: "Bem, posso te dar uma mão nisso". A esta altura ele não ia fazer mais que isso, mas foi se envolvendo cada vez mais e — felizmente — produziu o LP junto comigo.

BIZZ — *Mas, como um grande fã seu — que o proprio Jeff reconhece ser — como teve a capacidade de ser duro e objetivo com você?*

Harrison — Bem, não é preciso ser durão... Ele foi sempre muito sério, e dizia coisas do tipo: "Você está cantando sem expressividade agora, desafinando aqui" etc. Essa era a intenção. Como alguém pode ajudar sem fazer críticas ou dar sugestões? O importante é que ele não me sobrepujou. E o meu disco, há pequenos toques e detalhes com muito bom gosto que dá para sacar que vêm dele, mas o principal é que ainda sou eu por inteiro.

BIZZ — *Alem de Jeff, a lista de convidados tem Elton John no piano...*

Harrison — E. Elton tocou em três faixas, Gary Wright (ex-tecladista do Spooky Tooth) toca em duas outras e Jeff faz os teclados nas faixas restantes.

BIZZ — *E como foi trabalhar com Elton?*

Harrison — Elton é muito divertido. Ele tinha dito ha tempos que adoraria fazer algu-

ma coisa comigo, se eu quisesse etc. Aí, quando chegou à Inglaterra, lhe telefonei dizendo: "OK, você está convidado, amanhã às duas". Ele apareceu e... é um grande pianista de rock'n'roll.

BIZZ — *Temos também Eric Clapton.*

Harrison — Yeah.

BIZZ — *Bem... obviamente... vocês se conhecem há muito tempo...*

Harrison — Como o conheci?

BIZZ — *Não, não... (risos)... Como você resolveu chamá-lo?*

Harrison — Compartilhamos a mesma esposa (*risos*).

BIZZ — *Esse é um bom começo.*

Harrison — Sou amigo de Eric há muitos anos e acho que sempre serei. É um cara muito legal e eu o amo muito. Bem, mais um telefonema: "Estou gravando um álbum, Eric. Quer vir tocar?". "Claro". Ele veio e es-

Michael Putland/ Retna

George, o guitarrista místico de "While My Guitar Gently Weets", dezessete anos depois, um homem maduro que encara o merecido sucesso com tranqüilidade

traçalhou em "Devil's Radio", fez um belo solo no final de "That's what It Takes" e também em "The Wreck of the Hesperus"...

BIZZ — *Essa música é aquela em que você diz: "Ainda estou aqui, vivo e chutando"?*

Harrison — Claro! embora eu ainda não esteja um "wreck" (*ruína*).

BIZZ — *(risos) E é claro, Ringo na bateria!*

Harrison — Não se pode fazer um "disco de ex-Beatle" sem Ringo!

BIZZ — *(risos) Acho que não! Mas nos velhos tempos dava para sacar que, entre vocês, era só olhar um para a cara do outro que vocês sabiam o que todos queriam. Eu imagino que esse entendimento continua...*

Harrison — Continua. Parece que está dentro da gente. Se eu toco algo para Ringo, não preciso dizer a ele como quero que ele toque. Talvez algo como "uma pausa aqui" ou "uma virada ali", mas... nada além disso. Ele tem um *feeling* sensacional... eu nunca estudo ou pratico guitarra, só a pego e toco quando sinto necessidade. Com ele é a mesma coisa. Ele nunca pratica. É um menino muito levado, mas quando quer, pega nas baquetas e... é o som do velho Ringo, que pode manter um rock no tempo certo durante um dia inteiro.

BIZZ — *Se passaram, então, cinco anos desde seu último disco. Por que agora você resolveu voltar a gravar?*

Harrison — Me pareceu um tempo de descanso suficiente. Também tinha passado o ano anterior no estúdio, fazendo a trilha do *Shangai Surprise*, e me sentia num bom clima para fazer o disco.

BIZZ — *Houve um momento em que você chegou a cogitar nunca mais gravar outro álbum, como ouvimos dizer?*

Harrison — Não, não. Eu sou de dizer isso para as pessoas, mas sempre soube que voltaria a gravar. Agora é que eu não sei mais, brrr!!!

BIZZ — *Nestes últimos cinco anos, houve varias transformações tecnológicas na música. Que mudanças você teve de fazer por causa dessa tecnologia?*

Harrison — Nenhuma. Eu as ignoro. Foi uma das coisas que pensei quando resolvi gravar: não vou fazer um disco barulhento como todo mundo está fazendo hoje em dia, vou fazer um disco como se fosse vinte anos atrás, com uma banda de rock'n'roll, exceto que vai soar com a qualidade de gravação de hoje. Evitei baterias eletrônicas e todas essas coisas como MIDI-isso, MIDI-aquilo, Emulator fazendo metais — não, gravamos com saxofones e trompetes de verdade, baterias de verdade. Gente de verdade tocando canções de verdade.

BIZZ — *Tocaram todos juntos, ao vivo?*

Harrison — Bem, as bases foram feitas ao vivo, comigo, Jeff, Gary Wright e a bateria. Depois, tivemos que fazer alguns *overdubs* e regravar a bateria.

BIZZ — *Você começou a reaparecer gradualmente em shows ao vivo para a TV. O primeiro foi, eu acho — corrija-me se estiver errada — o* Especial Carl Perkins...

Harrison — Acho que foi a primeira vez que fiz algo desse tipo depois de um bom tempo.

BIZZ — *Foi o que te inspirou a voltar aos poucos?*

Harrison — Foi muito divertido, sem duvida. Carl, como pessoa, é muito legal e admiro suas músicas desde os quinze, dezesseis anos de idade — na época em que foram lançadas. E as outras pessoas que estavam no show — como Dave Edmunds, que fez a direção musical e se encarregou da qualidade da gravação — todos gostamos tanto de Carl como pessoa, que tudo rolou no melhor clima possível. Nenhuma egolatria presente. Todo mundo tentando dar o melhor de si para Carl, e acho que esse sentimento passou para quem estava assistindo.

BIZZ — *Sem dúvida. Te fez lembrar como o rock pode ser divertido?*

Harrison — Uma coisa é tocar "Blue Suede Shoes", mas tirar o mesmo sentimento das outras canções... Foi muito gostoso. Me deu a idéia de fazer um especial comigo, chamando todos os meus amigos, como fizemos com Carl.

BIZZ — *Seria fantástico! E como foi a história de tocar com o Deep Purple na Austrália?*

Harrison — Pois é... dois deles, são meus vizinhos — Jon e Ian. Eu os conheço há oito, nove anos. Ficaram tão famosos nos anos 70... mas só os conheci depois da banda desmanchar, bem antes dessa volta... e nunca tinha ouvido o som deles, conhecia uma ou outra coisa, como "Smoke on the Water". Nunca os tinha visto ao vivo. Tinha lido no *Livro Guiness dos Records* que era a banda que tocava mais alto no mundo e, por acaso, eu estava na Austrália quando tocaram em Sidney. Aí resolvi arrumar um pouco de algodão para os ouvidos e ver meus velhos amigos em ação. Adorei o show. Fiquei uma parte assistindo do palco, de trás das caixas. Depois desci para o meio do auditório e o som não estava muito alto. Achei muito divertido. Ian, o que é meu vizinho — Ian Paice — é um baterista muito bom, e Jon *rocking* com seu órgão e... Ian Gillan, que agudo! Aí me jogaram uma guitarra na mão e disseram: "Vamos lá". Entrei sem saber onde, no tom errado, mas isso não parecia importar.

BIZZ — *Não importa, não é mesmo?*

Harrison — Não!

BIZZ — *No rock'n'roll, o que importa é o feeling! E o show beneficiente do Prince's Trust, como foi?*

Harrison — Bem mais sério do que uma canja com o Deep Purple, porque sabíamos que estavam fazendo um vídeo e também só tivemos um take cada na segunda noite — a

primeira não pôde ser gravada por causa de um zumbido que havia na aparelhagem no palco. Além disso, eu não subia num palco, a sério, há muito tempo. Fiquei muito nervoso, mas — fora isso — foi muito bom. A banda de apoio era ótima. *(N. do T. Eric Clapton, Mark Knopfler, Mark King (bx) e Phil Collins (bt)).* Quando chegamos para os ensaios, eu vinha pensando: "que saco ter de ensinar todas essas músicas pra toda essa gente". Toquei "Here Comes the Sun", essa foi uma delas, e foi fantástico. Todos já tinham tirado a música e, assim que dei a contagem inicial, todo mundo entrou certinho (*cantarola a introdução de "Here Comes the Sun"*). Foi ótimo. Portanto, descontando o estado em que estavam meus nervos, foi muito gostoso. Não vi o vídeo nem ouvi o disco ainda, mas acho que foi OK. Fiz também outro show beneficiente, não sei se você sabe, acabo de me lembrar, com todas as bandas de Birmingham — ELO, os Moody Blues, todo esse pessoal...

BIZZ — *Os Moody Blues me contaram...*

Harrison — Fui para ver Jeff com a ELO. E sabe, é difícil para mim conseguir assistir um show sem aparecer alguém com uma guitarra para jogar nas minhas mãos. Aí, de repente, havia algo como 29 guitarras tocando "Johnny B. Goode" ou algo assim. Não me lembrava da letra, nada, mas também foi divertido.

BIZZ — *Então, você... a pergunta inevitável...*

Harrison — Se vou fazer uma turnê?

BIZZ — *Não assim... digamos: se você está pegando o gosto pelo palco?*

Harrison — Bem, eu sempre tive gosto pelo palco. Gostava muito no começo dos Beatles. Antes de ficarmos famosos demais, tocávamos em lugares pequenos o tempo todo e era muito divertido, mas, ficamos tão famosos que perdeu a graça... Teríamos de viajar o mundo todo tocando sempre aquele mesmo repertório de dez cançonetas estúpidas das quais já estávamos todos cheios. Duas semanas de folga e eu não queria nem ver a guitarra na minha frente. Aí veio aquela fase de tocar cítara... Fiz uma excursão em 1974 que, descontando o fato de quase ter me matado de estafa, foi muito agradável. Eu não tinha mais voz... mas há ali, sem dúvida, há uma grande emoção quando a banda está bem entrosada e toda infra está funcionando. Mas o esforço de montar uma banda, ensaiar todas as músicas e depois sair numa turnê de meses e meses para justificar o investimento... não sei se gostaria de fazer isso, talvez apenas alguns shows selecionados.

BIZZ — *O que você aprendeu com essa excursão do LP* Dark House *que você citou e que costumava chamar* The Hoarse Horse Tour *("A Turnê do Cavalo Rouco") — e agora quer evitar?*

Harrison — Bem, ao começar aquela excursão eu já tinha produzido dois LPs, ido à

"Quem desmanchou? Todos os meus pedaços estão aqui... Que grupo? Os Beatles? Oh! Eles? Vocês continuam falando neles? Talvez seja por causa das calças que nós usávamos"

Índia, juntado dezoito músicos, trazido-os à Inglaterra e ensaiado com eles em minha casa. Daí excursionamos pela Europa, enquanto eu tentava fazer o meu disco solo para começar a excursão americana com ele pronto. Simplesmente estava sobrecarregado. Eu ainda nem tinha terminado o disco e minha voz — com os ensaios — já estava sumindo... porque chega ao ponto de você pegar numa guitarra e começar a cantar de oito a dez horas por dia. Foi duro. Mas assim mesmo, foi sensacional, porque a banda era incrível. A combinação entre os músicos, as pessoas que tínhamos... acho que o público não tinha idéia do que estava acontecendo no palco, era demais pra eles. Mas éramos aplaudidos de pé ao final de cada música, mesmo na parte "indiana" do show.

BIZZ — *(risos) E, o lado "acontecimento" da coisa... Embora — aqui vamos nós — os Beatles deixassem de ser um grupo em 1970, a fascinação continua febril — dezessete anos depois. Por quê?*

Harrison — Setenta anos depois?

BIZZ — *Dezessete anos depois...*

Harrison — Dezessete anos depois do quê?

BIZZ — *De 1970, quando desmanchou...*

Harrison — Quem desmanchou? Todos os meus pedaços estão aqui...

BIZZ — *O grupo... os Beatles...*

Harrison — Que grupo?... os Beatles? Oh! Eles? Vocês continuam falando neles?

BIZZ — *Continuamos, sim. Chegou a hora dessa pergunta!*

Harrison — Ah!

BIZZ — *Esse é o assunto.*

Harrison — O que está acontecendo aqui?

BIZZ — *Desculpe. Vou tentar de novo. Os Beatles acabaram há dezessete anos e a fascinação continua febril. Qual é a razão?*

Harrison — Aãh... Talvez seja as calças que nós usávamos (*ri sozinho*).

BIZZ — *OK! Mas, para você, qual foi a parte mais preciosa de ter sido um Beatle, quando olha em retrospectiva?*

Harrison — *(pausa)* Acho que ter sido trapaceado e sacaneado pelas editoras e empresários e toda essa gente...

BIZZ — *E o que você aprendeu com este lado negativo da experiência. O que ficou, que você carrega consigo até hoje?*

Harrison — Uma carteira vazia (*risos*).

BIZZ — *Os CDs dos Beatles representaram uma trapaça em direitos autorais (N. do T. — Os Beatles entraram na justiça contra a EMI alegando que o contrato antigo não valia para os discos laser, só para vinil e fita) para vocês. Sem levar em conta esse prejuízo, você gosta do som deles? Ouviu-os?*

Harrison — Ouvi sim. Comprei-os e — o yuppie consumista que sou — junto com eles, comprei também o aparelho. Não gostei.

BIZZ — *Por que não?*

Harrison — Bem, são OK. Mas prefiro o velho vinil.

BIZZ — *A sensação de colocá-los numa vitrola?*

Harrison — Não sei se houve uma remixagem (*N. do T. — Houve, sim, dos dois primeiros LPs, pelo produtor George Martin, o que provocou considerável gritaria de beatlemaníacos roxos*). Ou então não sei se está limpo demais — gosto daquele *kccccsshhh* no fundo. É um outro som, diferente do original. Está tudo muito limpo, separado e isolado.

BIZZ — *E falando sobre prejuízos, como te atingiu o "caso Nike"? (N. do T. — A editora Northern Songs, detentora do publishing sobre todas as letras dos Beatles, comprada recentemente por Michael Jackson, negociou a utilização de "Revolution" na campanha publicitária do tênis Nike. Os três Beatles e Yoko Ono até que tentaram impedir).*

Harrison — Mais uma dessas experiências infelizes e negativas. A não ser que façamos alguma coisa, todas as músicas dos Beatles vão terminar vendendo de tudo, de churrasqueiras a automóveis. Parece que o único direito dos Beatles como criadores refere-se ao lançamento em disco. Acho que somos nós quem tinha de ter escolhido se queríamos ou não ceder. É indignante ligar a TV e ser surpreendido por uma coisa desse tipo! — especialmente quando estão pagando à gravadora, à ex-gravadora. Esta gravadora (EMI) tem o direito de lançar e vender todos os nossos discos, fitas e CDs, e vender nossa música nestas formas. Não têm o direito de transformar a gente num comercial de salsicha! Talvez eles pensem que sim, mas não têm. Não têm nenhum direito além de vender a nossa música.

BIZZ — *Para encerrar, o que podemos esperar para o futuro? O que teremos?*

Harrison — De mim?

BIZZ — *De você, de você, George! Não (risos)... do mundo inteiro!*

Harrison — Não sei. Vamos esperar para ver se há alguma surpresa. Esperançosamente, algumas belas canções, algo que possa colocar um sorriso no seu rosto, alguns filmes. Quem sabe? Tentarei fazer seja o que for da melhor maneira possível para mim.

BIZZ — *Então não há, neste momento, nenhum plano em particular?*

Harrison — Nenhum plano. O próximo plano é tirar umas férias. Descansar.

A IDADE DA RAZÃO?

IRA!

Quais terão sido as mudanças de comportamento do grupo paulistano depois de ter uma música na abertura de uma novela? Será que as sementes funky que já apareciam em Vivendo e Não Aprendendo se desenvolveram? O que aconteceu de fato no Hollywood Rock? E mais dezenas de interrogações para uma banda que sempre pontuou sua trajetória com vigorosas exclamações (!)

Fotos Rui Mendes Azul

Descontração no estúdio Nas Nuvens do Rio. A mixagem do novo LP acaba de ser finalizada: trabalho duro para o quarteto que resolveu assumir a produção das gravações. Como colegiais na véspera dos exames finais, colocaram a fita para tocar pela primeira vez. Não há dúvidas: o Ira! gravou seu melhor LP. E, sim, comecemos pelo novo disco...

André — No fundo, esse disco tem o que a gente queria que o *Vivendo e e Não Aprendendo* também tivesse tido: sonoridade acústica e pesada ao mesmo tempo. O problema é que o disco anterior foi feito em várias fases — fases demais! Foi gravado no Rio e mixado em São Paulo, passou por muitas mãos...

Edgard — A gente não procurou ter uma linguagem única de sonoridade nesse disco, enquanto que nos anteriores rolava essa preocupação em ter uma espécie de padrão, uma uniformidade.

Nasi — Muitas pessoas me falaram: "Pô, já sei, o próximo disco do Ira! vai ser todo funk" — ou vai ser funk ou mod... Não é nada disso! Nossa música está acima dessas coisas.

BIZZ — *Vale a pena ter música em abertura de novela?*

Gaspa — Vale se você se situar no Brasil e se colocar numa carreira de músico profissional, onde você toca no país inteiro por causa dessa música e não pelo teu trabalho.

André — A gente não tem a pretensão de estourar e ser "A Banda do Brasil". Nunca foi a nossa! O nosso lance é muito mais musical. Então, a gente procura ter uma divulgação que preserve esse nosso critério. Vamos aparecer na TV? Vamos, mas vamos aparecer tocando, sabe, não fazendo playback. Não vamos aproveitar qualquer onda! A impressão que algumas pessoas têm é que a gente nada em dinheiro. *(Com malícia.)* "Ah, vocês estão com música na novela, né? Agora vocês estão ricos!" Puxa, a gente dá um duro danado e a conta bancária zerando...

BIZZ — *Vocês não acham que tem muita gente ganhando dinheiro com música neste país?*

Nasi — Da nossa geração é uma minoria absoluta. Mas existem os marajás, claro *(risos)*!

André — De qualquer forma, eu sempre vou tocar com os amigos quando tiver oportunidade. Nada supera esse prazer. Aliás, a coisa mais legal que a gente fez no ano passado foi ter trabalhado com caras como o Thaíde, o pessoal da Fábrica Fagus, o Theo Werneck e todas as pessoas que a gente teve contato. Foi uma experiência enriquecedora...

BIZZ — *Foram essas experiências que geraram expectativa de que o Ira! poderia pender para o funk no novo LP. Em pelo menos uma faixa, "O Advogado do Diabo", dá para sentir essa influência. Se bem que eu esperasse ouvir um rap, a música tem uma sonoridade meio brasileira...*

Nasi — Eu fico p* quando alguém fala que é rap! Essa música tem uma característica dançante, mas a gente procurou não usar nada que a conduzisse eletronicamente. O que existe é uma condução humana, mântrica.

André — Ela é toda baseada em percussão. Ela começa com um pandeiro, depois entram tímbales, uma pandeirola e termina com uma conga. A gente também usou o sampler de uma caixa de "It's a Man's, Man's, Man's World" *(James Brown!)*.

BIZZ — *Apesar disso, a característica mais marcante do novo trabalho é o hard, um rock mais pesado que o dos LPs anteriores...*

Edgard — É o lance da guitarra. Agora tem muito mais guitarra. Nos outros discos, ela foi meio contida. As guitarras dos primeiros discos são conceituais, naquela postura mod de guitarra simples, limpa, radical...

BIZZ — *Como foi que isso mudou?*

Edgard — Teve uma época em que eu me senti meio no meu limite de criação como guitarrista. De repente, eu me dei conta de que já toquei de outras formas. Não fui somente um guitarrista de ritmo, já fui solista também. E já experimentei coisas bem ousadas em *jams*, como o resultado final da música "Mesmo Distante", que encerra o disco. Ela tem efeitos de inversão de guitarra, base de violões e inúmeras sacadas que a maioria das pessoas vai ficar se perguntando do que se trata.

André — É, no disco o Edgard toca banjo, cravíola, guitarras, sampler de voz...

BIZZ — *Até o segundo disco, por sinal, o Ira! só gravava composições do Edgard...*

Edgard — As músicas do primeiro LP eram composições da primeira formação, já prontas. As do segundo também eram músicas antigas — nós ainda estávamos tentando registrar o nosso material —, de uma época em que eu escrevia muito. Agora estou mais calmo *(risos)*! Nesse disco, como nós fomos os produtores, tivemos mais tempo pra questionar, experimentar. E isso fez pintar músicas de todo mundo. Todos compõem no Ira!

BIZZ — *Vocês têm uma ligação muito forte com São Paulo. Nos pri-*

mórdios, costumavam até usar uma bandeira do Estado como cenário.

Edgard — Era uma ligação juvenil. Naquela época era uma postura mod. A gente queria mostrar o nosso som e ao mesmo tempo mostrar de onde a gente vinha..

Nasi — Personalizar a origem. Acho que isso acontece, de certa forma, também no sul. O público do sul gosta com um carinho especial das bandas de lá. O nosso som agrada a pessoas aqui no Rio e em vários outros lugares, mas é especial você saber que existe uma coisa além...

Edgard — Além do mais, a gente tem uma música para São Paulo: "Pobre Paulista", uma música feita há muito tempo. Eu e o Nasi estávamos no colegial. O bairrismo era extremo, então. Não era nem São Paulo, era Vila Mariana, o bairro onde a gente vivia

Nasi — Acho que o legal de "Pobre Paulista" é que ela veio do nosso tempo de escola, mas consegue se comunicar com a juventude ainda hoje. Ela cresceu da nossa escola pro nosso bairro, pra nossa cidade...

BIZZ — *Acho que ninguém discorda que as músicas do Ira! são as que melhor retratam aquele espírito de rock'n'roll que sempre se espera que as bandas manifestem, mas que elas não produzem mais. Ou seja: o espírito de rebeldia juvenil.*

Edgard — O jovem está se arriscando a se tornar um babaca, um reacionário, um cara com a mentalidade da televisão. As nossas letras falam de caras que se tocam desse perigo

Andre — As pessoas precisam ser chacoalhadas. Tem muita gente no Brasil só assistindo ao noticiário pela TV. Assistindo o que vai acontecer agora — mais um pacote, mais um congelamento, e agora?

Nasi — As vezes, tratam a gente como moleques. Eu sinto isso, por nos tacharem de rebeldes de uma maneira jocosa. "Ah, os garotos".

Edgard — O jovem tem que se tocar que ele não é obrigado a virar um velho conformado que apóia a direita!

BIZZ — *Por sinal, André e Gaspa acabaram de virar papais e o Edgard está a caminho*

Edgard — Não somos mais moleques tocando, mesmo! Acho que eu vou ser... um bom pai. Mas, independente de nossa idade, que nem é tanta assim *(nenhum tem 30 anos)*, a gente sempre vai procurar se dirigir à juventude. A gente nunca vai fazer música de dor-de-cotovelo, por exemplo

Nasi — Eu vi a apresentadora do *Hollywood Rock* na TV dizendo: "O Ira!, que depois de 'Flores em Você' saiu da clandestinidade..." Pô, eu acho que nunca teve tanta gente nos vendo tocar ao vivo na televisão quanto naquele dia, mas, sabe, a gente não saiu da clandestinidade depois de "Flores em Você". A gente tinha um LP que foi superbem conceituado, tinha uma estrada, uma legião de fãs etc. e tal. Parece que a gente vai crescendo como naquele filme, *O Tambor (de Volker Schlondorf)*, com as pessoas nos tratando como se ainda fôssemos crianças. Só porque você parece ingênuo, porque ainda é um pouco idealista — coisa que você tem que ser realmente... Hoje em dia, a gente não vive mais exatamente no mundo dos ideais, mas num mundo com coisas que a gente sabe que são importantes, por exemplo, posições firmes pra que possa existir um espírito no nosso trabalho. Nós temos personalidades inquietas!

BIZZ — *Bem, nesse novo disco não ha nenhuma balada com quarteto de cordas* (risos). *E ele acabou se chamando* Psicoacustica. *O que e psicoacustica*

Nasi — E o estudo das influências que ambientes de tamanhos diversos causam num mesmo som, numa mesma musica. Esse nome saiu no final das gravações, no estúdio, depois da gente ter tentado vários outros

Edgard — Trata-se de um disco de mensagens inspiradas. E essa inspiração é psicoacustica.

André — A gente deu valor a detalhes do nosso som que são quase incidentais, procurou não fazer as músicas em bloco. No meio de um processo cada vez mais industrializado da indústria de consumo, a gente procurou preservar um processo bem artesanal de fazer música

Edgard — A gente utilizou os recursos modernos de maneira simples. Procuramos soluções muito mais arcaicas, de repente, do que o uso de um sampler, por exemplo.

André — Tem muita gente vendendo qualidade pelo preço do equipamento que tem... Isso, meu, é um papo furado! Criatividade se faz com três instrumentos

Nasi — Os caras do Vzyadoq Moe, por exemplo, são modernos, usam tecnologia de uma forma arrebatadora e são supersimples

"O jovem está se arriscando a se tornar um babaca, um reacionário, um cara com mentalidade de TV. As nossas letras falam de caras que se tocam desse perigo" (Edgard) "As pessoas precisam ser chacoalhadas" (André)

André — Há muito pouco tempo as bandas nacionais conseguiram reunir capital pra investir em equipamentos tipo últimos lançamentos tecnológicos. Não que isso não tenha valor. Eu acho que a música tem que evoluir em todas as frentes, inclusive a tecnológica. Agora, não dá para colocar isso acima da criatividade. Trazer uma proposta musical não é trazer um aparelho novo e ligar. A criatividade, de repente, caminha muito mais rápida do que a tecnologia. E chega de papo furado, entendeu!

BIZZ — *O Ira! tinha um karma de ser uma banda anos 60...*

André — Coisa que a gente preserva totalmente, bicho!

Nasi — O rock dos anos 60 nos influencia de uma forma muito maior do que a paixão pelo Who ou pelo Zeppelin, mas pela ousadia que existia nessa época, de meter a mão no som, de criar sons radicalmente diferentes do padrão de qualidade vigente.

BIZZ — *Vocês pegaram mais o punk do que os sixties...*

Nasi — Não necessariamente. A gente já se imaginava no rock um pouco antes do punk. As influências são muito amplas, apesar do punk estar mais próximo da nossa geração.

Edgard — O Ira! pintou na época do movimento punk em São Paulo. Nosso primeiro cartaz de show falava em "punk rock e new wave"... Isso pra nós era uma coisa só.

Edgard — Quer dizer, a gente associava isso a um lance novo.

André — Aquele momento foi uma despadronização radical. E era genial por isso.

Edgard — Até virar moda. E new wave pra nós era o Jam, não o B-52's! A gente tocou em festival punk. Até que começamos a encontrar um som nosso, próprio, que se distanciou desse movimento.

Nasi — O nosso som era rock'n'roll, do mesmo modo que o dos Sex Pistols era. A gente tocava música do Who, dos Stooges... Era uma coisa muito maior do que ser hardcore — e eu até curto coisas de hardcore, de energia rock, juvenil... É bom descobrir ou redescobrir boas músicas.

BIZZ — *Vocês também curtem quadrinhos, não?*

Edgard — É, eu até escrevi e desenhei quadrinhos. Uma vez eu mandei umas das minhas histórias para um programa da TV Cultura, chamada *A História do Desenho Animado*, e o apresentador mostrou. Chamava-se "João, o Caveira" *(risos)*.

Nasi — A letra de uma música do nosso disco, "Rubro, o Zorro", é quase uma história em quadrinhos.

Edgard — É uma BD *(Banda Desenhada, termo de Portugal para história em quadrinhos)* clássica.

Nasi — Tudo começou com uma pesquisa sobre o "bandido nacional" que acabou se tornando uma mistura de vários personagens, inclusive do "Bandido da Luz Vermelha" americano — ou seja, um cara que foi condenado injustamente e executado. O lance de morte é uma coisa que ainda existe e que paira, inclusive, sobre o Brasil. Em suma, o mais importante de tudo isso é a barbárie da *Grande Morte*. Com a maior naturalidade, executa-se uma pessoa sensível como o possível Bandido da Luz Vermelha, capaz de escrever livros, tornar-se advogado e defender-se, tudo dentro do regime opressivo de uma prisão. Na música, claro, isso passa de uma maneira mais relaxada, como um bangue-bangue de quadrinhos... Hoje mesmo eu me encontrei com o Rogério Sganzerla *(autor do filme* O Bandido da Luz Vermelha *nacional, de onde foram extraídos alguns tiros e falas para a música)* e foi uma sincronicidade de idéias incrível! Acho que ainda devem rolar coisas disso *(um clip, talvez? Suspense, suspense)*.

BIZZ — Que outros sons foram sampleados?

Nasi — Em "O Advogado do Diabo" tem um final com um discurso religioso captado em AM, que eu não queria que se falasse que é da (...). Eu nunca vou declarar isso! Não tem nome de ninguém lá. E eu não quero fazer propaganda desse órgão que eu acho terrível, tá? A música é "O Advogado do Diabo" e nós pensamos em colocar o verdadeiro diabo no fim dela: o discurso religioso moralista desses caras, uma coisa muito perigosa *(o discurso diz: "Tem que haver pobre, tem que haver rico, tem que haver preto, tem que haver branco...")*. Mas é algo que eu quero que entre como acidente. Como qualquer pessoa que ligue o rádio AM e capte uma mensagem dessas a qualquer hora. Foi o que eu percebi. Eu peguei superacidentalmente, na madrugada antes de colocar isso no disco.

BIZZ — *Edgard, o que houve no* Hollywood Rock *que você acabou jogando a guitarra no chão?*

Edgard — A gente teve muitas dificuldades durante a passagem do som, limites, cobranças de tempo para montar o palco, não teve luz... Mil coisinhas que foram alimentando um nervosismo. E tudo explodiu na música "Gritos na Multidão". Depois daquela guitarrada ficou tudo mais tranqüilo.

André — E depois a gente fez um show em São Paulo que não acredito que a crítica tenha visto — e se viu... Bom, a gente tem uma fita do show inteiro gravada que mostra como ele foi excelente! E isso também serve de resposta ao que aconteceu no Rio.

BIZZ — *Essa fita vai entrar no disco?*

Edgard — Na verdade, é uma surpresa. Têm músicas muito boas gravadas. Aguardem, aguardem...

Marcel Plasse

THE PRINCESS BRIDE

A face erudita do líder do Dire Straits.

ITAIPU
EDIÇÕES MUSICAIS

Em discos
PolyGram

CHICO BUARQUE

Artur Ikeshima

NO CALOR DO RITMO

Profundo conhecedor de música popular, ele afirma que a influência da música estrangeira se manifesta na MPB desde seu surgimento e que uma simbiose dos dois gêneros inevitavelmente tomaria conta do mercado. Uma aula nada preconceituosa sobre essa e outras matérias (música latino-americana, estruturas rítmicas e melódicas) é o que mestre Chico dá para os leitores de BIZZ. **Thomas Pappon** *anotou a lição, e* **Hermano Vianna** *mapeou os diversos ritmos da América Latina*

Quem ouve rock hoje, certo de que está tendo acesso a uma música inovadora, diferente da careta MPB, pode não estar sendo tão moderno assim. Mesmo porque, desde seus primórdios, os artistas mais avançados da música brasileira são acusados, pelos puristas, de fazer "música americana". O problema é que justamente nós, que ouvimos rock, já não temos mais acesso às iguarias emepebísticas que fizeram a cabeça de outras gerações. Nem sabíamos das várias fusões que ocorreram no passado, que poderiam indicar atalhos para um futuro musical mais próspero. Nem sabíamos da comum identidade do Brasil com Cuba, Caribe e Angola. São informações importantíssimas — fundamentais para quem quer se situar num universo despojado de pudores rítmicos ou melódicos. A América Latina, por exemplo, tem um imenso campo musical vazio — mantido improdutivo e ocioso pelos latifundiários do éter e do vinil — à espera de posseiros ousados. Não seria exagero afirmar que as novas gerações, apesar de terem crescido em clima de "distensão política", correm o risco de ser mais alienadas e cerceadas do que as que o foram à força nas décadas passadas, graças ao desinteresse e às imagens borradas divulgadas pelos nossos meios de difusão musical. A MPB não é "chata", a música latino-americana não é apenas "chorosa" e a influência dos ritmos negros pode ir muito, mas muito além do samba. O rock nacional estará vivendo um novo período, se posicionarmos nossas antenas para outras regiões e elas captarem os débeis sinais que nos chegam. Os relatos de Chico Buarque dão uma boa idéia das áreas que podem ser exploradas e de suas experiências pessoais no assunto.

BIZZ — *Quantas vezes você foi a Cuba?*

Chico — Ah, eu já perdi a conta, porque fui a diversos eventos. A primeira vez foi em 78. Fui como jurado de um festival de teatro. Fui várias outras vezes para encontros que tratam de política cultural na América Latina e fui para festivais de música pelo menos umas oito vezes.

BIZZ — *Você tem acompanhado a produção musical cubana?*

Chico — Tenho. Toda a música cubana me interessa muito. Posso dizer que a conheço muito. Me interessei também porque durante muito tempo foi uma música que não chegava ao Brasil. Eu recebia discos, ia para lá levando discos daqui — funcionava como uma espécie de pombo-correio de música. Existe uma ligação muito forte, sempre existiu... Na Bahia é mais do que evidente esta ligação, porque as raízes são as mesmas. Foi uma mesma nação yorubá que chegou na Bahia e em Cuba — em Havana e Santiago de Cuba. Isso gerou não só ritmos parentes. Por exemplo, todo o candomblé e o próprio sincretismo do candomblé com a religião católica existe em Cuba e é igualzinho ao que tem na Bahia e no Brasil todo. A Bahia é o foco de onde saiu a música negra para o Brasil, inclusive para o Rio. O samba carioca foi trazido pelas baianas. Não é à toa que o Vinícius falava: "O samba nasceu na Bahia" — nasceu mesmo. O culto aos orixás em Cuba é a mesma coisa. Só que os nomes são um pouco diferentes. Iemanjá tem a pronúncia espanhola *(com acento no 'man')*, Xangô pronuncia-se "Tchângo ", e por aí afora. São as mesmas origens. O escravo africano da mesma raça, por algum motivo que desconheço,

foi dar na Bahia e em Cuba.

BIZZ — *Me parece que os ritmos seguiram rumos diferentes em Cuba e na Bahia. Existe algo semelhante ao samba em Cuba?*

Chico — Não, mas eu tenho a impressão de que uma música negra original dos escravos gerou o samba — que já é uma conseqüência e uma vertente dessa música — e outra foi dar nos ritmos caribenhos. Em Angola mesmo — estive lá também — a música se parece mais com a música do Caribe do que com o samba. Eu tenho a impressão — agora estou dando um palpite também porque tem pouca coisa estudada, sólida, neste sentido — que o samba já é um estágio mais evoluído, e ao mesmo tempo mais corrompido, mais híbrido da música negra. A música caribenha se assemelha muito mais à música original africana do que ao samba. É sintomático que na Bahia — onde existe uma concentração negra mais forte e mais autêntica, mais ligada às raízes negras do que no Rio de Janeiro —, nas camadas sociais mais baixas, a receptividade da música caribenha é imediata. *(Gabriel)* García Márquez, que foi um dos que me convidaram quando fui para Cuba, pela segunda vez, participar do Festival Califiesta, defende a teoria de que o Brasil, da Bahia para cima, faz parte do Caribe.

BIZZ — *Mas como aconteceu de a música caribenha, com tanta influência de ritmos espanhóis, se aproximar mais da música de Angola do que o samba? Creio que o samba é uma evolução mais direta e pura dos ritmos africanos do que a música caribenha.*

Chico — Não sei se houve essa evolução no Brasil. Com certeza, a música brasileira assimilou mais influências do que a cubana, que está, com certeza, mais próxima da africana. E a rítmica do Caribe não tem muito a ver com a música espanhola. Ela é negra mesmo. Acho que tem elementos de música espanhola, assim como a nossa música tem da música portuguesa — mais a nível de melodia, harmonização... O que nós conhecemos deles aqui é uma coisa mais estilizada. Eles têm lá ritmos muito diversificados. Numa ilha que é relativamente pequena, você encontra, de província em província, batidas diferentes, marcações diferentes, tônicas de marcação diferentes... Na província de Matanzas, por exemplo, o som é diferente. O som matanzero é uma coisa, o som do Oriente, onde fica Santiago de Cuba, é outra.

BIZZ — *E os instrumentos que eles usam... são muito diferentes dos nossos?*

Chico — São. Eles têm mais variedade na parte dos couros, dos tambores...

BIZZ — *Houve algum movimento em Cuba semelhante ao da Tropicália? Como é vista a guitarra elétrica em Cuba?*

Chico — É bem interessante essa história. Houve um movimento, sim, exatamente por influência da música brasileira em Cuba. Em 69 esteve aqui no Brasil, em missão "extra-oficial", o então Ministro da Cultura de Cuba, que era amigo do Gláuber Rocha e do pessoal do Cinema Novo. Ele levou para Cuba vários discos e fitas de música brasileira, para um grupo de compositores como Pablo Milanes, Silvio Rodriguez... Eles pertenciam ao Grupo de Experimentacion Sonora do Instituto de Cinema e Artes Cênicas Cubanas, que fazia música para cinema. Eles ouviram com a maior atenção a música que se fazia no Brasil da época e se entusiasmaram especialmente com a incorporação da guitarra elétrica. Foi também deste grupo que saiu a Nova Trova cubana. Ou seja, a música cubana feita a partir da década de 70 foi desenvolvida a partir do cinema e diretamente influenciada pela música brasileira e pelo modo que esta se apropriava de elementos da música inglesa e americana.

BIZZ — *Só poucos tiveram acesso a esse material em Cuba, ou chegou a haver um intercâmbio maior?*

Chico — Não. Isso foi feito como um trabalho mesmo. Na verdade, há que se fazer uma distinção. O grande público cubano evidentemente é muito arraigado às raízes. Esse pessoal (da Nova Trova) enfrentou sérias dificuldades pra chegar às rádios, televisão e tal. Quando estive lá a primeira vez, o que acontecia é que só havia concurso de cha-cha-cha, muito bolero. O gosto musical do povo cubano também é conservador. Essa música era uma música de elite, se bem que é difícil falar em elite em Cuba... Mas existe uma elite cultural, gente com mais acesso à informação. É um pessoal que tra-

Romulo Fritscher

O gato Chico, do alto de seus 43, com a corda toda

Paulo Marcos/ Abril

Ao lado de Silvio Rodriguez, do movimento Nova Trova de Cuba: um conhecedor profundo da música latino-americana e um grande incentivador por aqui

balha, que estuda. Eram todos formados na Escola de Música. Então não havia uma divulgação maciça. Foi um laboratório de música o que gerou a Nova Trova. Hoje é um movimento relativamente popular em Cuba, mas mesmo assim o grande público ainda é ligado aos ritmos dançantes antigos: cha-cha-cha, rumba...

BIZZ — *E como é hoje em dia? As pessoas podem comprar discos brasileiros em Cuba?*

Chico — Podem, porque a própria companhia de discos estatal, a EGREM, tem lançado discos de música brasileira. Não com muita assiduidade, e nem com a preocupação de abranger tudo o que se faz aqui, porque — todo mundo tem que entender isso — Cuba é um país pobre. Tem poucos recursos pra estar lançando discos com freqüência. A rádio transmite muito — toca qualquer tipo de música. Muita música americana e muita música brasileira também.

BIZZ — *E o contrário? Aqui saem poucos discos de música cubana?*

Chico — Poucos. Quando estive lá pela primeira vez, vi que esses músicos muito ligados à música brasileira conheceram-na de uma forma pirata. Eles tinham fitas piratas — cópias cassete sem créditos, sem capa, sem nada. Me lembro quando eles me perguntavam: "Ah, e esse cara quem é? Gilberto Gil? E esse?" E me lembro até hoje que eles me mostraram um disco que era uma miscelânea de música brasileira, dessas que se editam na Europa. Na capa do disco tinha fotos das pessoas, só que elas eram trocadas! Então para eles Gal Costa era a Nara Leão, e a Nara era a Elis Regina... Tinha o Edu Lobo com uma cara que eu não conheço, era um tipo francês. Tive que esclarecê-los. Eles tinham um programa que tocava música brasileira e eles anunciavam "Chiclete com Banana", de Gilberto Gil e eu dizia: "Não. O Gilberto Gil gravou isso mas a música não é dele" *(N. da R.: é do compositor baiano Gordurinha).* Eles não tinham como saber que não era dele. Hoje, não. Os artistas brasileiros começaram a ir lá com freqüência, alguns discos são editados lá... Aqui aconteceu a mesma coisa. Não havia relações diplomáticas, a comunicação era muito pequena. Mas a tendência agora é incrementar o intercâmbio cultural. As facilidades estão aí, já tem até vôo direto pra Cuba. E, segundo estou informado, eles *(os cubanos)* pretendem abrir um escritório aqui, para cuidar dos interesses não só da música mas também do balé etc... As artes cubanas viajam pelo mundo inteiro, e para chegar ao Brasil sempre foi essa dificuldade. Esses músicos, não só da Nova Trova mas também os grupos de *son*, gênero que nos EUA virou a *salsa (N. da R.: Chico explicou depois que* son *é uma corruptela de* song), viajam pela Europa inteira, Argentina, Venezuela... E só no Brasil quase não se vêem esses grupos.

BIZZ — *Tem alguma coisa que tenha te fascinado de modo especial na música cubana?*

Chico — Muitas coisas me impressionaram lá, mas o que mais me impressiona mesmo é a rítmica cubana. Eles têm um sentido de ritmo que pra nós é absurdo. Vi um grupo de dança e ritmo de Matanzas, uma província de lá, fazendo uma exibição para um grupo de artistas brasileiros. Eles dançavam só ao som daquelas tumbadoras todas, não havia melodia. E você via aquilo e não entendia onde estava o tempo um! O Robertinho Silva, um pessoal de ritmo, ninguém entendia como é que todos estavam dançando. Como eles sabiam onde estava o tempo um?! Você não percebe. Depois eu soube que esse grupo ainda tinha sido montado na hora, especialmente para essa apresentação, que, quando eles dançavam e tocavam entre si, nem mesmo os músicos de havana conseguiam achar o tempo um! E é engraçado, porque eles têm dificuldades para tocar o samba, o que pra nós é o normal. Para eles o normal é noutro lugar. A tônica da rítmica está em outro lugar, está subentendida, não é explícita, não tá marcada, mas está na cabeça de todo mundo.

BIZZ — *Voltando um pouco aos discos que fizeram a cabeça dos compositores cubanos, você se lembra se eles ouviram os Mutantes?*

Chico — Pode ser, não posso te garantir. O Alfredo (Guevara) levou malas e malas de música brasileira pra lá. Provavelmente tinha Mutantes no meio.

Vera Bungarten/ Abril

Eclético, ele continua vendo todas as bandas passarem: aqui, leva um papo com a rapaziada dos Titãs. De quebra, na brincadeira, a jabá-star Elba Ramalho

BIZZ — *Você tem ouvido rádio no Brasil?*
Chico — Não. Tenho ouvido pouca música. Aliás, em geral ouço pouca música. Principalmente quando eu estou num ritmo de trabalho como estou atualmente. Desde julho estou trabalhando e fazendo músicas — é uma época onde eu não paro para ouvir música. Interfere no meu trabalho, interfere na minha cabeça. Terminei o disco e comecei direto a preparar o show, não deu para ouvir rádio. Engraçado, estava conversando com um diretor de teatro que me disse que não vai muito a teatro. É muita informação pra mim. Já assimilei tantas músicas na minha cabeça, não consigo mais ouvir música como ouvia antigamente, como amador, deixando entrar tudo o que viesse. Parece que chega uma hora na vida em que a gente quer selecionar o que vai ouvir. A rádio não permite muito isso.
BIZZ — *No geral, você se interessa mais pela música norte-americana ou pela música latino-americana?*
Chico — Não tenho nenhuma discriminação. A minha formação musical básica é de música brasileira e música americana, mais do que qualquer outra coisa. O que me aproxima da música latina são determinadas circunstâncias da minha vida, e isso não é intencional. O que talvez seja intencional é o interesse em trazer alguma coisa que esteja um pouquinho marginalizada, como a música cubana, por motivos políticos, e, por outros motivos, toda a música latino-americana, como a jamaicana, que o Gil de certa forma introduziu no Brasil. Esses gêneros estiveram inteiramente ausentes da programação de rádio, da produção de discos. Acho isso uma pena. Tem uma limitação gritante aqui no Brasil. Em qualquer parte do mundo o que você vai ouvir mais é a música americana, inglesa, rock e tal. Mas se você vai pra Argentina, que em termos de indústria fonográfica é muito mais atrasada que o Brasil, lá tem uma edição e distribuição razoável de música brasileira, cubana, latino-americana; não há divisão. É claro que o que mais toca é o que mais toca no mundo inteiro. Mas existe espaço para tudo.
BIZZ — *Você passou um tempo na Itália. Chegou a assimilar elementos da música italiana no seu trabalho?*
Chico — Não. A música italiana na verdade não me interessa muito. O que gravei lá foi só música brasileira. Conheço a música italiana, mas acho que a música européia em geral está um pouco estagnada. O que me interessa é basicamente o ritmo, e esse aspecto foi praticamente abandonado na música européia. O que há de novo vem da África. A música negra é que está revitalizando a música popular no mundo inteiro. Isso através do Brasil, do Caribe, do jazz, do rock. É por aí, não tenho dúvida nenhuma quanto a isso. A própria Itália, a França e tal têm alguma coisa de ritmo, mas tudo chega de segunda mão.
BIZZ — *Você gravou com Ennio Morricone, na Itália. Como foi essa experiência?*
Chico — Bom, ele é um grande orquestrador. Ele pegou umas músicas minhas e fez aquele som dele, o som do Ennio. O disco se chama *Per un Pugno de Samba*, "Por um Punhado de Samba" *(N. da R.: referência ao filme* Por um Punhado de Dólares, *que tem trilha de Morricone)*. É um disco híbrido. É samba e tal — são canções minhas —, tudo gravado lá. O som do Ennio, que é da maior competência, é muito bonito, mas a marca dele é muito forte. O disco fica a meio caminho entre música brasileira e música italiana. Mas foi uma experiência interessante. Esse disco é raríssimo. Eu mesmo não sei se tenho *(N. da R.:* Per um Pugno de Samba *não foi lançado no Brasil).*
BIZZ — *Por razões musicais, creio que o programa* Chico & Caetano *(cujos nove episódios foram ao ar pela TV Globo em 86) foi um dos mais importantes desta década. Um programa que reunia, numa mesma apresentação, Elizeth Cardoso, Baden Powell e, na outra, Mercedes Sosa, Gal, Milton, ou grupos emergentes como a Legião Urbana. Você curtiu essa experiência?*
Chico — Curti muito. A Globo é uma máquina muito grande. Quando ela propõe uma coisa nova aparecem muitas dificuldades na hora da execução. Quando a gente começou, praticamente não havia mais música ao vivo na TV brasileira. Você não imagina a dificuldade que foi fazer um programa

ao vivo de novo. E o programa deixou claro que isso pode ser feito, que vale a pena fazer música ao vivo de novo, tanto que agora o *Globo de Ouro* já não tem mais playback. As pessoas se acostumam com playback e se perde toda a vitalidade... Acho que o *Chico & Caetano* foi feito com muito calor humano, muita emoção e com a intenção, que foi satisfeita também, de trazer alguma coisa que não se ouvia normalmente nos programas de TV e nas rádios. Tanto música de fora, latino-americana, como os próprios cantores e instrumentistas brasileiros. Como o Baden Powell, por exemplo. Ele esteve fora do Brasil por muito tempo e a garotada quase não conhecia mais o Baden. O Piazzolla também, por exemplo, não é mais conhecido.

VOCÊ SABIA QUE...

A música latino-americana é uma ficção política. A unidade entre ritmos e estilos artísticos tão diversos como os que existem na América Central e do Sul só pode ser produzida artificialmente, na marra, usando os argumentos da luta contra o "colonialismo" ou da valorização "do que é nosso". Foi assim que, nos anos 60 e 70, jovens universitários bem intencionados de Havana, Santiago, Buenos Aires, Caracas etc., transformaram suas cançõezinhas de protesto em movimentos musicais (o Nuevo Cancionero argentino, a Nueva Canción chilena e assim por diante) que se colocavam pretensiosamente na vanguarda da "resistência latino-americana". Tudo se resumia na volta ao passado trovador ibérico com pitadas de folclore inca e, raramente, uma levíssima batucada ao fundo. E dá-lhe ponchos, charangas, promessas de um futuro feliz para a humanidade — sensação das cordilheiras? — e aquela voz emocionada repetindo incessantemente que "somos todos hermanos".

Enquanto isso, a música popular (não universitária) destes mesmos países estava passando por uma grande revolução, onde não interessavam os manifestos políticos nem as propostas anti-comerciais da Nueva Canción: toda informação pop contemporânea, não importando a procedência, passou a ser mais um ingrediente no caldeirão rítmico que já continha os toques das várias etnias africanas que cruzaram o Atlântico nos navios negreiros, além da antropofagia cultural dos diferentes colonizadores. Cada ilha e cada cidade, com seus vários ritmos, com seus intrumentos eletrônicos, tinha a determinação firme de fazer dançar todo o planeta.

A produção musical atualmente está cada vez mais descentralizada e cosmopolita. Os músicos fazem a ponte aérea São Domingos/Nova York, Fort-de-France/Paris, Port-of-Spain/Toronto, México/Assunção. Os Estados Unidos se transformaram num dos maiores mercados "latinos". Nos estúdios de Nova York e Miami são feitas as inovações da salsa e do merengue. As fronteiras geográficas perderam o sentido, principalmente agora, quando "movimentos" de rock explodem quase que simultaneamente em todas as metrópoles da América do Sul. Vitória do velho imperialismo ianque? Nada disso. Violeta Parra, Miami Sound Machine ou Legião Urbana: impossível dizer quem é mais latino-americano. Impossível dizer quem é politicamente mais correto.

CUBA

O son, popular em Havana desde os anos 20, é uma mistura de percussão africana com as músicas de dança dos colonizadores espanhóis. As orquestras que faziam o son inventaram a rumba, o mambo e o cha-cha-cha, ritmos que alcançaram enorme sucesso internacional, via Hollywood e indústria fonográfica norte-americana. Nos anos 70, o son produzido nos Estados Unidos, por músicos cubanos e portorriquenhos, passou a ser chamado de salsa. Nova York e São José, a capital de Porto Rico, são os principais pontos de encontro dos salseiros. Nomes: Celia Cruz, Tito Puente, Willie Colón e Ruben Blades (do Panamá, mas grava em Nova York). Hoje, em Havana, as orquestras mais populares são as charangas, que não possuem os metais agressivos da salsa e são formadas por violinos, flautas, piano e percussão. A Orquestra Aragon é o maior exemplo dessa formação "tra-

dicional", lançando discos há mais de trinta anos. Mas os novos grupos, como Los Van Van, já estão usando sintetizadores, baixo elétrico, mixando o son antigo com o funk e o rock, sem perder o romantismo da flauta e do violino.

REPÚBLICA DOMINICANA

No início deste século, os dominicanos faziam seu merengue apenas com percussão e voz. Hoje, suas orquestras têm formações muito semelhantes às de salsa, com o uso "excessivo" de metais e um ritmo muito mais rápido. O merengue é a música do momento nas pistas de dança latinas em Nova York e já ameaça conquistar Porto Rico. Todos os grupos de salsa estão gravando composições dominicanas. Em São Domingos, as orquestras de Anibal Bravo e Fernandito Villalona adotam sotaques funk e zouk. Mas o grande ídolo continua sendo Wilfrido Vargas.

HAITI

O merengue dominicano cruzou a fronteira com o Haiti e se misturou às danças francesas (contradanse, mascaron, quadrille), à batida yanvalou do ritual vodu e ao batuque popular da rara. Nemours Juan Baptiste arranjou o resultado para big bands e nasceu o compas. Bandas mais jovens, apelidadas de mini-jazz (como o Tabou Combo) eletrificaram o compas, transformando-o em modismo em todas as Antilhas e no norte da América do Sul, inclusive em algumas partes do Brasil — onde a música haitiana é lançada em compilações de lambada.

MARTINICA E GUADALUPE

O compas haitiano dominou a cena da Martinica e Guadalupe até se mixar com o beguine, transformando-se em cadence (que também é dançada como lambada no norte brasileiro). A cadence, submetida a uma overdose de funk e batucada gwo ka, foi dar no zouk, a música criada pelo grupo Kassav' e que já é popular em toda a África. Outros nomes: Zouk Machine (as Supremes da Martinica), Zouk All-Stars e Dedé Saint-Prix.

TRINIDAD E TOBAGO

O secular calipso, que está para a música caribenha assim como o blues está para a norte-americana, esperou até o final dos anos 70 para se misturar ao pop internacional, principalmente o funk, e produzir a soca. Outros centros produtores de soca além de Port-of-Spain: Nova York, Toronto, Londres, Montserrat, Jamaica e Salvador. Nomes: Mighty Sparrow, David Rudder (que mixou com samba na música "Bahia Girl"), Arrow (lançado no Brasil no "pirata" Deboche — A Nova Dança), Lord Nelson, Gerônimo (vide música "Jubiabá").

MÉXICO

O México consome a salsa de Nova York, a cúmbia da Colômbia e o rock chicano de Los Angeles. Os grupos locais imitam os ídolos estrangeiros com alguma competência. Mexicanos "mesmo" são os mariachis, grupos formados por violonistas, violinistas, harpistas, trompetistas, tudo mais "europeu" e menos "afro". As valsas tornadas populares pelos mariachis também são executadas pelos conjuntos de marimbas, formados exclusivamente por este instrumento com diversas afinações, da fronteira com a Guatemala.

COLÔMBIA

Os grupos da cúmbia colombiana são conhecidos em toda América do Sul e Central. O ritmo saltitante, mais lento que o da salsa, serve de base para improvisações da sanfona e de vários instrumentos de sopro. A cúmbia gravada no México é mais "caribenha" e a cúmbia gravada na Colômbia é mais "country", lembrando até, de vez em quando, o forró nordestino. O grupo mais popular é a Sonora Dinamita. Suas letras são sempre mordazes trabalho de temas que vão de uma multa de trânsito à Aids.

GUIANAS

O reggae, misturado às vezes com a soca, é a música das três Guianas, sem muitas novidades se comparado com o "original" jamaicano. O mais interessante na vida cultural destes países é a presença de muitos imigrantes vindos da Índia (que também podem ser encontrados em outros países do Caribe) e da Indonésia. Existem vários gamelões — as orquestras das ilhas de Bali e Java — no Suriname, além de muitos templos budistas, que também têm suas próprias músicas de culto.

PARAGUAI

As guarânias, aquelas canções super tristes acompanhadas pela harpa, finalmente se eletrificam. Nos bares de Assunção é possível ouvir guarânias tocadas com guitarra, baixo, bateria, teclado e vocal em guarani. Parece ser o surgimento do "autêntico" rhythm & blues sul-americano.

ARGENTINA

O tango se modernizou com Astor Piazzolla, mas acabou se tornando uma música de elite, jazzificada. Os roqueiros de Buenos Aires, como Charlie Garcia, Luis Alberto Spinetta, Fito Paez e Soda Stereo, mandam e desmandam na cena musical argentina. Fito Paez já fez interessantes pesquisas com o tango. Até sampleou o som de um bandoneón. Para quando o tango pop?

BRASIL

Carimbó, samba, forró, frevo, trio elétrico, lambada, rock, brega, sertanejo, etc.: eu preciso de um outro mapa. Viva Michael Sullivan & Paulo Massadas!

JAMAICA

(Jamaica e Trinidad: América Latina?) O rhythm & blues de New Orleans era a música preferida dos DJs jamaicanos no início dos anos 60. As bandas locais tentaram tocar o que escutavam. Criaram o ska que juntou-se (desacelerando-se) ao mento (o calipso jamaicano) e às pregações rastafari e deu no reggae. Dub e toast. O resto.

Editorial Allantida S.A

Pablo Milanes, também da Nova Trova: o tradicionalismo incorpora a sonoridade da guitarra elétrica

BIZZ — *Senti algumas ausências importantes. Por exemplo, o Luiz Melodia, o Tim Maia. Vocês chegaram a convidá-los*

Chico — O Tim Maia foi convidado, só que no dia ele não gravou — ele deu bolo. O Melodia não foi, mas se você for contar todas as pessoas que não foram convidadas veria que não caberiam em nove programas. E a intenção era fazer só nove mesmo. Não tinha como continuar isso. Apesar de que, se eles continuassem, poderiam suprir uma ou outra falta.

BIZZ — *Por que vocês não passaram a bola para outro apresentador?*

Chico — Eu achei que a Globo ia aproveitar o esquema, que estava dando certo. Ao contrário do que andaram publicando, deu uma audiência muito boa, a não ser pelos primeiros programas, quando havia aquela coincidência de horário com *Dona Beija (novela da TV Manchete)* — e a audiência da Globo toda caiu. Mas o problema é que saía muito mais caro do que qualquer outro programa da Globo, pois, afinal, trazíamos até gente de fora. Acho que eles deveriam ter real-

Romulo Fritscher

"Hoje tem esta coisa de hostilizar o rock. Isto é uma besteira. O próprio rock nacional, quando for mesmo brasileiro, vai ter condições de sair por aí, ser exportado e arrebentar"

mente passado a bola para outra pessoa ou outra dupla.

BIZZ — *Nos EUA, atualmente, fala-se muito numa nova onda de música brasileira. O próprio Quincy Jones afirmou que daqui há uns anos só vai dar música brasileira. O que você acha disso tudo?*

Chico — Não sei até que ponto a música brasileira pode chegar. O caminho que ele *(Quincy)* deve estar apontando deve ser via Estados Unidos... Por aí é bem possível, porque a música brasileira tem uma penetração imediata muito grande. O que dificulta isso, ou dificultava, é justamente o fato de a música ser produzida no Brasil. Quem realmente se internacionalizou pra valer foi através dos EUA — Sérgio Mendes, Tom Jobim, João Gilberto. Agora está havendo uma tendência de um pessoal (o Milton, o Djavan) gravar lá e, a partir de edições norte-americanas, chegar ao mundo inteiro. É evidente que a música brasileira deve chegar lá através dos músicos. Se isso não acontecer, ela vai ser absorvida e transformada em outra coisa. Vai acabar acontecendo o que aconteceu com a bossa nova — de vinte anos depois, porque despertou o interesse de um grupo inglês, volta para o Brasil e é (re)conhecida aqui.

BIZZ — *E no Brasil a situação caminha para o lado oposto. Toda uma geração de músicos e ouvintes está privada de conhecer os valores que, por exemplo, influenciaram gente como você, o Caetano, o Gil... Não se ouve Waldir Azevedo, Tom Jobim, Jacob do Bandolim, João Gilberto, música latino-americana, soul e tanta coisa mais na rádio. As referências vão se perdendo...*

Chico — É o que venho dizendo há muito tempo! As pessoas dizem que sou contra o rock. Não sou contra. Sou contra, por exemplo, a só se ouvir sambão o dia todo, ou só rock. Não há quem agüente. *Eu* não agüento. E mais, acho empobrecedor para o ouvinte, principalmente para o garoto que tá com 16, 17 anos de idade, quando ele está aberto para tudo... Eu vejo isso na geração da minha filha. Qualquer coisa, se for boa, eles gostam mesmo! Não têm distinção, não há preconceito algum. E música boa se faz, pô, em toda parte.

BIZZ — *Como você enxerga o rock nacional?*

Chico — Tenho ouvido e lido cóisas bem interessantes. A nível de letra, tem coisas muito boas. A linguagem rock... é muito interessante. Musicalmente confesso que não posso dar muitos palpites, porque não é minha especialidade. O rock me influenciou quando eu tinha 15, 16 anos de idade — eu ouvia Elvis Presley. Acho que há elementos de rock na música brasileira há muito tempo; aliás, *sempre* houve influência da música estrangeira — principalmente a música americana — o que *sempre* foi combatido pelos grupos radicalmente tradicionais, mas *sempre* acabou sendo assimilado. Só que depois as pessoas se esquecem que, por exemplo, o Pixinguinha foi acusado de ser fortemente influenciado pelo jazz, ou que a bossa nova, para muitos, era música norte-americana. Hoje tem essa coisa de querer hostilizar o rock; isso é besteira. Eu me interesso pelo rock na medida em que ele vá sendo assimilado ou que ele assimile também elementos de música brasileira. Porque senão a música brasileira vai ficar sempre a reboque da música de fora. Acho que, assim como podem entrar elementos de rock na minha música, o rock nacional tem de assimilar elementos da música brasileira, rítmicos ou harmônicos. Pode se criar uma coisa inteiramente nova. O Brasil é capaz de uma contribuição musical a nível universal, porque a música brasileira *é* universal, é muito forte — você pode colocá-la no primeiro time da música universal. O próprio rock nacional, quando for *mesmo* brasileiro, vai ter condições de sair por aí, ser exportado e de arrebentar.

OUSADIA.
ESSA É UMA DAS
FORMAS DE
OUVIR E
ENTENDER O
NOVO GEORGE
MICHAEL.
OUSE. OUÇA.
PODE LEVAR FÉ.

FAITH

EM DISCOS, FITAS
E COMPACT DISC

CBS

Magdalla Confec.

RPM

ANNIE LENNOX

A FERA NA SELVA

Os Eurythmics, a dupla dinâmica do tecnopop inglês, voltam à arena. Cheia de leões, como faz supor o título do novo LP,* Savage. *Annie, surpreendida num obscuro hotel em Paris — curiosamente chamado Lenox — por* Stefano Mannucci, *da revista* Rockstar, *mostra as armas...

Era uma vez uma garotinha escocesa que, para conseguir algum dinheiro nas férias de verão, foi trabalhar na linha de montagem de uma fábrica de congelados. De noite ela guardava seu uniforme num saquinho de celofane. De manhã, quando o vestia, tinha a sensação de desmaiar pelo trauma provocado por aquele cheiro de pescado e sardinhas que impregnava o tecido. Aquela garotinha então percebeu o que realmente *não queria* fazer na vida e que usaria todas as suas forças para não terminar os seus dias naquela fábrica.

No entanto, por ironia, a encontro no Lenox Hotel, numa viela que cheira a peixe, longe da solenidade de um Hotel George V. Não é por timidez que Annie Lennox se hospeda aqui. Parece apenas querer proteger a sua personalidade, que atrás daqueles olhos de uma beleza glacial, se revela ao mesmo tempo forte e vulnerável.

O controvertido *Savage* mostra que talvez Annie queira reencontrar um caminho de salvação que se aproxime da realidade; selvagem e até primitiva. "É uma época curiosa essa que vivemos, você não acha? Somos as testemunhas de uma aceleração máxima nas comunicações. A mídia nos fornece informações de qualquer parte do mundo, a uma velocidade instantânea, e é por isso que assistimos a uma crise cultural. Povos que durante séculos mantiveram intactas as suas tradições, confrontam-se com a ditadura do pensamento ocidental, com a América, a Pepsi-Cola, as multinacionais. O resultado é um momento instável e mutante, aonde não é ainda claro o que vai acontecer, quando finalmente será permitido a cada um realizar sua viagem individual, fora do tempo, do espaço, das próprias raizes. Estou curiosa, me sinto dentro desse jogo. Estou completamente fora do ambiente em que cresci, porque eu percebi o quanto eu era limitada como mulher e como ser humano contemporâneo. Ainda existem civilizações ligadas ao sistema familiar e a estruturas de pensamento que tendem ao conservadorismo social. Era previsível uma revanche antiprogressista depois do movimento liberal dos anos 60. A roda estava pronta para girar no sentido contrário. A mentalidade das pessoas se torna restrita em vez de expandir-se, mas a verdade é que nunca somos capazes de decifrar um periodo histórico até o momento em que ele acaba. Esse principio vale também para o presente. Penso que os anos 60 foram o decênio mais importante de todos os tempos para nós, mulheres. Sério; à parte os anos 20 e 30, quando o movimento feminista conseguiu o direito de voto na Inglaterra, foi durante os anos 60 que o papel da mulher na sociedade foi rediscutido. Não assistimos a uma passagem direta da maternidade ao carreirismo, mas sim a aquisição de uma nova independência em um processo que ainda não terminou. Se você for a Nova York, por exemplo, vai perceber que todos, homens e mulheres, acabaram por decidir viver como pequenas unidades separadas, sentindo dificuldade em entender as próprias emoções ou em explicá-las ao analista. Essa é a marca da vida contemporânea. Quando pensamos na hipótese de um comportamento mais "selvagem", e tentamos avaliar se isso pode ser mais saudável para nossa psique, temos que perceber que esse é um método extremamente sofisticado para transformar em inocência a nossa neurose, a nossa esquizofrenia latente. Eu não sei, não tenho uma resposta à mão. Os Eurythmics querem trazer à luz as polaridades, as contradições do nosso tempo".

Annie torce as mãos, nervosa. A sua dissertação, às vezes obscura, às vezes lúcida, nada mais é que a exteriorização de uma emoção. O êxito criativo de *Savage* é fruto de uma profunda crise pessoal e artística, sublimada através das canções. "Ao fim da turnê mundial de *Revenge*, me senti vazia, cansada, isolada pela impossibilidade de viver situações normais. Foi um periodo rico, e eu fui fundo, como num desa-

RCA

fio. Mas ao mesmo tempo foi muito difícil para mim, eu não podia cuidar da minha saúde e assim comecei a sofrer. Continuei a viajar, acumulando cansaço e exaustão. Passei por crises agudas e eis porque as cenas de *Savage* têm tons tão obscuros e fortes".

Mais do que nunca as personagens de Annie assombram: inclinações sado-masoquistas, orgasmos simulados, desejos sexuais, um convite à humilhação do corpo e do espírito: "Exatamente", confessa. "É verdade, o elemento masoquista prevalece, mas numa dimensão mental, não sexual. Mas o que você diz é correto. Como autora, cheguei a um ponto no qual posso escrever algo extremamente pessoal e ao mesmo tempo torná-lo universal. Eu embaralho as cartas. Se fosse descaradamente autobiográfica poderia ser embaraçante, enquanto que uma aproximação menos específica resultaria por demais genérica."

Uma auto-analise cruel. Dizem que o artista é um doente privilegiado, pois não há melhor tratamento para a psique do que vestir máscaras, perucas, fantasias e ser pago para fazê-lo. É a esquizofrenia do ator que sublima a insatisfação de ser você mesmo nas vestes de um outro, sem nunca saber a qual dos dois são dirigidos os aplausos. "Eu tambem estou convencida disso, mas me pergunto várias vezes sobre o real significado da palavra esquizofrenia. Uhm... todas as pessoas tem potencialmente muitas caras, muitas facetas à primeira vista incompatíveis e, talvez, o indivíduo que definimos como esquizóide desenvolva os diversos lados de seu caráter exatamente como uma pessoa 'normal', mas com velocidade e tempos diferentes. Talvez nele o processo de sentir isso ou aquilo seja contemporâneo, daí a dificuldade. Não está longe da minha, da nossa condição, está só um pouco além. Algumas vidas, como a minha, estão quase inevitavelmente sob a suspeita de fraturas psíquicas: muitas vezes experimento a sensação de entrar num quarto e ser uma pessoa e, em seguida, passo para outro quarto e sou outra pessoa. Porém não uso perucas ou fantasias para meu *look* privado. Eu procuro usá-los para exaltar o sentido, a idéia de uma canção. Quero realizar identidades visuais compreensíveis, claras, não quero deixar nada ao acaso. Para mim é positivo que um *performer* possa trilhar esses caminhos: o ator que encarna muitos personagens é capaz de enriquecer a própria vida, saber mais de si graças ao próprio trabalho. Eu não preciso me identificar com outras personalidades, eu e Dave fazemos as nossas canções e eu não preciso fingir ser outra pessoa. Eu enceno as minhas histórias, por isso não devo fazer nenhum esforço para tomar conta do personagem. O que é excitante é que os Eurythmics evoluíram para um nível onde quase não existe mais distância entre a concepção e o resultado final. Sabemos como tornar claro artisticamente aquilo que brota em nossas cabeças".

Um rosto comprometedor este de Annie, a mulher que viveu mil e uma vezes. Nos apaixonamos perdidamente pelos closes do vídeo "The Miracle of Love", a reencontramos, rosto imaculado, no final de *Brand New Day* — o documentário realizado durante a turnê no Japão. Combatemos a seu lado em *Revolução* — em que ela contracena com Al Pacino e Nastassja Kinski — e a aguardamos em uma comédia do absurdo, baseada em Harold Pinter, em breve nos cinemas. Porém a "Who's That Girl" original encontrou seu papel mais angustiante numa dona-de-casa rebelde, a que quer transformar-se em sex-symbol grotesco e louco no vídeo conceitual da trindade "Beethoven"/"I Need a Man"/"Shame", história de uma loucura domestica em capítulos: "Acredito que a imagem da dona-de-casa entediada e reprimida pode incomodar, mas é de fato que esta categoria de mulheres é vítima de uma serie de circunstâncias, pelas quais, por exemplo, acaba por se sentir culpada quando cuida da aparência ou entende que deve adormecer a propria sensualidade. Existem somente dois modos para a mulher se mostrar: um e a de objeto sexual que acaba por transforma-la numa parodia humana — quase uma triste boneca inflável. O outro é a mulher vítima, frustrada, obrigada a pensar e agir calmamente, simples e transparente. No vídeo "Beethoven", essas duas tipologias coexistem em meu personagem. "Beethoven" não é uma canção, mas um diálogo interior. Eu e Dave pensamos o papel não para uma secretária ou empregada, mas para uma dona-de-casa, com sua vida monótona — tarefas na cozinha e na cama, que se repetem interminavelmente —, o ódio de reencontrar os moveis sempre no mesmo lugar, os objetos que avançam como inimigos. No fim, você so pode se sentir claustrofobica, sentir inveja das outras, que são 'livres', projetar traições, fugir da armadilha. É uma mulher em pedaços que foge da gaiola."

Para cometer um crime sexual? Num jogo de perversões, qual seria o crime de sedução mais infame? No LP há uma música, "Wide Eyed Girl", onde uma garotinha maliciosa desperta paixões entre jovens romanos que a seguem pelas ruas... "Sim", ri Annie, "é baseada na história de uma linda loura e os machos italianos. Não, não sou eu. É engraçado que você pense isso, mas sou muito velha para esse papel. É uma adolescente que conheci, mas que ainda não tem maturidade para perceber que o resultado disso pode ser uma grande infelicidade. E assim, observando-a, transformei-a em uma "wide-eyed girl", uma garota inocente, cheia de vida que... Você po-

"O excitante é que os Eurythmics evoluíram para um nível onde quase não existe mais distância entre concepção e resultado final. Sabemos tornar claro o que brota em nossas cabeças"

"Somos todos criminosos em potencial. Vivemos em uma época em que a guerra, em um certo sentido, pode ser aceita, enquanto que um simples assassinato é visto como um pecado horrível"

de dizê-lo, porque já deve ter encontrado jovens assim, que começam cedo a quebrar corações, por brincadeiras, sem perceber que mais cedo ou mais tarde terá o troco. Você as reencontra aos trinta anos, neuróticas e sem controle dos próprios sentimentos. Assim, a "wild eyed girl" foi pega naquele momento da vida em que aparece a malícia, a sexualidade, e tudo parece doce, jocoso. Então eu me perguntei: qual o país onde os homens conseguem demonstrar de um melhor modo o seu desejo de amor e serem galantes e audazes? Não poderia ser outro país que a Itália. Quando eu estava na Itália eu adorava observar essas pessoas tão passionais e fortes. É realmente muito bonito esse tipo de comportamento. Eu imaginei para esse vídeo cenas pelas ruas de Roma. Mas essa não é uma crítica aos amantes latinos. Em relação aos crimes sexuais, eu não sei. São cometidos crimes de todas as espécies todos os dias. A condição humana é tão precária que realmente ninguém pode se dar o direito de ser juiz. Somos todos criminosos em potencial. Vivemos em uma época em que a guerra, em um certo sentido, pode ser aceita,enquanto que um simples assassinato é visto como um horrível pecado. Para mim, a guerra é um crime mais grave porque... um homem que mata em nome da Pátria é considerado justo, enquanto aquele que comete um crime, por ser psicologicamente instável, não. Não quero justificar ninguém, mas são muito duras essas generalizações sobre o crime. As crianças um dia vão se tornar adultos, e esses não são capazes de resolver os problemas da infância. E um ciclo eterno...".

Uma conclusão sinistra, mas adequada ao clima de *Savage*, onde uma única música parece possuir uma certa dimensão ética. E "Shame", na qual Annie Lennox aponta um dedo acusador para uma sociedade que anda como um carrossel desgovernado, mostrando alguma estabilidade ideológica contrapondo-se a uma futilidade absoluta. "Isso é verdade, em certo sentido. A moralidade está numa certa notalgia que sentimos ao confrontar o que foi a 'Época de Ouro' dos nossos tempos: ainda uma vez os anos 60. Por um momento, que talvez não volte a se repetir, a cultura jovem tinha encontrado uma unidade sua, e cada solução nova parecia acessível: o idealismo, o amor livre, uma sociedade sem esquemas. Todos viam os músicos como formadores de opinião, como líderes de um movimento sem vínculos com o passado. Chegamos agora a um ponto em que se impôs uma nova geração, mais cínica, que gerencia um mercado musical voltado para o sucesso imediato e não para o conteúdo das músicas. Se deixam iludir por um glamour superficial. Capitalizaram sobre o nada, prepararam a decadência cultural, econômica e social. Você se lembra do vídeo "There Must Be an Angel"? Muita gente me perguntava: não da para entender se você acredita de verdade, ou se quer somente fazer ironia. E eram ambas as coisas: não é mais possível assumir um ponto de vista claro, decifrável. Não nos é mais permitido sermos inteligentes e sentimentais ao mesmo tempo: o mundo não entende esse tipo de linguagem. Ela pode sobreviver, mas não causa mais impacto, não tem poder. Esse é o motivo pelo qual a alternativa hippie foi desaparecendo: se tornou uma paródia de si mesma. O trabalho dos Eurythmics funciona em vários níveis, à procura da pureza e do paradoxo, do conhecimento e da ironia. Assim, cada um poderá achar o que procura"

Como uma gata, Annie se defende de quem tenta penetrar em seu território. São as ambigüidades que fazem dela uma pessoa e artista atenta. "De fato não consigo entender aqueles que se satisfazem com uma vida interior malditamente calma e insípida. Cada dia deve ser uma descoberta, uma nova nudez diante dos fatos. Não sei o que fazer com as sensações normais".

Uma noite, num palco de Roma, Annie se despiu e, por um longo momento, esteve totalmente vulnerável. Cantava "Who's That Girl" e alguém lançou aos seus pés uma rosa ou qualquer outra coisa, rendendo-lhe um tributo. Sua voz variou por segundos, no temor que a quisessem machucar, atingir. "Foi um momento de temor incrível. Entenda: quando estou no palco sou um alvo e é muito difícil enfrentar a escuridão. Não sou a pessoa mais forte e segura do mundo... Ah, mas tenho meu equilíbrio e não me deixarei mais pegar de surpresa. Não quero me transformar num objeto de consumo. Muitos querem um pedaço de Annie Lennox: um pedaço para um, um pedaço para outro... Mas estou feliz por pertencer a mim mesma, por ser a dona das várias mulheres que convivem em mim".

Com um sorriso insolente Annie se fecha... Lá fora, no ar doce de Paris, vibram novos e doces perfumes. Um homem corre atrás de seu chapéu, virando a esquina onde existe uma outra cidade.

Franck Bromme / S

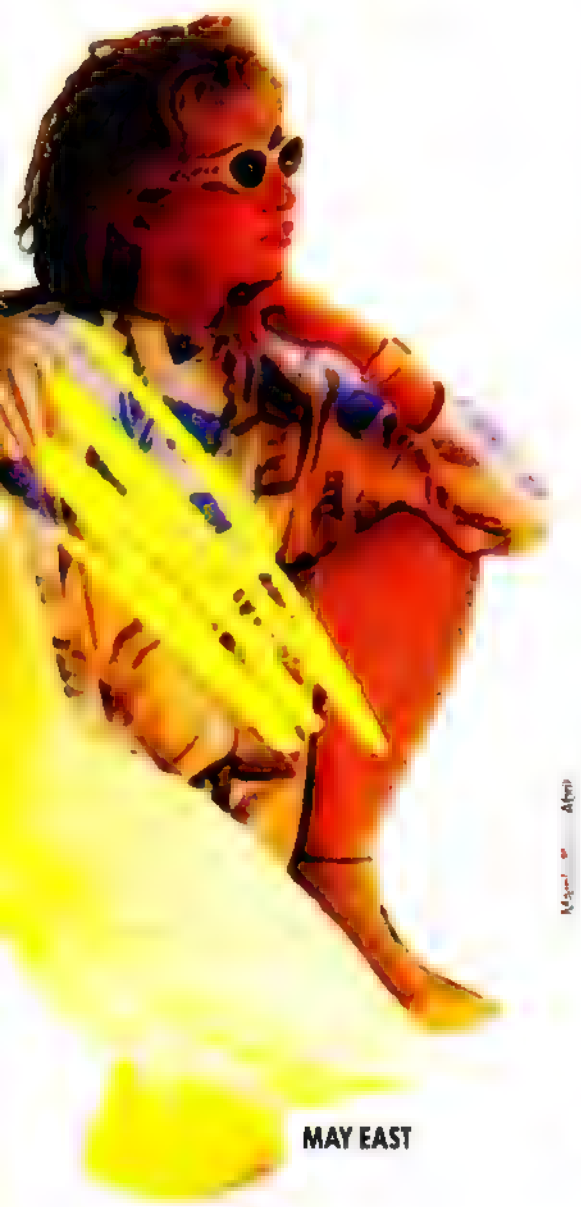
GRAVADORAS INDEPEN

CORRENDO POR FORA

A "mocidade" independente esquentou suas baterias na edição de fevereiro da BIZZ. O resultado da votação da crítica dos Melhores de 87 colocou em destaque uma ala muito comentada, mas pouco ouvida pelo grande público. Mas quem são os responsáveis por essas surpresas, algumas das mais gratas revelações do rock (e da própria revelação do Rock, como veremos)? Quais as dificuldades — e eventuais vantagens — dessa condição "alternativa", ainda mais em um país onde nem os bons-de-venda sabem aonde a coisa vai dar? Confiramos...

Na verdade, o fenômeno dos independentes é muito mais antigo e possui maiores implicações do que aparenta. Até os anos 40, a principal corrente que desaguaria no rock'n'roll era chamada de *race music*, uma classificação que deixava claro o preconceito WASP (branco, anglo-saxão e protestante) da indústria musical americana. As *race records* eram gravadoras pequenas, independentes, dirigidas por negros. Quando sua música passou a ser bem recebida entre os *teenagers*, conceito jovem (e branco) emergente, começando a tocar em rádios através de programas dirigidos a este público adolescente, as *race records* foram absorvidas pelas grandes gravadoras. No mesmo sentido, o rock só foi "admitido" pelas comunidades WASP quando a *major* RCA contratou uma jovem

ENTES



MAY EAST

descoberta da pequena Sun Records e a divulgou com toda a potência de seus cofres. A descoberta em questão é Elvis Presley. O resto é História.

Pela metade dos anos 70, a indústria discográfica estava concentrada na mão de multinacionais. O que havia era uma guerra de números conduzida a toque de caixa registradora. Em resposta a essa situação, uma verdadeira *new wave* de pequenos selos lançou um mar de bandas que renovaram estilisticamente o mercado. Os pequenos selos também provaram que gravações podiam ser feitas por muito menor custo do que aquele alegado pelas grandes gravadoras para não investir em propostas dissonantes.

Hoje em dia, selos como Island, que começou lançando reggae ainda nos anos 60, e Virgin, uma pequena loja — como a Baratos Afins — que em 1977 lançou seu primeiro LP (*Tubular Bells*, de Mike Oldfield), são forças que disputam os primeiros lugares da parada oficial. Só na Inglaterra, alimentados pelo boom de 76, existem 114 selos independentes, responsáveis pelo lançamento dos principais grupos desta década. E que, por sinal, dão considerável lucro a seus contratantes. A Rough Trade, outra ex-loja que começou a distribuir discos em 1977, é responsável pelas gravações dos Smiths. A Zoo, por sua vez, lançou Echo & the Bunnymen. A Factory, Joy Division/New Order. A Creation, Jesus & Mary Chain...

No Brasil, entretanto, os selos independentes não passam de uma dúzia, estando as prensas e a distribuição quase que inteiramente nas mãos das multinacionais. Paradoxalmente, o Brasil é o sexto colocado no mercado fonográfico mundial (ao lado do México). Em 86, a indústria nacional vendeu 55 milhões de LPs e 16 milhões de fitas K7, num total de 170 milhões de dólares (12 bilhões de cruzados). Cada LP independente, contudo, consegue vender no máximo 5 mil cópias..

Distribuição: a "besta negra" para os independentes. A falta de empresas especializadas nessa área e o monopólio das grandes gravadoras provoca uma estagnação dos pequenos selos

Em que pé está o mercado independente nacional? René Ferri, da Wop Bop, resume: "A distribuição é a nossa *bêtenoire*... Se você fizer contrato com uma gravadora grande, você cai naquela esparrela: ela não vai distribuir o pequeno como se fosse um de seus produtos. E montar uma distribuidora pra fazer esse serviço seria um investimento que não está ao nosso alcance. No Brasil, a própria gravadora faz o disco, vende e distribui. Não é como nos EUA, onde a gravadora só fabrica e vende e quem distribui são firmas especializadas, o que significa maior rapidez e agilidade. Já na Europa, a WEA distribui vários selos independentes porque reconheceu que as gravadoras menores estão muito mais em cima do lance, com uma visão mais atual do mercado — as gravadoras pequenas ajudam as grandes a descobrir para onde está indo o negócio. Você pode ver como demorou para perceberem, aqui, que os Titãs tinham potencial de venda, do mesmo modo que o Ultraje, o Ira!... Ainda assim, isso não foi percebido direito no Brasil. Talvez porque as desproporções sejam drásticas: aqui as grandes são muito grandes e as pequenas muito pequenas. Caso houvesse um esquema adequado de distribuição, muitos lançamentos independentes chegariam a vender até 30 mil cópias". A Wop Bop lançou Violeta de Outono, Harry, o segundo LP de May East e se prepara para colocar no mercado o "palavrão" que vai dar o que falar em 88: Vzyadoq Moc.

Alguns selos conseguem se manter, apesar dos problemas de distribuição (os discos não chegam em quase nenhuma loja, sendo que muitas se orgulham em não possuir nenhum material independente a venda), com um faturamento relativamente satisfatório — o que os possibilita a investir mais na produção e no aumento de seu cast. "Ratos de Porão (LP *Descanse em Paz*, de 1986) vendeu 1 500 cópias no primeiro dia que veio para a loja", diz Luiz Ca-

lanca, da Baratos Afins. Os independentes lojistas, por sinal, armaram um esquema de distribuição alternativo entre si, colocando em suas lojas os lançamentos do setor, como uma maneira de driblar os altos custos de distribuição que acabariam inviabilizando o preço do produto (assim, os discos da Baratos e da Wop Bop são encontrados em Minas na Câmbio Negro e em Brasília na Sebo do Disco, que em contrapartida têm suas produções, como o LP do Último Número e o primeiro EP do Finis Africae, respectivamente, distribuídos em São Paulo). "Nós já fomos procurados por três gravadoras que queriam distribuir nossos discos", explica Renato Filho, da Ataque Frontal (Cólera, o finlandês Massacre etc.) "Só que a porcentagem que eles pagavam era irrisória."

São muitas as dificuldades para se lançar um disco no mercado. Para piorar a situação, a maioria das prensas que o Brasil possui (cinco, no total) está nas mãos das grandes gravadoras. Quem quiser prensar um disco precisa contar com a "boa vontade" da proprietária. René: "... Quando um artista grava um disco, é uma página que ele vira. E, se esse disco é pra ser colocado no mercado, não pode demorar um ano e meio (como aconteceu com o LP *Akira S e as Garotas Q Erraram)* para chegar às lojas. Não faz sentido! O artista não vai trabalhar esse material que saiu há um ano..."

Outro fato a ser considerado é que a *major* não trata o produto independente como o seu, com o mesmo cuidado no corte, na prensagem e na qualidade final do vinil. A própria gravação esbarra em dificuldades estruturais: o estúdio nunca é dos melhores, as horas de gravação e mixagem têm de ser reduzidíssimas devido aos custos — isso além de nunca se saber se o corte e a prensagem serão satisfatórios. "Mas às vezes acontece de ter produtos muito bons e que não são levados a sério, que se perdem entre péssimos produtos", lamenta René.

Outro lado da questão é apresentado por Calanca, que recentemente recusou uma proposta para a Baratos Afins se tornar um subselo da RCA: "Isso castraria nossa liberdade. Eu não poderia fazer um Arnaldo Baptista em dois canais como eu fiz. Além disso, há o exemplo do Lira Paulistana que praticamente desapareceu depois de se juntar à Continental. Na verdade, a gravadora nunca faz nada pelo artista. Tudo depende muito dele. A CBS não fez nada pelo RPM; foi o RPM que fez pela CBS..." A Baratos Afins lançou Voluntários da Pátria, Smack, Fellini, Akira S e as Garotas Que Erraram, Mercenárias, Gueto, Nau, Chance etc.

Divulgação

Divulgação

No alto, os mineiros do Último Número, conquistando o coração de alguns críticos de BIZZ nos Melhores de 87. Acima, os góticos tupiniquins do Kafka (São Paulo). Abaixo, os Kães "psychobillies" Vadius (SP)

Marcelo Lassere Imagens

O último entrave da relação artista-público que os independentes encontram é a mídia. Falar de rádio no Brasil é até redundante. De qualquer forma... René: "O rádio parece ser dominado por uma verdadeira máfia e não há como penetrá-la. Essa é uma questão de investigação jornalística e policial, e eu não sou uma coisa nem outra... Ele não ajuda, ao contrário, até prejudica, porque veicula somente aquela coisa comercial.

O comercialismo musical, entretanto, é uma faca de dois gumes. René, que também é lojista, avalia: "Hoje em dia o disco que vende é para as classes A ou B. As classes C e D — que consome o tipo de música que as rádios e gravadoras privilegiaram no ano passado e retrasado — não estão comprando mais. Veja o pagode: não vende mais nenhum disco. Sei de uma gravadora que está com um estoque do chão até o teto, corredores imensos, porque eles investiram muito nisso aí. Acabaram inclusive com os lançamentos internacionais pra ficar com isso! E disco antigo brasileiro, então, nem se fala. Você procura coisas de bossa nova, Carlinhos Lyra, não encontra. E são fundamentais para entender a história musical do Brasil. Carmen Miranda, Nora Nei... não tem. É um mercado muito comercial, que atira num só objetivo e normalmente erra!"

As armas dos independentes, porém, não se reduzem apenas ao vinil. A Vortex de Porto Alegre, que começou sua carreira editando o primeiro compacto dos Replicantes, possui um catálogo invejável de fitas K7 — a maioria com trabalhos radicalmente anticonvencionais. Grupos como Athaualpa i os Panques e A Vingança de Montezuma são alguns dos nomes exóticos de seu acervo, capazes de "revolucionar a música jovem brasileira" ou "anarquizar a forma de composição..." De seus mais recentes lançamentos, destacam-se um dos últimos shows de Julio Reny e a banda Expresso Oriente (ver matéria BIZZ 31) e um K7 com pelo menos 20 bandas da novíssima safra gaúcha — entre formações relâmpagos e/ou estáveis —, chamado A Invasão dos Nodrus. Sem esquecer os Cascavelletes e sua pornô beat capaz de tirar qualquer virgem do sério.

Além da Vortex, alguns grupos inéditos em disco costumam comercializar K7s durante seus shows — Os Mulheres Negras já o fazem, o Bruhahá Babélico e o projeto Hai Kai Music de Akira S estão preparando suas fitas. Na verdade, o comércio de fitas é habitual no exterior, chegando mesmo a ganhar sessões de lançamentos em revistas de música como a americana *Option* (que apresenta por volta de cinqüenta resenhas mensais, entre lançamentos americanos e do resto do mundo). Artistas como Nico, A Certain Ratio e os Residents têm certos trabalhos só disponíveis em fita.

Mas o que mais chama a atenção entre os lançamentos independentes é o grande numero de gravações de heavy metal. Por ser o estilo mais marginalizado na mídia, seus cultuadores criaram um autêntico mercado paralelo, com meios alternativos de informação, alimentado principalmente pelos selos independentes que optaram por atuar nessa área, não só lançando bandas nacionais, como também os novos grupos do exterior. Os selos Woodstock, Rock Brigade (ambos de São Paulo), Heavy Discos, Pont Rock (ambos do Rio) e Cogumelo (Minas) possuem um público cativo. A Woodstock, por exemplo, chega a vender de 10 a 15 mil discos de cada grupo estrangeiro que edita (Motörhead, Flotsam & Jetsam etc.), e isso com um esquema de distribuição modesto

Os números do heavy metal indicam o estilo como o único aparentemente viável em termos financeiros para os pequenos selos nacionais. A própria Baratos Afins possui em seu catálogo vários representantes da facção heavy e hard. O disco do Golpe de Estado atingiu a cifra de quatro mil exemplares em dois meses de vendagem. Em contraste, a maior vendagem do Fellini, seu mais conceituado contratado, ficou em seis mil cópias, no período de três anos (*O Adeus de Fellini*, seu primeiro LP)... Desse jeito, independente que não for heavy precisa gostar muito de tocar. Tocar por prazer e não por notas verdinhas. Na encruzilhada do reconhecimento do público, os independentes nacionais seguem dando adeus logo ao começar sua estrada.

Marcel Plasse/Sônia Maia
(colaborou Marisa Adán Gil)

OS ADEUSES DO FELLINI

"Não fazemos rock nem MPB. É uma terceira coisa. Tem a guitarra, o barulho do rock, mas também tem samba." Definir o som do Fellini não é tarefa fácil, mesmo para Cadão, vocalista e autor das letras do grupo. Para ele, foi essa originalidade que levou a crítica a votar em *3 Lugares Diferentes* como o melhor LP de 87, ao lado de *Jesus Não Tem Dentes...* dos Titãs — um resultado, no mínimo, surpreendente. Isso porque, Cadão, Thomas e Ricardo gravaram o terceiro LP do Fellini em condições caseiras (utilizando um estúdio portátil de quatro canais), dentro das limitações do esquema de produção independente, via Baratos Afins. Mais surpreendente ainda se pensarmos que esse pode ser o último trabalho do grupo — que anunciou, recentemente, o fim de suas atividades. Pela terceira vez. "Paramos logo após o lançamento de *O Adeus de Fellini*, nosso primeiro LP, e voltamos depois como uma dupla. A segunda vez foi depois do segundo LP, quando já éramos um quarteto. Na verdade, o motivo era sempre o mesmo: saco cheio. De trabalhar sem condições, de não ter retorno."

A idéia, segundo Thomas, multiinstrumentista e compositor da banda, é partir para novas idéias musicais, caso o grupo volte a se reunir. Mas, para isso, é necessário a estrutura de uma grande gravadora. "Queremos fazer um som mais elaborado, usar uma orquestra." Quem completa é Cadão: "Eu não me importo se tivermos de parar. Daqui pra frente, só vamos gravar com condições dignas, profissionais mesmo".

Depois de "Rock Europeu", o sucesso do primeiro LP, o Fellini tem um novo hit: "Teu Inglês", bastante executado nas rádios alternativas. "Se tivesse uma orquestra, um puta coro feminino fazendo 'Please, come back...', tocaria até na Cidade", argumenta Thomas. Seria o Fellini um grupo predestinado ao sucesso? "Sem dúvida. Vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. Nem que seja pra gente virar um *cult group*, daqui a cinco anos", garante Cadão. No momento, porém, é impossível fugir do obstáculo que impede os independentes de conquistarem um público maior: a distribuição. Para Thomas, a melhor solução seria a criação de uma distribuidora para todos os selos. "Aos poucos, a força dos independentes está sendo reconhecida. As gravadoras não estão sabendo mais trabalhar, ficam fazendo esses selos com sacos de gatos."

87 terá mesmo sido o ano do adeus do Fellini? "Quem sabe, essa premiação pode ser um jato na nossa carreira", ironiza Cadão. "A gente tá animado, com vontade de voltar a tocar", confessa Thomas. "Mas... o problema é grana. Se pintar um louco, tarado pelo Fellini, que quiser investir os seus dólares, levar a gente pra gravar em Los Angeles..." •

M.A.G.

Receita para viver melhor

Saúde!

LEIA EM ABRIL

É TEMPO DE MAÇÃ

Poderes nutritivos e medicinais. Conheça as variedades de maçãs plantadas no Brasil e como aproveitá-las melhor.

TÁRTARO

Como evitar esse inimigo dos dentes. Alimentação, higiene e escovação correta. Sorria, livre do tártaro.

PANELAS

Do barro à ágata, os segredos de cada material para o sabor dos alimentos e suas propriedades nutritivas.

PLACAR SEXUAL

Qual o número "normal" de relações por semana? E quantos orgasmos? Respostas honestas e corretas.

VACINAS

Também é coisa de adulto. Saiba quais as doenças que podem ser evitadas através da vacinação.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

DISCOGRAFIA SELECIONADA

FEITO EM CASA — Antônio Adolfo (independente 78). Primeiro LP independente nacional. Instrumental

MARCHA SOBRE A CIDADE — Grupo Um (Lira Paulistana, 79). Free jazz brasileiro. Disco de grande prestígio na Europa e Japão.

BELELÊU — Itamar Assumpção (Lira Paulistana, 80). Clássico radical da "maldita" MPB black.

CLARA CROCODILO — Arrigo Barnabé (independente, 81). Dodecafonismo pop. Música erudita em tom de radionovela.

PREMEDITANDO O BREQUE (Spalla, 81). MPB satírica, executada por excelentes músicos.

RUMO AOS ANTIGOS — Rumo (Rumo Produções, 81). Clássicos da MPB em nova roupagem, por um grupo de estudiosos.

INFLUÊNCIAS — Marco Antônio Araújo (Strawberry Fields, 81). Mescla de música pop e erudita, solenemente inspirado pelos Beatles.

AGENTSS (compacto/independente, 81). Banda tecnopop precursora da new wave brasileira. Embrião de algumas das bandas mais significativas do rock paulista.

AGUILAR E BANDA PERFORMÁTICA (independente, 82). Projeto grafitado de rock do artista plástico José Roberto Aguilar. Embrião de bandas como Titãs, Clínica e Bruhahá Bobélica.

GRITO SUBURBANO — Vários (Punk Rock, 82). Primeira e melhor coletânea do punk rock brasileiro, com carreira internacional. Participam Inocentes, Cólera e Olho Seco.

PRA VIAJAR NO COSMOS NÃO PRECISA GASOLINA — Nei Lisboa (independente, 83). Blues portoalegrenses. Não foi, sem dúvida, o precursor, mas sem dúvida o mais atraente lançamento independente da MPG - Música Popular Gaúcha.

MAQUIAVÉLICA EM CANTURBANO — Letícia Garcia (independente, 84). Fusão do rock com as vanguardas musicais contemporâneas, made in Rio.

SP METAL — Vários (Baratos Afins, 84). A principal coletânea de heavy metal paulista, com os grupos Vírus, Avenger, Centúrias e Salário Mínimo.

ROCK GARAGE — Vários (Acit, 84). Coletânea que impulsionou o rock gaúcho. Destaques: Replicantes, Urubu Rei (new wave, embrião da atual formação do DeFalla), Fluxo (new wave, embrião da primeira formação do DeFalla), Taranatiriça, Garotos da Ruas, Astaroth e muito heavy metal.

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA (Baratos Afins, 84). Primeira banda brasileira a passear pelos vários subgêneros da new wave. Celeiro de músicos de várias bandas paulistas: Ira!, Smack, Fellini, Mercenárias, Akira S, Zero etc.

AO VIVO NO MOSH — Smack (Baratos Afins, 85). Junkie rock com faixas instrumentais, formado por músicos de várias bandas underground de SP

OS REPLICANTES (compacto/Vórtex, 85). A faixa "Surfista Calhorda" foi o primeiro hit do rock gaúcho.

PATIFE BAND (EP/LPPB, 85). Dodecafonismo jovem-guardista comandado por Paulo (irmão de Arrigo) Barnabé.

NÃO SÃO PAULO — Vários (Baratas Afins, 86). Primeira coletânea do underground paulista, com Akira S & as Garotas Que Erraram (com participação de Holger Czukay), Chance, Ness e Muzak.

CADÊ AS ARMAS — Mercenárias (Baratos Afins, 86). Pós-punk visceral. Em 45 rotações por minuto.

GOLPE DE ESTADO (Baratos Afins, 86) Hard metal rock best seller

VIOLETA DE OUTONO (EP/Wop Bop, 86). Neopsicodelismo cinzento.

PSHYCODEMIA — Kães Vadius (Ataque Frontal, 86). Psychobilly de guragem.

PELA PAZ EM TODO MUNDO — Cólera (Ataque Frontal, 86). Punk pacifista for export.

CADA VEZ MAIS SUJO E AGRESSIVO — Ratos de Porão (Cogumelo, 87). Terceiro e mais pesado LP do melhor grupo trash nacional.

SCHIZOPHRENIA — Sepultura (Cogumelo, 87). Trash metal mineiro.

ÚLTIMO NÚMERO (Câmbio Negro, 87). Pós-punk mineiro. Primeiros roqueiros de BH a tocar numa FM da cidade.

"FAREMOS UMA NOITADA EXCELENTE" — Arnaldo Baptista e Patrulha do Espaço (Vinil Urbano, 87). Gravação de um show de 78 da segunda banda do ex-baixista dos Mutantes.

AKIRA S E AS GAROTAS QUE ERRARAM (Baratos Afins, 87). Esquizofunk com bits e bites.

FOSFOROS DE OXFORD — Cabine C (RPM, 87). Climático. "Desertos chuvosos..."

DAQUI — Clara Sandroni (Boas Produções, 87). MPB com vocalização agudíssima. Cristais, tremei!

TRÊS LUGARES DIFERENTES — Fellini (Baratos Afins, 87). Experiências na fusão de rock e ritmos afro-latinos, seguindo a trilha dos Mutantes, só que com recursos técnicos modestos.

A TOCA DOS LOBOS

Se você está interessado em conhecer de perto a produção independente, aqui estão os endereços de todos os selos ativos no país, que podem fornecer seus catálogos.

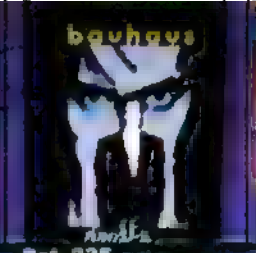
Ataque Frontal Produções — Caixa Postal 54217, São Paulo (SP) — (011) 257-3518
Baratos Afins — Av. São João, 439, Loja 318, CEP 01035, São Paulo (SP) — (011) 223-3629
Boas Produções — Caixa Postal, 4562, Rio de Janeiro (RJ)
Câmbio Negro — R. Rio de Janeiro, 630, Lojas 51/52, CEP 30450, Belo Horizonte (MG) — (031) 201-4207
Cogumelo Discos — Av. Augusto de Lima, 399, CEP 30190, Belo Horizonte (MG) — (031) 226-8557
Devil Discos — R. 24 de Maio, 62, Lojas 343/345, CEP 01041, São Paulo (SP) — (011) 221-2142
Heavy Discos — Caixa Postal 24047, CEP 20510, Rio de Janeiro (RJ) — (021) 264-2612
Rock Brigade — Caixa Postal 15094, CEP 01599, São Paulo (SP) — (011) 287-3677
Point Rock Discos — R. Visconde de Pirajá, 550, Loja 345, CEP 22410, Rio de Janeiro (RJ)
Sebo do Disco — C 12, Loja 12, Paranoá Center, CEP 72000, Taguatinga (DF)
Toc Discos — R. Uruguaiana, 18, CEP 24630, Rio de Janeiro (RJ) — (021) 222-2524
Vórtex — R. Protásio Alves, 737, CEP 90410, Porto Alegre (RS) — (0512) 30-2752
Woodstock — R. Dr. Falcão, 157, CEP 01007, São Paulo (SP) — (011) 35-3976

Ref. 254
Cor: Br-Pr

Ref. 275
Cor: Br-Pr

Ref.: 306
Cor: Pr

Ref. 255
Cor: Pr


Ref. 235
Cor: Pr

Ref. 280
Cor: Br-Pr

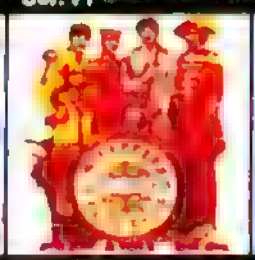
Ref. 261
Cor: Pr

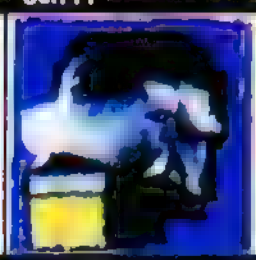
Ref. 309
Cor: Br

Ref. 267
Cor: Br-Pr

Ref. 301
Cor: Pr

Ref. 289
Cor: Br


Ref. 300
Cor: Br


Ref. 231
Cor: Az-Vd

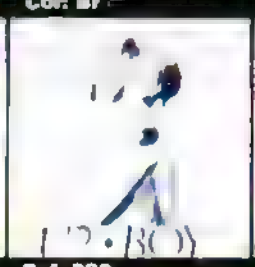
Ref: 263
Cor: Br-Am.cl

Ref. 277
Cor: Br-Pr-Az

Ref. 287
Cor: Br-Am.cl

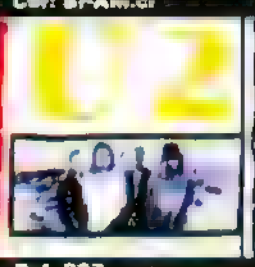
Ref. 269
Cor: Vd-Az

Ref. 230
Cor: Br


Ref. 239
Cor: Br

Ref. 250
Cor: Br-Pr

Ref. 260
Cor: Pr-Az-Vm

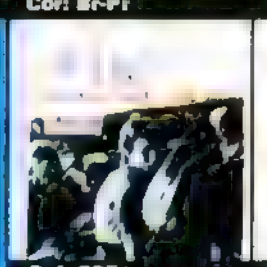

Ref. 287
Cor: Br-Pr

Ref. 258
Cor: Br-Pr

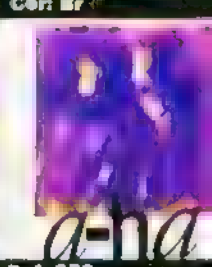
Ref. 302
Cor: Br

Ref. 262
Cor: Vm-Az

Ref. 308
Cor: Vd-Az-Pr

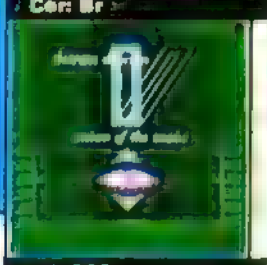

Ref. 295
Cor: Br

Ref. 296
Cor: Br


Ref. 279
Cor: Br-Am.cl.

Ref. 257
Cor: Az-Pr

Ref. 307
Cor: Br


Ref. 222
Cor: Vd

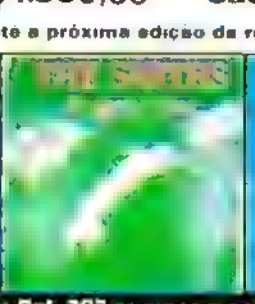
Ref. 247
Cor: Br

Ref. 273
Cor: Pr

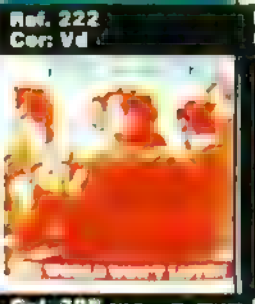
Ref. 254
Cor: Br-Am.cl

Ref. 206
Cor: Br-Vd-Az

Ref. 240
Cor: Br


Ref. 283
Cor: Vd

Ref. 233
Cor: Az

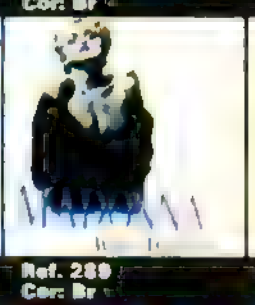

Ref. 288
Cor: Br-Am.cl

Ref. 269
Cor: Pr

Ref. 298
Cor: Br

Ref. 238
Cor: Br

Ref. 281
Cor: Az-Pr-Br


Ref. 289
Cor: Br

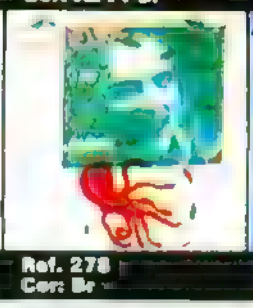
Ref. 290
Cor: Br-Am.cl.

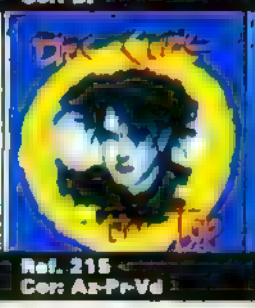
Ref. 291
Cor: Pr

ATENÇÃO

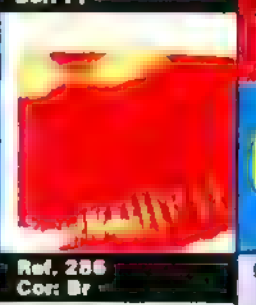
- Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para buscar sua encomenda, tendo 10 dias para retirá-la.
- Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL, você terá 10% de desconto (veja explicações abaixo) pagando apenas as despesas postais.
- Não é preciso enviar o cupom abaixo. Faça seu pedido em carta semelhante ao cupom. Não há limite de quantidade.
- Temos ótimos preços especiais para revendedores.
- Preencha corretamente: ENDEREÇO, REFERÊNCIA, COR, TAMANHO e VALOR TOTAL DA ENCOMENDA.
- SÓ FAÇA O PEDIDO NA CERTEZA DE RETIRÁ-LO.

Ref. 225
Cor: Br


Ref. 278
Cor: Br


Ref. 215
Cor: Az-Pr-Vd

Ref. 224
Cor: Br-Az-Vd


Ref. 286
Cor: Br

GRÁTIS Stamp

Este adesivo em papel laminado dentro de sua encomenda. Para você ou para a sua escolha

DESCONTO 10%

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o desconto calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02096 - CÓDIGO: 403369 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope escrevendo por fora o endereço de STAMP, (ver endereço no cupom ao lado).

Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
Cheque ☐ Vale Postal no valor de Cz$
Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ ___ ___ ___ mais despesas postais

REF	COR	TAM

REF	COR	TAM

Nome
End
Est Cidade CEP

Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb João Neves da Fontoura 156 - CEP 02013 Santana - São Paulo SP

TEL.: (011) 299-7478 HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.

ROBBIE ROBERTSON

A LENDA VIVA

Opa, mais uma ressurreição? Mais um daqueles monstros sagrados que volta de seu retiro para abocanhar algumas migalhas do sucesso? José Emilio Rondeau, de Los Angeles, diz que o buraco é mais embaixo...

Existem pelo menos tres bons angulos para se despejar luz sobre a situação atual de Robbie Robertson: 1) O legendario guitarrista da legendaria The Band, que havia acompanhado o legendario Bob Dylan, volta a trabalhar depois de uma legendaria ausencia de dez anos. 2) Veterano do rock convoca os ases do momento — U2, Peter Gabriel, Bo-Deans, o produtor Daniel Lanois — e grava seu primeiro album solo, dez anos após o fim da banda a que pertencia; 3) Todo mundo que já foi alguém no rock está botando as mangueinhas de fora novamente, falando com gerações que só os conheciam de segunda ou terceira mão. Robbie Robertson viu que o mar estava para peixe e foi repartir o bolo pop com seus contemporaneos recem-ressuscitados, Grateful Dead, Pink Floyd, George Harrison.

Nenhum desses angulos, porém, e abrangente ou preciso o bastante para ser aplicado com exatidao ao caso de Robbie Robertson. O primeiro eleva o guitarrista/compositor/vocalista canadense a um olimpo cercado de naftalina e dogmas por todos os lados, do qual Robbie justamente tentou escapar durante sua decada de "férias". No segundo argumento há um erro de perspectiva: Robbie funcionou mais como um imã para os artistas que trabalharam com ele e o produtor Lanois, num album solo com menos de uma hora de duração, com um repertorio que levou dez anos para nascer. Os artistas vieram a Robbie quando souberam que ele havia "acordado", e nao vice-versa. A terceira opção é a mais mesquinha e miope: ainda que o *comeback* de Robbie tenha toda a aura de uma campanha promocional superbem transada, trata-se de um retorno oportuno, e nao oportunista. Alias, diga-se de passagem, boa promoçao é obrigação de qualquer gravadora que honre seus fundilhos.

Tudo isso é para tentar explicar como é complexo o caso da volta de Robbie Robertson, um homem de 43 anos com currículo digno de qualquer *Hall of Fame*. The Band, Bob Dylan, festivais folk, festivais de rock, auge da fama nos (legendarios!) anos 60, capa da *Rolling Stone* em 68 (legendário!), show de despedida filmado por Martin Scorsese para o cinema (e batizado, com pompa adequada, de *The Last Waltz*, cujo titulo em portugués foi *O Último Concerto de Rock*), microcarreira de ator em filmes e subseqüente mergulho em trilhas-sonoras (quando todo mundo de sua geraçao havia resolvido aparecer na tela prateada). Mais difícil ainda com o homem aqui na minha frente, elegante e em forma, todo de preto e vermelho, saboreando baforadas econômicas de um charuto que só pode ser caro porque charuto barato fede e este aqui tem "aromas" —, numa das salas do Village Records, o estudio que Robbie Robertson mantem em Santa Monica, na California. Ele tinha acabado de examinar a guitarra que usaria duas semanas mais tarde em sua primeira aparição publica num palco desde 1976, um *spot* em que ele mostrou duas músicas de seu novo álbum, "Testimony" e "Down by the Crazy River" — no programa de TV *Saturday Night Live*. Talvez por causa da nova guitarra — uma adaptação meticulosa do que deveria ser uma *Pedal Steel Guitar* de colo —, talvez pela proximidade do show na TV, Robbie trai uma excitação de criança prestes a embarcar na maior travessura de sua vida. Mas, debaixo de toda a excitaçao, está um homem sereno, que já viu muita coisa, que ja viveu muita coisa e que, além de ter sobrevivido ao que se costuma chamar "vida na pista de velocidade", aprendeu muito com tudo isso. E é um homem que nao precisa mais provar coisa alguma a quem quer que seja.

Ele demonstra, principalmente, um fino humor e um gosto pela conversa fiada — fala quase cantando, sempre alto, com uma voz grave e achacada de tabaco, birita e vida. Como Robbie é um rato de estúdio — ele foi engenheiro de som de discos do The Band —, a tecnologia parece um bom início de papo: "Me assusto quando acham que este disco tem uma sonoridade moderna", reclama Robbie sentado num sofá gigantesco e negro, em forte contraste com os quadros coloridissimos que estão pendurados por todo o escritório, todos estampando índios americanos. "Dá vontade de perguntar: Com isso você quer dizer que o disco tem o sabor da moda deste mes?' De fato o disco de Robbie surpreende por uma sonoridade moderna, tecnologicamente atual, no sentido que em pouco ou nada se parece com as ultimas vezes em que ouvimos Robbie num disco. "Você vê o John Fogerty, por exemplo", continua Robbie, "quando ele voltou a gravar foi como se nada tivesse acontecido desde o fim do Creedence Clearwater Revival, foi como se tivesse apenas virado o lado do disco. Eu admiro um cara que consegue fazer isso. Mas no meu caso... é impossível para mim negar que existe aí um espaço de tempo muito grande... São 10 anos!"

"Com tantas experimentações de maquininhas, você acaba deixando de lado a própria música, em benefício da tecnologia"

Duas coisas, no mínimo, Robbie aprendeu nesse período em que ele não gravava "porque não tinha nada a dizer, não tinha aquela febre ardendo dentro de mim": a) os estudios melhoraram pacas desde que Dylan e a Band se trancaram num porão em Woodstock para gravar o classico álbum *The Basement Tapes*, mas sem boa música nao se faz um bom disco, por mais tecnologia de ponta que haja à disposição; b) que bem o cinema faz a um músico.

Um bocado de discos, daqueles bem velhos, tinha uma qualidade sonora que sempre me chamava a atenção. Discos da Sun Records, feitos num estúdio pequeninho em Memphis, os discos da Vee-Jay, da Chess, os discos de blues feitos em Chicago, os discos da Motown, que eram gravados numa porcariazinha de um estúdio em Detroit, onde as camaras de eco ficavam no sótão, mas os técnicos e os artistas tinham uma concepção de som superespecial. Tudo isso tinha personalidade. Eu adoro musica com personalidade. Quer dizer (o passado) foi muito bom, mas os estudios de agora me apetecem mais do que os de antigamente. O único problema é que com o tempo você vai tendo mais e mais opções — dá para usar isso, dá para usar aquilo. E com tanta experimentação de maquininhas, voce acaba deixando de lado a própria música, em beneficio da tecnologia. E este é o perigo."

Tá. Mas como é que o cinema entra na dança? "Além de disciplina, fazer trilhas para filmes (a mais recente foi para *A Cor do Dinheiro*, 1986, de Martin Scorsese) me ensinou a importancia da atmosfera, a importância de se criar um clima que dê uma pista do que esta para acontecer antes mesmo do cara abrir a boca para cantar." Robbie começa a gesticular e a fazer caretas para representar uma série de sons, suspense (*faz som de suspense e cara de suspense*), perigo (*cara e som de perigo*), vitória (*cara e som de vitoria*). "Pouca gente dá importancia a esse detalhe." Sim, diante das telas (Robbie estreiou um unico filme, *Carny*, 1980, de Robert Kaylor), só veremos Robertson quando houver um bom pretexto, como, por exemplo... Sônia Braga. "Quase fui fazer aquele filme do (Robert) Redford (*The Milagro Beanfield War*) só por causa dela." O envolvimento de Robertson com o cinema, mesmo assim, é atribulado e errático. E é um caso antigo: já em 76 ele era chamado de ídolo de matinê pela imprensa, por causa de *The Last Waltz* ("*Bullshit*! Fa:ta de assunto da imprensa!") Esta talvez seja a razão de ele preferir ficar detras das câmeras. Já tem um projeto engatilhado com a Warner Films para rodar um roteiro de sua autoria.

A musica, neste momento, é a prioridade, com possíveis shows acenando no horizonte. Robbie está escalado para participar da excursao mundial que promovera a Anistia Internacional, com shows em países como Uniao Soviética, China e Brasil. Quanto a discos novos: "Só espero que não demorem outros dez anos", gargalha, antes de me filar um cigarro Charm e partir em direçao à tarde seca e ensolarada da Califórnia.

Tom Sheehan/LFI

GAYE BYKERS ON ACID

OS FILHOS DA SARJETA

Cabelos longos e sujos, andrajos e remendos: os grebos são o antídoto da caretice que ameaça o rock

Após o boom independente do *pure pop* da geração de 86, vários dos grupos que se tornaram sensação em meados de 87 podem ser englobados no conceito de rock regressivo, mesmo que possam ser identificadas diversas ramificações do estilo. De um modo geral, o regressivo é a mais perfeita antítese do rock progressivo. Neste recém-nascido paraíso regressivo há um segmento sórdido, sujo e sarcástico chamado *grebo*.

Ao lado de grupos como Crazyhead Bomb Party, Zodiac Mindwarp, Batfish Boys e Leather Nun, o Gaye Bykers on Acid ocupa um lugar privilegiado. Formado em meados de 86 em Leicester, invadiu as paradas e os circuitos de shows londrinos e agora, com três singles — *Everything's Groovy* (In Tape, dezembro de 86), *Nosedive Karma* (In Tape, maio de 87) e *Git Down (Shake Your Body)* (Virgin, outubro de 87) — e um LP, *Drill Your Own Hole* (Virgin, novembro de 87), se prepara para invadir o mundo. Para situar as sonoridades de Mary Golightly (vocais), Tony Sven Eleven (guitarra), Robber De Offlicense (baixo) e Kevin Jrevinahyde (bateria), é imprescindível um pequeno esboço sobre os grebos, categoria que os Gaye Bykers em certas entrevistas assumem e em outras renegam.

Entende-se por grebo um aglomerado de revoltados porquíssimos que vivem em *squats* (casas desabitadas ocupadas por desempregados, junkies e vagabundos) e não admitem os velhos, os gordos e os ricos. Vestem-se com andrajos (jeans e couro arrebentados), usam remendos e alfinetes como adereços básicos e não penteiam os longos e sujos cabelos. Embora tenham uma aparência hippie *post-acid*, pouco se importam com o amor e consideram a paz um tormento inadmissível. Preferem exibir uma devassa sexualidade em formatos orgiásticos e promíscuos.

Cultivam a ternura, pois consideram a beleza um postulado do *establishment*. Admiram ficção científica e são vidrados em filmes e seriados que escracham com o planeta Terra. Como gurus musicais elegeram o Hawkwind, Ramones, Blue Oyster Cult, Mungo Jerry, Slade e Lemmy, o velho grebo do Motorhead, além de apreciarem personagens kitsch de TV.

No comecinho, foram rotulados como uma garage-band. Após algumas apresentações constatou-se que de tal rótulo só possuíam o lado trash. Na verdade, o GBOA soa como os Sex Pistols transformados numa banda heavy, o Black Sabbath vestido a punk e o Damned perdido no meio do lixo psicodélico de 68. Essa musicalidade complexa, nervosa, pesada, suja e aflitiva que dispensa boas melodias, e com isso assume um caráter anti-pop, também não dispensa flertes com as *noisy-guitar-bands* (Big Black, Sonic Youth, Butthole Surfers) e com o heavy-hip-hop dos Beasties Boys, no caso transformados em *hippy-hop*.

Esse som, absolutamente cáustico, embora não seja tão agradável de ouvir — eles adoram rupturas nas harmonias, terríveis distorções, solos alongados, ruídos espasmódicos e gritos *ad infinitum* —, necessita ser conhecido.

Sendo a Virgin sua gravadora, a RCA tem obrigação de lançá-los aqui; afinal de contas, o pop contemporâneo dissipou sua indumentária de eternidade e passou a viver de ondas, e essa, descartável ou não, está chamuscando como um satélite despedaçado no espaço.

Fernando Naporano

Miauuuu!

Gatinha
que é Gatinha
lê Capricho.
E miau para
as outras!

Capricho é a Revista da Gatinha

A wea
CONGRATULAM OS SEU

	GRAMMY	Rolling Stone		
	Crítica	Leitores	Crítica	
Melhor Disco	U2 1º	U2 1º	U2 2º Prince 3º	
Melhor Grupo	U2 1º	U2 1º	U2 1º	
Melhor Cantor		U2 1º		
Melhor Cantora		Madonna 2º		
Melhor Compositor		U2 1º		
Revelação	Jody Watley 1º	Georgia Satellites 3º		
Melhor Canção	Rondstadt / Ingran 1º	U2 1º	U2 1º	
Melhor Video		U2 1º		
Melhor Capa		U2 1º	Prince 1º	
Melhor Show		U2 1º	Tom Waits 1º	
Melhor Instrumentista				

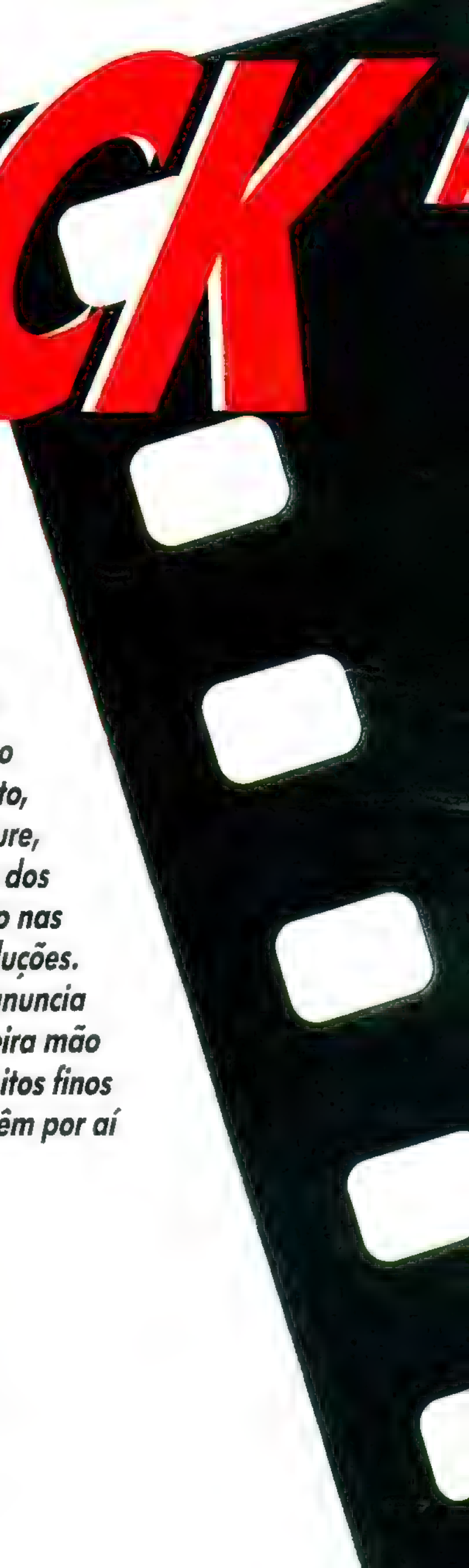
ISLAND
S ARTISTAS PREMIADOS

BIZZ

Leitores				*Crítica*	
Titãs	1º	U2	2º	Titãs	1º	Prince	1º
		A-Ha	3º			New Order	2º
Titãs	1º	U2	2º	Titãs	1º	New Order	2º
		A-Ha	3º				
		U2	1º			Tom Waits	1º
						Prince	2º
Titãs	2º						
Fausto Fawcett	1º					Laibach	1º
Titãs	2º	U2	1º	Fausto Fawcett	2º	Prince	1º
				Titãs	3º	New Order	2º
Titãs	1º	U2	1º	Titãs	2º	Prince	1º
		A-Ha	2º				
Titãs	1º	U2	2º			New Order	1º
		A-Ha	3º			Prince	3º
		Echo & the Bunnymen	3º			Echo & the Bunnymen	1º
Ira!	1º	The Smiths	2º			Prince	1º
						The Smiths	2º

... a **UBA** deseja exercer
sua influência para trazer
mudanças positivas na sociedade.

O ROCK



''Rockumentário''? Tudo bem, trata-se de documentários com duração de um longa metragem, cujo assunto é... rock, claro. O gênero fez um tremendo sucesso no ano passado nos Estados Unidos que, pelo jeito, promete continuar. U2, Cure, Charlie Parker são alguns dos nomes que estarão nas próximas produções.

José Emilio Rondeau *anuncia em primeira mão os biscoitos finos que vêm por aí*

NVADE AS TELAS

Se 87 já parecia um presságio de bons tempos para a normalmente árida região dos filmes "de música" ou "sobre música" — a única conclusão que se pode tirar do sucesso crítico e comercial que *Sign O' the Times* e *Hail, Hail, Rock'n'Roll* tiveram no ano passado —, a avalanche de filmes musicais prometida para 88, com um superdocumentário sobre U2 liderando a leva, deverá revigorar um gênero que até agora sempre padeceu de fraqueza de ideias e bilheteria, salvo as proverbiais (como as acimas citadas) exceções. Antes que dezembro chegue, terão estreado nos cinemas (ou aportado nas videolocadoras) cinebiografias de John Lennon e Charlie Parker, dramas a respeito da indústria de videoclips, um manifesto rockumentário tocando o heavy metal, um show-longa do Cure, além do megamilionário e aguardadíssimo "filme do U2".

Dirigido por Philip Janout — prodígio de 26 anos cujo currículo inclui dois episódios da série de TV *Amazing Stories* (criação e produção de Steven Spielberg, ninguém menos) e a direção de um superhit do verão norte-americano passado, o longa *Three O'Clock High* —, o filme do U2 é basicamente a reunião de material rodado durante dois shows da turnê *The Joshua Tree*: o de Denver, Colorado, em preto e branco, e o de Tempe, Arizona (o último da excursão, com ingressos a cinco dólares), em cores. Será adicionado um tanto de cenas "na estrada", mas, de comum acordo entre Bono e o diretor, nada que glamourize ou fantasie demais a banda. Por exemplo, pode entrar no filme a ambulância transportando Bono depois que o cantor deslocou o braço num show em Washington, D.C.; pode entrar a seqüência gravada nos históricos estúdios Sun, de onde saíram gravações clássicas de Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Carl Perkins. Só não espere ver limusines, champanhe e modelos lânguidas. O estilo aqui é outro. De quebra, vira uma trilha sonora (ou, pelo menos, um álbum ao vivo), produzida por Jimmy Iovine e gravada através de mais de 20 shows diferentes.

Ainda entre os rockumentários, três assuntos ganharam seus respectivos longas. Clint Eastwood (!!??) exibe uma sensibilidade inimaginada dirigindo e produzindo um filme sobre o saxofonista Charlie Parker, cujo título é o próprio apelido do músico, *Bird*. O papel principal foi entregue ao mesmo Forest Whitaker que trabalhou em *Good Morning, Vietnam*. Com tanta genialidade, drogas, violência e barroco astral generalizado constando da vida real de Parker e, levando em consideração os antecedentes de Eastwood, é difícil imaginar o resultado final. *Tudo* é possível.

Também são misturadas as expectativas em torno de *Imagine: John Lennon*, liquidificação de mais de 200 horas de filmes, fotos e canções inéditas pinçadas dos arquivos pessoais do ex-beatle e de Yoko Ono. Trata-se, aparentemente, de uma superprodução, a ser distribuída mundialmente pela Warner Brothers. E se nos *early eighties* a diretora Penelope Spheris (diretora inédita no Brasil, a não ser pela exibição de *Suburbia*, de 1983, na Mostra de Cinema de São Paulo de 1985) investigava a cena punk com o autotágico *The Decline of Western Civilization*, agora dedica a segunda parte de seus documentários — digamos, decadentes — ao heavy metal, com shows, entrevistas e "máximas" de artistas como Aerosmith, Kiss, Megadeth, Poison, Alice Cooper, Ozzy Osbourne e Motley Crue. Nome da obra — *The Decline of Western Civilization II: The Metal Years*.

O Cure transferiu para videocassete seu *Live at Orange*, um show realizado na mesma cidade francesa da qual o grupo empresta o título. A direção é de Tim Pope, velho colaborador do grupo em alguns memoráveis clips. Antes de virar *home video*, *Live at Orange* teve uma passagem meteórica pelos cinemas de Los Angeles. Depois, sumiu.

O mesmo ocorreu com o filme-concerto do Eurythmics, rodado durante a turnê *Revenge*, em 86. O filme — com quase toda a integra do show — teve um lançamento badaladíssimo no Palace, em Los Angeles, passeou por uma sala de exibição *underground* em Santa Monica e... nunca mais se ouviu falar dele. Mas que existe, existe, e pode ressurgir a qualquer instante.

Embora não sejam rigorosamente musicais, também podem ser mencionadas três outras produções escaladas para este ano: *Vibes*, que junta, num misto de comédia e thriller, o veterano Jeff "A Mosca" Goldblum e a estreante Cyndi Lauper (e não há garantias, ainda, de que ela cante no filme); *Tapeheads*, sobre as intrigas e as armações que rolam na indústria de clips musicais; e *Satisfaction*, romance-drama juvenil em torno de uma banda feminina emergente.

José Emílio Rondeau

Universal City

Lanquette/Stills

O tufão Chuck Berry ataca nas telas com Hail Hail, Rock'n'Roll, e o Cure vem com o Live at Orange, numa benfazeja ocupação dos cinemas por uma série de filmes musicais

A VOZ DO SILÊNCIO

A Voz do Silêncio (Silent Voice), do britânico Mike Newell *(Dançando com um Estranho)* é o filme mais para cima (e utópico) dos últimos tempos. A história de um menino que inicia uma greve para protestar contra a existência de mísseis russos e americanos é irresistível, das imagens (favorecidas principalmente pela bela fotografia de Robert Elswit) aos atores (todos cativantes), valendo realçar, em particular, o jogador de basquete Alex English, vivendo Amazing Grace Smith, capitão do Boston Celtics.

Diretor habituado a dramas, Mike Newell inicia aqui um novo estilo, ao mesmo tempo que realiza o seu primeiro filme americano para o cinema — suas experiências anteriores foram para televisão — com uma história em que a fé, a força da união e a amizade constituem um elo indestrutível entre um homem e um menino.

Tudo começa quando o pequeno Chuck Murdock (Joshua Zuehlke), de 12 anos — um apaixonado por *baseball* —, visita uma base de mísseis e, impressionado, protesta contra a ameaça bélica, recusando-se, na qualidade de lançador n.º 1, a abrir o novo campeonato de *baseball* de seu Estado. Ao ler a notícia num jornal, Amazing Grace Smith adere à greve do garoto, a quem se sente imediatamente ligado. Aos poucos outros atletas se juntam aos dois, provocando um verdadeiro colapso no mundo esportivo e movimentos semelhantes em outros países — para desespero do presidente americano (saudoso Gregory Peck) e do dirigente russo.

Gregory Peck como o presidente dos Estados Unidos e Joshua Zuehlke como Chuck

As cenas entre Amazing Grace Smith e Chuck são belas e poéticas, fortes como o contronto do presidente americano com o garoto ou deste com o pai (William L. Petersen, *Viver e Morrer em L.A.*), um piloto de provas que se vê aprisionado na lógica do filho. Em todo caso, com este filme, Mike Newell provoca a emoção máxima do cinema que é a de fazer as pessoas sonharem.

Apesar do título, *A Voz do Silêncio* grita, pede, exige, sacode, toca e emociona. Faz tudo, menos deixar o público indiferente.

Eliana Thomé de Souza

ROMANCE

Imara Reis é a pesquisadora-detetive que reconstitui a misteriosa morte

Como em *Cidadão Kane*, o personagem central de *Romance* está morto quando o filme começa. O ilustre defunto, dessa vez, é o intelectual libertário, ecologista e homossexual Antônio César (Rodrigo Santiago). A pesquisadora Maria Regina (Imara Reis) procura as pessoas que conviveram com ele para juntar os cacos que compõem a sua vida. E chega à conclusão de que Antônio César foi vítima de um complô de grupos econômicos e políticos que ele combatia, por serem nocivos à vida e à liberdade.

Em sua investigação, Maria Regina encontra personagens infelizes e sombrios: o homossexual André (Hugo Della Santa), que vivia com Antônio César e, depois de sua morte, está condenado à masturbação, por acreditar que está com Aids; uma mulher solitária (Isa Kopelmann), que tenta animá-lo mas termina se entregando ao desespero suicida.

Paralelamente à trajetória desses seres desencontrados, *Romance* mostra, em vídeo, flashes da atividade e do pensamento de Antônio César. São depoimentos contundentes, que denunciam a existência de uma "conspiração química contra a vida". Com um dos discursos mais radicais e saudavelmente subversivos já ouvidos num filme brasileiro, Antônio César incita a revolta contra a opressão moral, religiosa e política. Documentário, comédia, drama, farsa — todos os gêneros se fundem para tornar esse primeiro longa do curitibano Sergio Bianchi uma obra desigual e imperdível, embalada pela climática e inteligente música do grupo Chance.

José Geraldo Couto

COMPLETE JA A SUA COLEÇÃO DE SET

Peça pelo reembolso postal os números atrasados que você ainda não tem.
É só enviar o cupom abaixo para:
REVISTA SET, Editora Azul, Estrada Velha de Osasco, 132, CEP 06040,
Osasco-SP, aos cuidados de "Números Atrasados".
Não mande dinheiro agora. Pague somente ao receber.

Nº 1
- Os 100 videos imperdíveis;
- Mickey Rourke;
- Nastassja Kinski.

Nº 2
- As supermoças da tela;
- 50 videos de guerra;
- Fred Astaire.

Nº 3
- Jack Nicholson volta às telas;
- Video: 30 comédias malucas;
- A história do chapéu no cinema.

Nº 4
- Os melhores videos de sexo;
- RoboCop - o tira do futuro;
- Brian De Palma e Hector Babenco.

Nº 5
- Cicciolina - entrevista e fotos;
- Os Intocáveis e Kevin Costner;
- Vampiros - os mais célebres do cinema.

Nº 6
- *Viagem Insólita*, de Joe Dante e Spielberg;
- Robert De Niro, e suas mil faces;
- Kim Basinger - exclusiva;
- Os melhores livros de cinema.

Nº 7
- *Nascido para Matar*, de Kubrick;
- Tarzan - 70 anos de cinema;
- *O Último Imperador*, de Bertolucci.

Nº 8
- Christophe Lambert, exclusivo;
- O Beijo no Cinema - Ensaio Fotográfico;
- Seleção em Vídeo - 30 aventuras no mar.

À REVISTA SET - EDITORA AZUL - "NÚMEROS ATRASADOS"
Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados, abaixo assinalados por um X, ao preço unitário da última edição de SET em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio. BIZZ 333

EDIÇÃO Nº ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____ CEP _____ ESTADO _____
Se você não quiser recortar a sua revista, copie numa folha a parte ou envie seu pedido por uma cópia xerox

NADINE – UM AMOR A PROVA DE BALA

Tri Star Pictures

Bonita e burra (Basinger) mete canalha ambicioso (Bridges) em grandes enrascadas

Você já viu esse filme. Linda loira burra, no lugar e hora errados, acaba com um cadáver nos braços e um envelope valiosíssimo na bolsa. Procurada pela polícia, envolve o ex-marido duro e ambicioso, que, por sua vez, vislumbra a chance de tirar proveito da situação. Logo surgem gângsters dispostos a liquidar o casalzinho, em busca do precioso envelope... A encenação fortalece o clichê. A ação se passa em Austin, a tediosa capital do Estado do Texas, em pleno 1954. O roteiro do diretor Robert Benton (de *Kramer vs. Kramer*, *Um Lugar no Coração* etc.) tem o ritmo de um velho seriado de aventura: os mocinhos estão sempre em situações aparentemente sem saída, até o último minuto, quando encontram uma salvação miraculosa — e nem mesmo nos momentos mais críticos deixam de bater boca estéril e histericamente...

Kim Basinger é a própria linda/loira/burra. Só dá gritinhos e corridinhas com seus barulhentos e irritantes saltos altos. Jeff Bridges é o autêntico f.d.p., do tipo que não vacila em noivar com a contadora da cervejaria que abastece seu bar falido para não pagar suas dívidas. Suas idéias brilhantes, contudo, acabam lhe colocando nas maiores enrascadas — o que mantém o ritmo do filme. Claro que, graças a sua infalível cara-de-pau, ele termina se dando bem...

Jeff e Kim, na verdade, revivem estilos que possuem longa carreira em Hollywood — vide Marilyn Monroe e Clark Gable. Algumas situações são tão caricatas que chegam a lembrar desenho animado — em fuga, o casal se esconde num paiol cheio de dinamite... As correrias tresloucadas e pastiches derivados, porem, caem do céu em tardes modorrentas de domingo. A fotografia de Nestor Almendros (*A História de Adele H*, *Pauline at the Beach*, *A Escolha de Sofia* etc.) deixa tudo simpático. O único inconveniente é a sede de cervejas que o filme desperta... Jeff Bridges abusa, consumindo loirinhas sem parar!

Marcel Plasse

Serviço ao Assinante

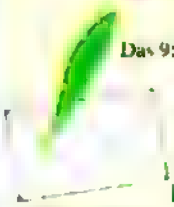
BIZZ

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

Utilize estes telefones

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (011) 823-9222
RIO DE JANEIRO
Das 8:00 às 18:00 (ininterrupto)
Fone: (021) 295-5544
RECIFE
Das 8:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00
Fone: (081) 224-0655
SALVADOR
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (071) 247-1022
BELO HORIZONTE
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone (031) 275-2255
PORTO ALEGRE
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (0512) 33-9034
CURITIBA
Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30
Fone: (041) 263-3013
BRASÍLIA
Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00
Fone: (061) 226-6963
FLORIANÓPOLIS
Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00
Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA
Das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00
Fone: (062) 261-3311



Você mudou de endereço?
Envie este cupom, comunicando seu novo domicílio, para
EDITORA ABRIL-ASSINATURAS
Caixa Postal 11.830, CEP 01139, São Paulo, SP

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ 33

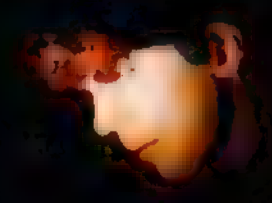
Não preencha este espaço
Entrega | Roteiro
Novo endereço
Bairro
Cidade
CEP
Estado

BRASIL TOUR'88

PATROCÍNIO

Jeaneration

TITÃS



wea

THE JESUS & MARY CHAIN

APRIL SKIES

James Reid/William Reid

Hey honey what you trying to say
as I stand here don't you walk away / don't
and the world comes tumbling down
hand in hand in a violent life
making love on the edge of a knife
and the world comes tumbling down

And it's hard for me to say
and it's hard for me to stay
I'm going down to be by myself
I'm going back for the good of my health
and there's one thing I couldn't do
sacrifice myself to you
sacrifice...

Baby baby I just can't see
just what you mean to me
I take my aim and I take my words
I'm just your long time curse
and if you walk away
I can't take it

But that's the way that you are
and that's the things that you say
but now you've gone too far
with all the things you say
get back to where you come from
I can't help it...

Under the april skies
under the april sun
sun grows cold
sky gets black
and you broke me up
and now you won't come back
shaking hand, life is dead
and a broken heart
and a screaming head
under the april sky

CÉUS DE ABRIL

Hey honey, o que você está tentando dizer
enquanto eu fico aqui, não vá embora
e o mundo despenca em pedaços
de mãos dadas em uma vida violenta
fazendo amor sobre o fio de uma faca
e o mundo despenca em pedaços

E fica difícil para mim dizer
e fica difícil para mim ficar
vou descer para ficar sozinho
vou voltar pelo bem da minha saúde
e só existe uma coisa que eu não poderia fazer
me sacrificar para você
sacrificar...

Baby baby, não consigo ver
o quanto exatamente você significa para mim
eu pego minhas intenções, eu falseio minhas palavras
sou apenas a velha praga rogada em cima de você
e se você for embora
não vai dar para suportar...

Mas esse é o seu jeito
e essas são as coisas que você diz
mas agora você foi longe demais
com todas as coisas que você diz
volte para o lugar de onde veio
não consigo evitar...

Sob os céus de abril
sob o sol de abril
o sol fica frio
o céu fica negro
e você me desconcertou
e agora não vai voltar
me cumprimentando, a vida está morta
e um coração partido
e uma cabeça que grita
sob o céu de abril

Smash Hits / LFI
Warner Bros Music Ltd.

CHEGARAM AS LETRAS TRADUZIDAS

BANANARAMA - I Heard a Rumour
BON JOVI - Never Say Goodbye
CULT - Wild Flower
CULTURE CLUB - Do You Really Want to Hurt Me?
CURE - Catch
DAVID BOVIE - Space Oddity
DEPECHE MODE - Strangelove
DURAN DURAN - Skin Trade
ECHO & THE BUNNYMEN com RAY MANZAREK - People Are Strange
GEORGE MICHAEL - I Want Your Sex
JOY DIVISION - The Eternal
MADONNA - Causing a Commotion
MICHAEL JACKSON - Bad
NEW ORDER - True Faith
POLICE - Message in a Bottle
ROLLING STONES - Paint it Black
SEX PISTOLS - Anarchy in the UK
SIMPLE MINDS - Promised You a Miracle
SIMPLY RED - Come to My Aid
SMITHS - Shoplifters of the World, Unite
STING - We'll Be Together
SUPERTRAMP - The Logical Song
TINA TURNER - Paradise Is Here
U2 - Where the Streets Have No Name
WHITESNAKE - Is This Love

NAS BANCAS

BOCATO

DESCOBRINDO AS NOVAS DIMENSÕES DO TROMBONE

Sobre o aprendizado musical, Bocato exemplifica citando sua relação com o filho que se inicia ao piano: "Eu quero pra ele uma base sólida, não precisa ficar estudando música oito horas por dia. Basta amá-la por quinze minutos"

Amor pela música é o que sobra em quem opta pelo trombone, instrumento especialmente difícil, pois não tem afinação fixa — o que exige muita habilidade técnica do músico (por isso mesmo não é muito comum vê-lo tocado por iniciantes. Ele é muito cruel com os aventureiros).

Fausto R de Azu

Bocato põe a boca no trombone: talento e estilo

Itacyr Bocato é um solista, um criador que não se limita às partituras prontas em estantes de big-band ou naipes de sopros. Como quase todos os bons — e criativos — músicos deste país, ele criou um estilo próprio. Iniciou-se no trombone aos 8 anos, enganado pelo maestro Irineu, da banda do seu colégio em São Bernardo, que, em vez de lhe entregar um sax-alto (como Bocato queria), lhe apresentou o filho enjeitado da família dos sopros, o trombone. Começou a aprender *mesmo* quando, sob regência do maestro Mário Peres, animou bailes numa orquestra em São José do Rio Preto. Quando voltou a São Paulo, em 76, resolveu estudar música mais profundamente. Inscreveu-se na Fundação das Artes de São Caetano, onde, com o professor Gagliardi, desenvolveu o estudo técnico do instrumento. Aliás, foi este mesmo Gagliardi que, em conjunto com os técnicos da Weril Instrumentos Musicais, desenvolveu o trombone usado atualmente por Bocato, que, segundo o músico, "é um instrumento que não deixa nada a dever aos importados"

O espírito anarquista levou-o para direções diversas. Ao mesmo tempo que fazia bailes e desenvolvia seu toque pessoal no instrumento — trabalha as áreas mais agudas como se fosse um trompete, com um ataque forte de embocadura, fazendo uma ponte entre o fraseado miúdo do trombone de gafieira e o toque heavy do funk —, matriculou-se na Unesp, onde teve aulas de composição com o fleumático francês Michel Phillipot.

Hoje, Bocato, aos 27 anos, é um dos poucos instrumentistas que dominam composição e arranjo. Sua música é um caldeirão de energias. "Não considero os meus trabalhos finalizados, eles estão em processo, são um exercício criativo que serve para me aperfeiçoar e catalisar outros músicos em torno dele"

As influências musicais de Bocato são significativas, pois seguem a trilha da música brasileira moderna. Ele cita Raul de Barros, Maciel "Louco" (da banda de Sérgio Mendes nos anos 60) e, é claro, Raul de Souza, de quem Bocato é um legítimo continuador e recriador. "Em termos de jazz, eu prefiro ouvir os criadores, como Thelonius Monk, Miles Davis e John Coltrane", ele ressalta

Seu trabalho em discos tem evoluído muito, desde o LP da Banda Metalurgia (82). Ele acumulou uma experiência considerável — tocou em discos ou shows de Elis Regina, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé, Gang 90, Mercenárias e outros tantos — e gravou dois LPs solos, *Lixo Atomico* (85) — acompanhado pela Banda Bloco — e *Sonhos de um Anarquista* (87), ambos pela Baratos Afins. No momento, ele aguarda o lançamento — entre março e abril deste ano — do seu novo trabalho: o LP *Gatuno 55* (também pela Baratos Afins), uma homenagem ao pai

Entretando, Bocato assume que está num momento de crise, pois, segundo ele, está difícil apontar uma direção para sua música: "No momento, fico mais à vontade escrevendo arranjos para outros músicos. Por outro lado, isso acaba sugando minha criação"

Quanto ao instrumento, ele lembra que existem alguns outros bons novos trombonistas que podem despontar no cenário musical a qualquer momento: François e Gó, alunos seus que tocam em bailes e Ronny Carlos, que toca na Orquestra Sinfônica Municipal e já esteve na banda Sabor de Veneno, de Arrigo Barnabé

Livio Tragtenberg

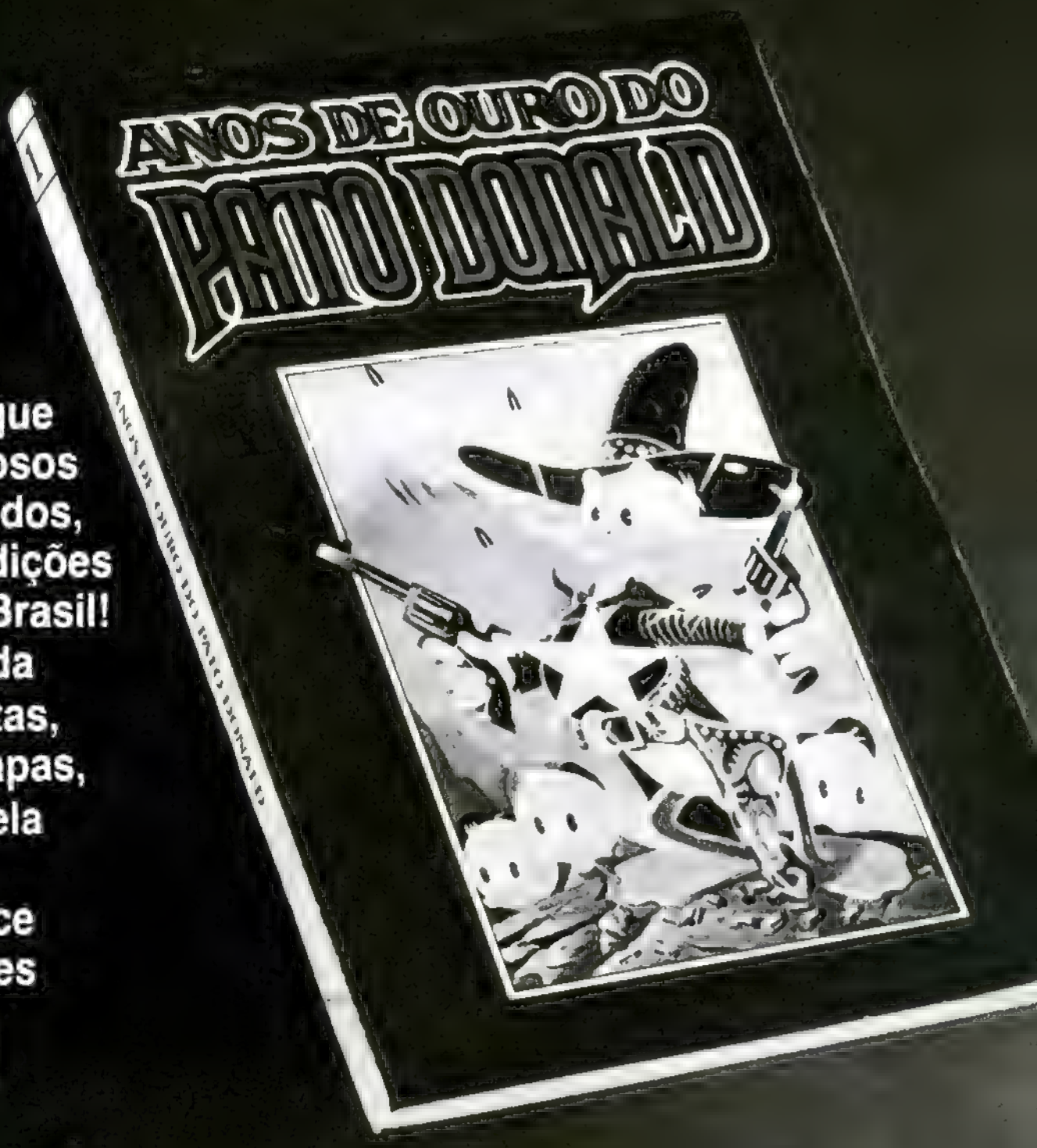
EQUIPAMENTO

INSTRUMENTO: **Trombone Master II da Weril, com bocal Holton 47.**
EFEITOS: **SPX 90 Yamaha, pedal oitavador Boss (ambos para "aumentar a emissão e complementar a sonoridade") e Digital Delay Boss ("para efeitos de eco").**

LANÇAMENTO HISTÓRICO!

© 1988 The Walt Disney Company

EDITORA ABRIL



Uma coleção mais que especial! Três luxuosos volumes encadernados, com as primeiras edições do Pato Donald no Brasil! Uma raridade! A cada volume, sete revistas, inclusive com as capas, e no formato daquela época! Ninguém pode perder a chance de ter nas mãos estes exemplares dignos de colecionadores!

TIRAGEM ÚNICA E LIMITADA!

NAS BANCAS, O N.º1

ANOS DE OURO DO
PATO DONALD

SÉRIE
GRAPHIC NOVEL
2

O melhor das HQ, numa coleção especial que vai mostrar os trabalhos mais incríveis dos maiores autores de quadrinhos do mundo!

Depois do grande sucesso de X-Men, chega às bancas Graphic Novel 2, com DEMOLIDOR! Você vai ficar alucinado com esta obra magnífica assinada por Frank Miller e Bill Sienkiewics.

© 1988 Marvel Entertainment Group, Inc.

NINGUÉM PODE PERDER!

QUADRINHOS SUPER-HERÓIS, SEMPRE NA VANGUARDA.

EDITORA ABRIL

GILBERTO GIL & CAETANO VELOSO

Foi uma decepção para quem queria ver Caetano e Gil em um show conjunto como no Barra 69, a despedida antes de embarcar para Londres

Barra 88

Centro de Convenções (Salvador) 28/02/88

Atrasado devido às chuvas da noite anterior e ofuscado pela presença arrepiante do Legião Urbana na cidade, o show que reuniu a banda Egotrip, Gilberto Gil e Caetano Veloso ficou no banal, atraindo pouco mais de duas mil pessoas num espaço onde cabem quinze mil. Coisas de final de verão na "Bahia de Todos os Afros", onde os donos do espetáculo eram ratos da casa.

A Egotrip abriu a noite recebendo algumas vaias mais do que merecidas, porque, convenhamos, o tecnopop sub-Heróis da Resistência que a banda faz é um lixo. Só mesmo a presença do filho do candidato à prefeitura de Salvador, Pedro Gil (bateria), justificou a presença da banda abrindo a noite, com o devido apadrinhamento do pai coruja e do "titio" Caetano. Ok, tanto Pedro Gil (o melhor instrumentista) como os outros integrantes da Egotrip (Arthur Maia, baixo e vocais, Nando Chapas, guitarras e vocais, e Francisco Frias, guitarras, teclados e programação de computação) são músicos razoavelmente competentes, mas o resultado final dos seus trabalhos deixa bastante a desejar — letras medíocres e som perdido em meio à alta tecnologia. Nem mesmo a presença atabalhoada de Caetano Veloso no palco, para cantar a sua parceria com a banda (a lastimável "Sentido"), empolgou o público, que ainda teve de ouvir discursos pueris.

Na seqüência, a qualidade deu o ar de sua graça, com Gilberto Gil acompanhado apenas de seu violão e mandando ver sua inspirada poesia e suingue, ainda que para decepção de alguns, que sonhavam assistir a um show conjunto com Caetano — fato que não ocorre há anos. É, nem sempre os sonhos são coloridos, mas com Gil jamais fica em PB. Desfiando algumas pérolas do seu repertório — como "Cores Vivas", "Tradição", "Rouxinol", "Super-Homem — a Canção" e "Não Chore Mais" (a versão para a música de Bob Marley) —, ele aproveitou para tocar como se estivesse numa festa de amigos. E, de fato, estava. O único deslize (ninguém é perfeito) ficou para o final, quando a Egotrip retornou ao palco para, juntos, cantarem a abominável "Punk da Periferia".

Por fim, a presença de Caetano Veloso se despedindo das suas férias baianas anuais, com o mesmo show que vem realizando desde o lançamento do seu último LP. Um show simples e despojado, com as presenças brilhantes de Toni Costa, na guitarra, Tavinho Fialho, no baixo, e Carlinhos Brown, na percussão, onde o artista deixou de lado a retórica fácil e vazia para apresentar sua música privilegiada. Desencavando músicas do seu próprio repertório, como a pop "Superbacana", ou mais recentes, como "Você é Linda", sem falar em antologias da MPB, como "Valsa de uma Cidade", de Ismael Neto e Antonio Maria, e "Charles Anjo 45", de Jorge Ben — um ídolo confesso —, Caetano deu o seu recado numa boa. Não faltou, é claro, seu lado de "neguinha da Ribeira" (bairro suburbano de Salvador) com requebros e trejeitos para cantar "Eu Sou Neguinha" e "Vamos Comer", a essa altura com a presença de Gilberto Gil dando uma força no vocal, depois de apresentar seu "Rock do Segurança". Mas a maior presença da noite ficou anônima por vontade própria: Paul Simon, na platéia

Hagamenon Brito

Fotos Elcio Garrido Azul

8 PLEBE RUDE

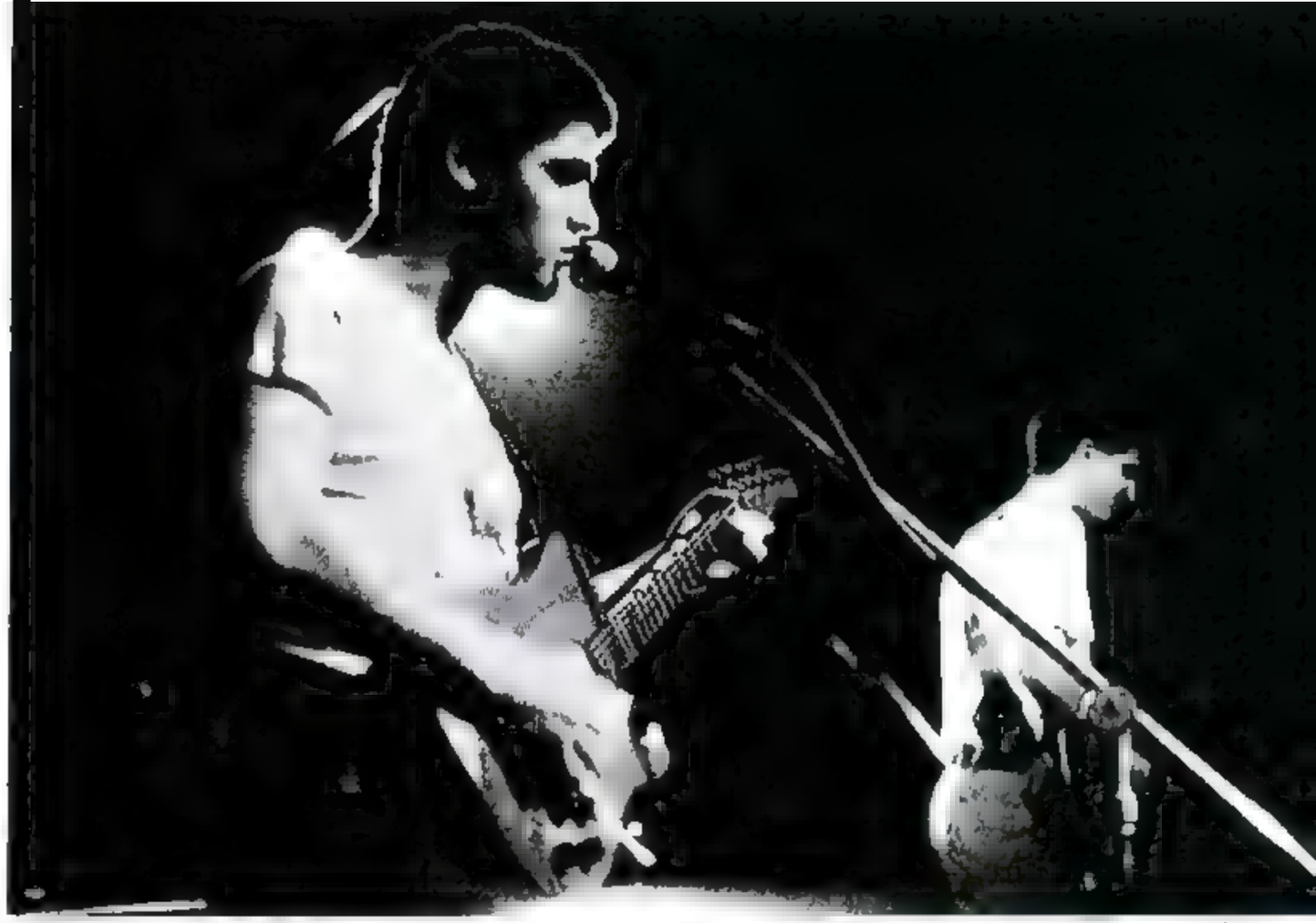
CÓLERA

Fúria e cansaço

Circo Voador (RJ)
26/02/88

A amizade entre o pessoal das bandas Cólera e Plebe Rude se iniciou há pouco mais de um ano, quando se apresentaram numa mesma noite sob a lona voadora numa jam com os integrantes das duas. Por isso, quando o Cólera esteve em turnê pela Europa, incluiu no repertório "Até Quando", da Plebe, e esta, por sua vez, insere o refrão de "Pela Paz em Todo o Mundo", do Cólera, em algumas músicas no repertório dos shows recentes.

É nada mais adequado que um novo show com as duas bandas para animar um fim de semana no Rio e reunir tribos que só se encontraram lá no Circo, o espaço mais democrático para shows do Rio. A Plebe encerrava a turnê de lançamento de *Nunca Fomos Tao Brasileiros*, e o Cólera saciava a sede de seus fãs cariocas.



A Plebe (Jander e Philippe, na foto) estava pouco rude, mas o Cólera mostrou tudo o que pode

Ana Paula Camarinha / Azul

Quem abriu a noite foi a banda Atrito, que não provocou sequer faíscas. Em seguida, com uma platéia inflamada, foi a vez do Cólera, que fez um dos seus melhores shows nestas terras molhadas. Redson, Val e Pierre estavam com a corda toda e mostraram crescimento em cena, com poucos buracos entre as musicas, menos discursos, uma boa sequencia, num show de longa duração. Quase mataram a platéia, que dançou em torno de uma hora e meia, quase até cair, mergulhou do palco e tudo o mais

O lobo solitário encerra a turnê de Vida Bandida: *muda de banda, Lobão!*

Geraldo Luis Grimas Azu

LOBÃO

Antes só...

Projeto SP
06/03/88

final da turnê nacional do LP *Vida Bandida*. A pista do Projeto SP está lotada de adolescentes saudaveis e devidamente arrumados. O contraste é grande com a figura desleixada do *bad boy* uivador que adentra o palco de guitarra em punho cantando "Vida Louca Vida". A cada apresentação de música, um ligeiro discurso com a língua estalando no palato. E ele nem sequer perde a oportunidade de dedicar "Canos Silenciosos" à polícia. Não há dúvida: Lobão é o único artista nacional que veste a camisa do trinômio completado pelo rock'n'roll e pelo sexo. Emoções baratas: vida bandida!

Mas, se seu carisma arrasa, o mesmo nao pode ser dito de sua banda. Os Marajás Apedrejados uma referência ao episódio policial ocorrido no interior mineiro. O tecladista Renato Ladeira, ex-Erva Doce, com seus cabelos longos, barba e barriga evidente, fornece a silhueta da coisa. A banda é uma caricatura visual e sonora do que há muito foi fossilizado no rock. Solos de guitarra meio heavy, caixa de bateria sobressaindo linearmente (estilo mixagem de Steve Lillywhite nos LPs do U2 e Rolling Stones) sao banalidades que soam como um comercial de refrigerante — e o próprio Lobão brinca com essa hipotese, inocentíssimo, ao anunciar um solo de guitarra.

O melhor momento do show acontece quando o grande lobo assume as baquetas e manda ver uma implosão de cozinha de esco-

que não pode faltar numa boa punk *session*

Muitos minutos depois foi a vez da Plebe Rude, que, não se sabe por que, vem caindo muito de pique de show para show. Embora com uma boa aparelhagem, que inclui alguns amplificadores Marshall, baixo e guitarra sem fios e uma bateria da melhor, a Plebe não empolgou, não fez a poeira levantar como nos velhos tempos. O que está acontecendo? Philippe se esforça, mas aparenta cansaço. Jander está ausente. Gutje não tira o som que poderia de sua imensa bateria. André é o que mantem o mesmo estilo de sempre, *poseur*, e apenas tocando direito. O roteiro das músicas foi disperso, sem um crescendo. Talvez eles estejam precisando de férias

Enquanto a Plebe precisa recarregar as baterias, o Colera só cresce de popularidade entre punks, trashers e skatistas — que radicalizaram e soltaram por três vezes bombas de gas lacrimogênio no meio da galera, o que fez muita gente ir para casa espirrando e chorando. Isso não se faz, certo? *Tom Leão*

la de samba capaz de atordoar qualquer ouvinte de speed metal Não foi à toa que ele andou batucando pelo sambódromo. Mas foram suas intervenções "intimistas" (uma acompanhado pelo baixista Roberto Lee e duas com o saxofonista Zé Luiz, os dois marajás *de fato* apedrejados) as que mais cabelos arrancaram da platéia tambem pudera, ja que entre as músicas estavam os hits "Me Chama" e "Noite e Dia". O que, contudo, não quer dizer tanto assim, pois o publico, de modo geral, vibrou com cada cançao. Até mesmo com "Homem Baile", uma boa e ignorada faixa do LP *Cena de Cinema* (o primeiro), que jamais tocou em rádio. Aí é que está o ponto, como dizem os ingleses. Qualquer outro cantor, à frente dessa banda, levaria pedras, ovos e tomates. Lobão, entretanto, é um rock star. Ele nem precisava pagar o salário de seus marajás! *Marcel Plasse*

FAITH NO MORE

Jackson Five, rap, Zeppelin, Devo e muitas gramas de paranóia: receita para derreter a neve

Trajes menores

Marquee (Londres) 05/02/88

huck, o cantor de cabelo rasta, gosta de rap e Jackson Five Jim, guitarrista, de Led Zeppelin e Hendrix. Billy gosta de Wagner; Roddy, de Devo. Mike, o baterista, parece um dos mendigos que habitam o metrô de Londres Eles só têm duas coisas em comum: todos se odeiam e todos fazem parte do Faith No More. O FNM é da Califórnia, paraíso dos skatistas e acaba de lançar seu primeiro disco, *Introduce Yourself*.

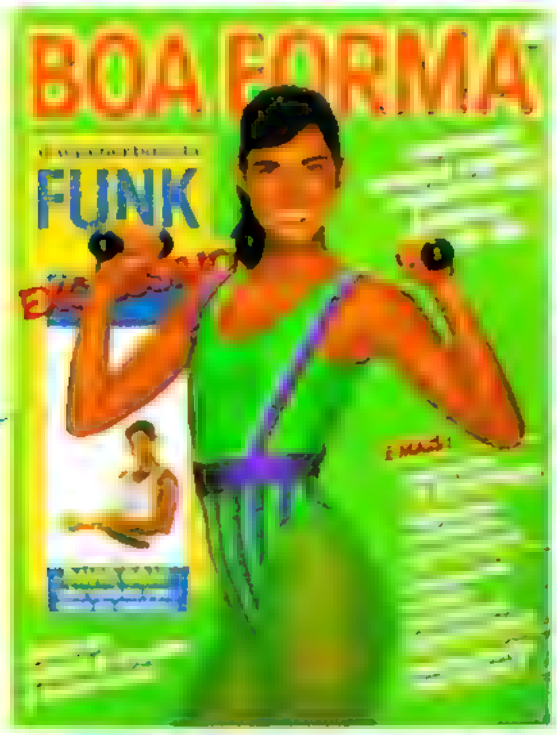
O show de estréia em Londres atraiu um publico de metaleiros, skatistas e skinheads. Depois de mais de uma hora de heavy metal, eles entraram de ternos xadrez, bermudas de skatista, óculos escuros. Durante uma hora e meia eles despejaram um som poderoso em cima de uma platéia alucinada. É difícil definir o estilo do Faith No More... Dizer que eles soam como uma mistura de rap com heavy metal é simplificar a questão. A música deles não é *sobre* paranóia, ela é paranóica: completamente esquizofrênica, insana, um som catártico que acompanha letras sobre amores bizarros e violência. "Chinese Arithmetic" é sobre sexo; o hit "We Care a Lot", que invadiu as rádios londrinas, fala ironicamente da overdose de eventos de caridade nos anos oitenta

Nas primeiras duas ou três musicas é o espanto que domina e paralisa mas, em algum ponto no meio do caminho, o corpo ja se entregou, e o Faith No More invade também o cérebro. A mistura é mágica, e eles ousam até uma versão muito especial e pessoal de "Stairway to Heaven", para a felicidade dos metaleiros presentes. O humor fica por conta do pout-pourri de "Sanctify Yourself" dos Simple Minds e "With or Without You" do U2, já no bis, quando o grupo voltou... de cuecas.

O público pulou, chutou, se atirou do palco e suou sem descanso. So perdoei as pisadas no pe que levei do cara ao meu lado porque era Steve Mack, cantor do That Petrol Emotion, vendo seus conterrâneos incendiarem o inverno inglês

Anamaria G. de Lemos

REVISTA



em ritmo de FUNK

com DAVID GRAY

E MAIS
- CEPEUSP - um estilo de vida saudável na universidade.
- Meias da moda para enfeitar e acelerar seu pique.
- JORNAL DA BOA FORMA - todas novidades do mundo do esporte.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

AO VIVO

ENGENHEIROS DO HAWAII

Humberto, tocando para a platéia que canta

Chegando à capital

Teatro Ipanema (RJ)
02 e 03/03/88

segundo LP dos Engenheiros do Hawaii — *A Revolta dos Dândis* — trouxe para o grupo o merecido respeito da crítica. E aumentou a atenta legião de fas que eles angariaram desde que emplacaram uma das canções mais fortes da nova geração da música brasileira — "Toda Forma de Poder". O novo integrante, Augusto Licks, que a princípio causou preocupação por sua forte ligação com o "popular" e o blues — meio distante, portanto, do rock cru —, dissipou todas as dúvidas nesse coeso e forte show *bem* no centro de uma das capitais: o Rio de Janeiro. Após vários shows pelos interiores afora, Augusto assimilou, via energia da platéia, como debulhar a guitarra sem prejudicar seu estilo — melodioso e repleto de sutilezas.

As canções também sofreram algumas mudanças nos arranjos. "Retrato de Bolero", uma balada que, ao fim e ao cabo, se transforma num rancoroso e forte rock'n'roll, ganhou força de interpretação com as distorções acrescentadas por Augusto. "A Revolta dos Dândis I", o hit desse disco terminou com um clichezão de rhythm'n'blues. "Toda Forma de Poder" iniciou com teclado e fez o público levantar quando se tornou mais evidente. A novidade no repertório foi a inclusão de "Carecas da Jamaica", do conterrâneo gaúcho Nei Lisboa, em arranjo rock.

O "Anjo Exterminador" — como Carlos Maltz (bateria) chama seu parceiro, Humberto Gessinger manteve sua sutil eficiência em levar a platéia a segui-lo com toques e gestos quase imperceptíveis. Voz e interpretações exatas para um discurso de rara poesia, lucidez e simplicidade no cenário do rock brasileiro.

Mas o ápice do espetáculo ficou mesmo na dobradinha planejada para o centro do show, incluindo "Terra de Gigantes" — que, embora pouco tocada nas FMs, foi ouvida em silêncio quase religioso, arrancando aplausos emocionados da platéia — e "Infinita Highway", o hit eleito pelo público.

Para o bis, eles guardaram "Segurança" — outro hit de 87 — e repetiram "Infinita Highway". Rostos gratificados deixavam o teatro. No sábado, recorde de público do Teatro Ipanema. Na quinta, um espectador subiu ao palco com uma gaita para acompanhá-los em "A Revolta dos Dândis II". Na quarta, rosas de alguma fã no camarim.

Há ainda quem torça o nariz para eles. Mas, neste mundo de muito merchandising e pouca fantasia, a intenção e o resultado da música e poesia dos Engenheiros do Hawaii é clara e simples: cai a tarde e alguém vai ver o show de sua banda preferida. O que pode ser maior?

Sônia Maia

Ricardo Siqueira Azul

THAT PETROL EMOTION

Dose exata

Town & Country Club (Londres) 02/02/88

That Petrol Emotion resolveu quebrar o silêncio de alguns meses para presentear o público londrino com um show em benefício da Campanha de Solidariedade à Nicarágua. Uma bela oportunidade para ouvir boa música, dançar e ainda sair com a consciência mais leve.

O grupo anglo-americano Voice of the Beehive abriu o show com um pop levinho conduzido por duas cantoras no estilo B-52's. O hit "I Say Nothing" é divertido, mas o resto das músicas não chega a despertar maior interesse.

Depois de quase dez minutos de luzes apagadas, gelo-seco e um som ensurdecedor, o That Petrol Emotion aparece. Delírio total do público. Já começaram atacando com "Genius Move". A presença do cantor Steve Mack, com sua bermuda colorida e jaqueta de couro, é eletrizante. Tomado pela música, ele parece estar numa pista de dança e não no palco. Não faltou um pequeno discurso: afinal, era preciso lembrar que estávamos ali pela Nicarágua. O grupo é um dos mais engajados na condenação da violência "política" — princípio inerente a sua garagem de origem: a Irlanda.

O clássico "Big Decision" inaugurou o frenesi geral. Fora do foco principal, Sean O'Neill (guitarra) e seu irmão Damian (baixo) parecem não ter saudade do tempo em que seu pop trabalhista militava nos Undertones. Em meio a várias músicas novas, sempre com a mesma energia alucinante, eles tocaram principalmente as obras-primas do segundo LP, *Babble* (1987): "Swamp", "For What It's Worth" e a supercontagiante "Creeping to the Cross".

Apesar dos problemas com troca de gravadora (*Babble* saiu pela Polygram e poderia ser lançado no Brasil...) e de ainda não terem chegado às paradas, 87 foi um bom ano para o grupo, com o sucesso do LP e da turnê. A banda agora está mais acertada, sabendo usar todas as suas qualidades na dose exata: letras político-eróticas, melodias fáceis mas nem tanto, muita guitarra e o charme de Steve Mack. O que mais se pode pedir?

Anamaria G. de Lemos

Steve Mack, de bermudas e discursos esquerdosos

IMPORTADOS
É NA CASA TOMMASI!

E muitos outros modelos!

casa tommasi
música e instrumentos ltda.

Viaduto Santa Ifigênia, 255
Fones: 228-1600 - 228-8136
Cep 01207 - São Paulo - SP

casa tommasi

BIQUÍNI CAVADÃO

Pimba na gorducha

Teatro Ipanema (RJ)
06/02/88

Talvez tudo tenha começado assim meio de brincadeira, diversão adolescente: juntar um grupo de amigos e levar um som, numa garagem qualquer ou numa sala do Colégio São Vicente de Paula. O anonimato acabou quando uma demo foi parar na Rádio Fluminense FM, levando "Tédio" ao alcance de todos. A partir daí, a bola-de-neve, chamada progresso ou mesmo evolução, não parou mais de crescer. Bem redondinha, diga-se de passagem.

De repente, ali estavam eles: dois LPs lançados, inúmeros shows nas costas e, mais uma vez, teatro lotado. O Ipanema estava repleto dos mais variados tipos físicos daquela faixa etária entre 12 e 18 anos e mais algumas que estouraram esse limite, tanto para cima, como para baixo. Faz diferença?

O Biquini Cavadão amadureceu, e bastante. Não é "A Melhor Banda de Rock do Brasil". Provavelmente nunca pensaram (muito) nisso. Daí esse amadurecimento seguro e sem grandes traumas. Daí se permitirem fazer certas coisas com a maior naturalidade. Como recomeçar uma música quando o resultado final não foi satisfatório. Ninguém reclamou e os aplausos foram a resposta.

O som vinha potente das caixas, talvez até forte demais para o pequeno e estreito Ipanema. Estão tocando bem, principalmente Coelho, o guitarrista, criando econômicos, porém precisos, solos. Os ritmos são básicos, se permitindo contudo leves passeios, ora por um suingado funk, ora uma batucada neo-sambista, sem, em momento algum, deixar a temperatura cair.

Na estréia, num misto de bom humor e ressentimento, leram a crítica de BIZZ em voz alta sobre o seu *A Era da Incerteza*, levando a platéia ao delírio. Agradando a gregos e nem sempre a troianos, uma coisa é certa: o Biquini Cavadão não tem mais espinhas no rosto. Nem marcas

Carlos Albuquerque

MARINA

Coitus interruptus

Palace (SP)
10/03/88

Marina morena... Entra no palco com guitarra negra, tira o casaco meio casual/meio strip e fica sem jeito quando atiça a libido da platéia. Marina canta que sexo é bom. Ao fundo, como cenário, a representação sutil de uma vagina recortada num retângulo vermelho. O estilo é vulgar-chic, como ela própria definiu à imprensa na véspera.

Sua voz é estimulante. Não há cantora que a rivalize em bossa. Sua performance, entretanto, ainda é tímida, embora ela saiba transformar isso em charme. No palco, é puro fetiche. Especialmente quando as canções realçam suas possibilidades bissexuais. Arrepios sacanas: "Uma menina me ensi-

Cicciano/Azul

ECHO & THE BUNNYMEN

Viagem insólita

Roseland (Nova York)
05/02/88

Roseland é um *ballroom* — um salão de dança onde, antigamente, o pessoal ia rodar e paquerar ao som de uma orquestra. Nos anos 20 tocava swing; nos 40, bebop; nos 70, disco. Aliás, foi no Roseland que os disc-jóqueis começaram a misturar faixas, apagar as vozes, os "scratches" e tudo mais que fez o estilo disco e agora faz a delícia dos rappers. Atualmente, a decoração da casa é uma mistura de todas essas épocas, desde o carpete com enormes rosas vermelhas até os bares em madeira e espelho. Num painel da entrada tem uma lista dos casais que se conheceram no Roseland. O mais antigo foi em 1927, o mais recente em 1984...

Ian McCulloch deve gostar deste ambiente, porque os Bunnymen já tinham tocado aqui antes, em 84. Essa foi a época de *Ocean Rain*, quando o público norte-americano ainda achava a música deles meio esquisita. Agora, várias turnês depois, o Echo & the Bunnymen até pode se dar ao luxo de tocar músicas de outros que todo o mundo identifica o som. "Paint it Black", dos falecidos Rolling Stones, e "Run, Run, Run", do morto/vivo Velvet Underground, ganharam outro sabor no estilo espacial dos Bunnymen — uma delícia.

Ian "Echo" continua a beber e a fumar enquanto canta, segurando tudo ao mesmo tempo e escorregando pelo microfone como se estivesse prestes a desmaiar. E o som continua a ser uma viagem no espaço/tempo, subindo, subindo, se perdendo lá em cima nas alturas sem nunca perder o pique cá em baixo. Já chamaram a este som de "pós-psicodélico", o que eu acho um pouco fora de propósito, porque o estilo dos Bunnymen é tudo, menos ácido e flores; mas reconheço que faz viajar do mesmo jeito. As pessoas ouviam como num sonho, ou numa sonolência, presas nas espirais do fumo do Marlboro de Ian, soltas num universo muito maior que o Roseland. E o Echo sempre tão frágil, sempre soltando as palavras como bolas de sabão presas na garganta, olhos fechados...

Vou-lhes contar: a música dos Bunnymen é tão boa como os ácidos dos anos 60, daqueles que quando a gente entrava, nunca sabia como ia sair. Mas agora é melhor; não tem perigo e a gente sai numa ótima. *José Nogueira*

nou/Quase tudo que eu sei" ("Ainda é Cedo") e "Um homem pra chamar de seu/ Mesmo que seja eu" ("Mesmo que Seja Eu"). Virgem Marina!

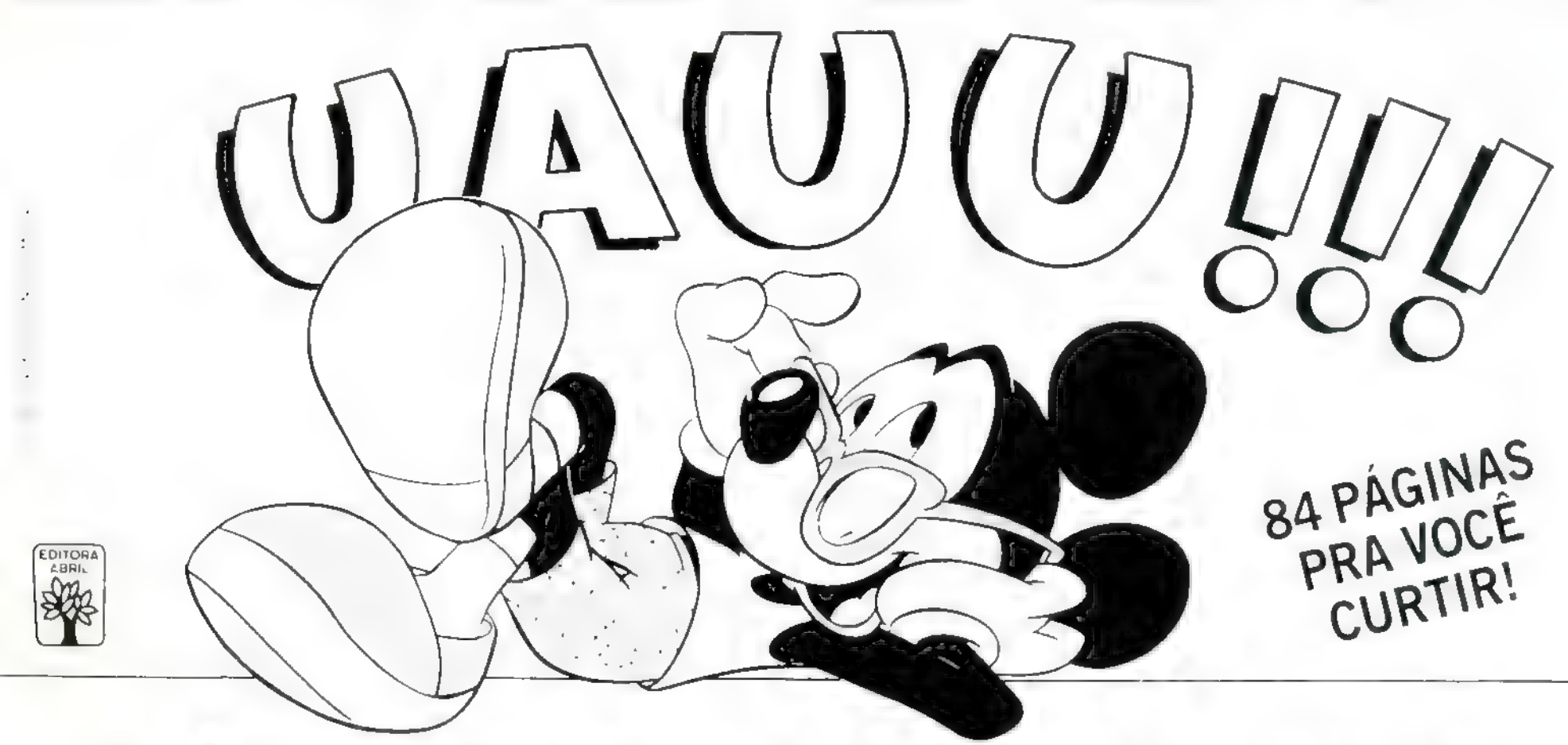
O repertório continua monopolizado pela fase *Todas ao Vivo*, apesar do show ser a pretexto do lançamento do LP *Virgem*. Não há dúvida que o material anterior é superior. Ainda assim, a canção mais aplaudida é o momentâneo hit "Uma Noite e Meia". Mas seu sucesso é paradoxal. Sua longa introdução "romântica", letrinha atrevidinha, refrão banal e solos de guitarra *soft metal* só cristalizam a indefinição musical de suá intérprete.

Marina ataca "todas" — as direções musicais. Mas nem todos do público conseguem ser tão ecléticos. Os momentos mais "intimistas" do show, por exemplo, não alcançaram o êxito de congelar a respiração da platéia... A própria banda ajuda na dispersão, forçando uma convivência conflituosa entre sax, teclados e guitarra, sobrepostos em arranjos/saladas de pastiches de jazz, blues e rock. Como se não bastasse, ainda dá mostras de virtuosismo em burocráticos solos instrumentais.

A canastrice musical culmina com uma ilustração de Marina cantando, sentada numa cadeira, à la Liza Minelli num canto do palco... O apetitoso atrevimento juvenil se transforma em gordurosa musak. *Coitus interruptus*... Claro que ela termina o show abraçada com a banda, curvando-se à platéia, extremamente Broadway.

Todas? Algumas? Nenhumas? Marina: a voz, os trejeitos e a sedução envoltos em música empastelada

Sobra a sensação de que o único balanço positivo foram suas curvas, apertadas num jeans e numa camiseta preta. Contudo, "bundinhas de fora" e "topless na areia" não bastam. Marina ficou devendo, no mínimo, *algumas!* *Marcel Plasse*



WALTER FRANCO
REVOLVER (1975)

"Apesar de tudo muito leve", cantava esse paulista de formação universitária, em plena época da barra-pesada. A sabedoria de Walter Franco está reunida no *Revolver* e no seu precursor, o enigmático "disco da mosca", de 73, que tem as antológicas "Me Deixe Mudo" e "Cabeça" (defendida por ele, grande campeão de vaias, no último FIC da TV Globo). Os dois discos são fundamentais, mas foi *Revolver* que antecedeu e indicou direções mais atuais — ainda — para a música popular brasileira, graças ao tratamento mais "roqueiro" (arranjos eletrificados, uso de efeitos e outros recursos de estúdio) dado a suas composições.

Como um trovador extraviado da geléia geral da Tropicália, ele cria miniaturas, paisagens sonoras independentes entre si, dando corpo a um trabalho extremamente rico na combinação de poesia e música (os arranjos ficaram a cargo do baixista Rodolpho Grani Jr.). No fundo, a concepção entre palavra e som na música de Walter Franco é indissolúvel e indivisível. Ele trabalha o ritmo da palavra, desdobrando-a com pausas curtas e respirações alongadas, criando novos sentidos a partir de frases breves, como na lancinante "Apesar de Tudo É Muito Leve". Walter já tinha evoluído muito além da letra colegial/adolescente, que marca o rock dos 80. "Nothing" é um exemplo da construção complexa que faz a partir de elementos extremamente simples: "Nothing to see/ Nothing to do/Nothing today/About me/I am not happy now/I am not sad". Junto com "Feito Gente" — ambas deste LP — e "Canalha" (de 79) forma o tríptico pré-punk anos antes do retardatário punk tupiniquim.

A poesia de Walter evoluiu em duas direções: uma decorrente da influência da filosofia oriental e outra que aborda a agressividade urbana. Da primeira ele herdou a utilização da forma mântrica-circular da frase que retorna sobre si mesma, ou que se revela por etapas, palavra por palavra, como em "Mamãe D'Água" (o verso "Yara eu" vai sendo acrescido de palavras até formar "Yara eu te amo muito mais agora é tarde eu vou dormir") e no famoso hai-kai caleidoscópico de "Eternamente" ("Eternamente/É ter na mente/Éter na mente/Eterna mente/Eternamente"). Como se vê, novos significados vão surgindo a cada nova palavra que se desdobra a partir da inicial. É um procedimento em sintonia com a poesia moderna, em especial, pelos minimalistas americanos, como Gertrude Stein, e.e. cummings e, no teatro, Bob Wilson.

Na concepção musical do LP, tentou-se esgotar as possibilidades de um estúdio de dezesseis canais, com utilização de play-backs em sentido contrário, saturação de freqüências e pré-mixagens. A complexidade do trabalho desenvolvido com a sonoridade da bateria — que além de usar filtros de freqüências, serve-se às vezes de outra bateria — o levou a utilizar dois bateristas nos shows. A combinação dos instrumentos acústicos — principalmente os tambores e tumbadoras que reforçam o clima tribal/meditativo de algumas letras — com os teclados e guitarras sintetiza as boas influências da música contemporânea e do rock.

Os últimos vinte anos de música no Brasil atestam que *Revolver* não perdeu sua atualidade. Continua pulsando de idéias, novas até para o ouvido da era digital. O percurso posterior de Walter Franco seguiu outras direções, principalmente o caminho das baladas meditativas. Mas de quem elaborou dois LPs de tamanha criatividade e inteligência, podem-se esperar sempre novas surpresas. Por enquanto, a Continental Discos bem que poderia relançar *Revolver* (ele já chegou a ser relançado em 79, mas é muito difícil encontrá-lo hoje nas lojas) e o "disco da mosca" (também conhecido como *Ou Não)*, que está igualmente fora de catálogo e é outra pérola da música popular brasileira.

Livio Tragtenberg

EDITORA AZUL

Editor e Diretor
VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Fa
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Ros

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editores: Alex Antunes e José Eduardo Mendonça
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Peruc
Editora Assistente: Bia Abram
Redação: Celso Sales Pucci, Thomas Papp
Reportagem: Sonia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assa

ARTE
Editor: Rodolfo Tuc
Chefe de Estúdio: Deise B
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Hered

Atendimento ao Leitor: Marisa Adan Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahia (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joe (Londres)
Colaboradores
Texto: Carlos Albuquerque, Eliana Thomé, Hagamenon Brito, Hermano Vianna, Jean Yves Neufville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Antonio Giron, Marcel Plasse, Paula Matolli, Tom Leão, Montanari e Walter Silva
Arte
Fotos: Claudia Thompson, Ciclano Kid e Marcelo Faustini, Rui Mendes, Z. Vivar
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juárez

Diretora Responsável: Lieqe de Lima Doria Caste

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos A
Gerente: Julio César Ferr
Contatos
Produção Gráfica Publicidade-Gerente: Edna K. Burg

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baron, gerente, Escritórios - Milão
Nova York
Paris
42 66 31 18 Telex ABR LPA 66
Departamento de Documentação
Gerente
Serviços Fotográficos - Gerente

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mira
Gerente de Produto
Gerente de Circulação
Promoção: Vani de Pier

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda
Pedro Frazão e Vera Helena
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto

BIZZ — São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência
Telegramas
Rio de Janeiro
Distribuidor em Portugal
Assinatura anual
Números atrasados

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA FLUIR

S U R F É F L U I R

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

FRIPP COMPLETO

Gostaria de saber a discografia de Robert Fripp, sua atual gravadora e se existe alguma possibilidade de contato direto com ele. **Luiz Afonso Munari, Sombrio — SC**

A carreira do guitarrista Fripp começa no vinil com o LP The Cheerful Insanity of Giles, Giles & Fripp *(68), onde o trio já amarrava suas canções com vinhetas engraçadas, um prenúncio dos álbuns "conceituais" do rock progressivo. Em 1969 surge o King Crimson, banda liderada por Fripp — veja detalhes sobre o primeiro LP,* In the Court of the Crimson King, *na Discoteca Básica da BIZZ 6. Uma boa vintena de músicos, desde o pianista de vanguarda Keith Tippett até o vocalista do Yes, Jon Anderson, alternam suas participações nos próximos discos:* In the Wake of Poseidon *(70),* Lizard *(71) e* Islands *(72), em uma mescla de rock, jazz e música sinfônica. Após um álbum gravado ao vivo nos EUA,* Earthbound *(72), a banda acaba para reaparecer no ano seguinte com uma formação fixa: Bill Bruford (ex-Yes) na bateria, John Wetton (ex-Family) no baixo e voz, David Cross (violinista erudito) nas cordas, Jamie Muir na percussão e a guitarra de Fripp. Seguem-se os álbuns de* free rock: Larks Tongues in Aspic *(73),* Starless and Bible Black *(74, já sem Muir) e* Red *(74). Um novo LP ao vivo,* USA *(75), decreta a segunda morte do Crimson. Fripp coordena o lançamento de uma coletânea dupla com algum material inédito,* A Young Person's Guide to King Crimson *(76), e retoma com Brian Eno seu trabalho minimalista — iniciado em* No Pussyfooting *(72) —, agora com* Evening Star *(75). Um retiro de três anos, quando Fripp se dedica a estudos místicos, prepara sua volta, precipitada pelo movimento punk (que confirma suas previsões sobre o ressurgimento de um rock primitivo).* Exposure *(79) é o álbum em que ele exorciza todas as suas fases, da canção à música ambiental, com participações de Peter Gabriel, Peter Hammill, Daryl Hall e outros convidados. O período seguinte é o dos LPs* God Save the Queen / Under Heavy Manners *(80) e* The League of Gentleman *(81), detalhado na seção "Lançamentos" (veja página 16), seguidos pelo disco de "frippertronics" puro* Let the Power Fall *(81). Em 82 Fripp inaugura sua colaboração com Andy Summers, do Police, em* I Advance Masked, *a qual também renderá o LP* Bewitched *(85). Ainda em 81 Fripp apresenta uma nova formação fixa, incluindo Bruford, Tony Levin (supermúsico de estúdio) no baixo e stick e Adrian Belew (ex-Zappa e Bowie) na guitarra e voz. A banda, que se chamaria Discipline, acaba rebatizada como King Crimson.* Discipline *(81),* Beat *(82) e* Three of a Perfect Pair *(84) é a trilogia dessa formação. Em 85 Fripp recolhe-se novamente, deixando as remixagens de* God Save the King *(veja Lançamentos) e do EP* Network *(com faixas de* Exposure*). Fripp dedica-se, desde então, a dar cursos de uma técnica de guitarra desenvolvida por ele mesmo que, combinada com misticismo, pretende colaborar para o aperfeiçoamento do ser humano. Com os melhores discípulos de sua associação internacional de guitaristas registrou o LP* The League of Crafty Guitarrists *(86). Eles também aparecem em* The Lady or the Tiger, *gravado em parceria com sua mulher, a cantora e compositora Toyah Wilcox. Ainda nesse ano, Fripp compilou uma nova coletânea,* The Compact King Crimson, *com ênfase nas faixas de* In the Court... *e* Discipline. *Todos os discos do Crimson foram lançados no Brasil, exceto* Earthbound *e as coletâneas, mas a maior parte está fora de catálogo; dos solos e colaborações, saíram aqui apenas* Exposure *e* God Save the King. *Também recomendáveis são as participações de Fripp em* Scary Monsters *de Bowie,* Fear of Music *dos Talking Heads e* Another Green World *de Brian Eno (entre inúmeras outras ao lado desses artistas e de Peter Gabriel, Blondie, Van der Graaf, Phil Manzanera, Roches, Daryl Hall etc.). A gravadora de Fripp e do King Crimson é a E.G./Virgin, representada no Brasil pela RCA. O endereço da associação dirigida por Fripp é: The American Society for Continuous Education, Claymont Court, Rt. 1 PO Box 279, Charleston, West Virginia 25414, EUA. (Ainda no setor Discografias, registramos aqui dois erros cometidos na BIZZ 31: não foram citados os álbuns* Forever Breaths the Lonely Word *(86) e* Gold Mine Trash *(87) do grupo Felt.)*

DUAS CARAS

Ridícula a idéia da BIZZ de fazer duas capas para uma mesma edição (parece coisa do último disco do Chico). Pairam no ar dois climas distintos: insegurança (por não fazer uma escolha adequada no final) e ganância (para, digamos assim, "obrigar" assinantes e colecionadores a obterem as duas revistas). As duas últimas capas (BIZZ 29 e 30) estavam ótimas, arrasando, assim como a da Marina (31). Mas esta que eu recebi do Jesus & Mary Chain está simplesmente piegas. PS: Por acaso o Paulo Ricardo (ver capa) está bêbado mesmo ou só está fazendo a linha Liza Minelli/Maísa? **Claudio F. Sorrano, São Paulo — SP.**

Não entendemos a "pieguice" da capa do Jesus, Claudio, nem foram tão covardes e/ou mesquinhas as nossas intenções... Era possível ter optado por uma ou outra, sem qualquer receio. Por outro lado, seria delírio acreditar que com duas alternativas de capa a revista venderia o dobro, mesmo porque o conteúdo é exatamente igual! Apenas tentamos comparar, em uma mesma edição, a receptividade a dois temas tão diferentes entre si — e nem por isso menos interessantes — quanto Marina e o Jesus.

FÃS-CLUBES

Marina *Marina (M&L) Lima Fã-Clube,* Rua Volans, 130, CEP 12230, São José dos Campos — SP

Mercenárias — *Centro de Informações Mercenárias,* Caixa Postal 48370, CEP 03598, São Paulo — SP

Smiths *Fã-clube The Smiths,* A/C Adilson Elisio, Rodovia Régis Bittencourt, km 278,7, CEP 06800, Embu — SP

"A volta espetacular do ex-Beatle à linha de frente do rock. Seu melhor LP em dezoito anos".
(Revista Veja)

GEORGE HARRISON

cloud nine

wea

Roger Hodgson

EXPLODE A VOZ FINA DO SUPERTRAMP.

O ex-Supertramp Roger Hodgson (A voz fina de Dreammer, Logical Song e outras granadas históricas), acaba de lançar a sua obra-prima: O Lp *Hai Hai!* O disco pegou todo mundo de sopetão. Em *Hai Hai*, Roger Hodgson soltou toneladas de guitarras, teclados e, evidentemente voz, muita voz. *Hai Hai*, a explosão de Roger Hodgson, a voz fina e eterna do Supertramp.

Em discos e fitas PolyGr